

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia / PPGAN



TEMPO E ARQUEOLOGIA:  
experiências materiais e imateriais de Antártica

Sarah de Barros Viana Hissa

Belo Horizonte  
2012

Sarah de Barros Viana Hissa

TEMPO E ARQUEOLOGIA:  
experiências materiais e imateriais de Antártica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração:  
Arqueologia Histórica

Orientação:  
Prof. Dr. Andrés Zarankin  
(UFMG)

Belo Horizonte

2012

306 Hissa, Sarah de Barros Viana  
H673t Tempo e arqueologia [manuscrito] : experiências materiais e imateriais  
2012 de Antártica / Sarah de Barros Viana Hissa. – 2012.

122 f.

Orientador: Andrés Zarankin.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Filosofia e Ciências.

Entre tristes ires e alegres vires,  
para Glória e Gelta,  
e para Estevão

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao prof. Andrés Zarankin pela oportunidade de participar do projeto de arqueologia histórica na Antártica e pela orientação nessa pesquisa de mestrado. Mais importante, agradeço-o sinceramente pelo apoio, motivação e confiança, que têm sido instrumentais na minha trajetória e crescimento. Agradeço, também, à banca, prof<sup>a</sup> Tania Andrade Lima e prof. Marcos André Torres, pelos comentários. Alguns deles já foram aqui considerados, outros aguardam oportunidade para aprofundamento desta pesquisa.

Agradeço ao PPGAN: professores, colegas e Aninha. Às seguintes instituições, por fornecer bibliografia: INACH, Scott Polar Research Institute, New Bedford Whaling Museum, New Bedford Free Public Library, Manuscripts and Archives / Yale University Library e Society for clay pipe research. Também, à Marinha Brasileira e ao CNPq, pelo apoio logístico e financeiro ao projeto antártico brasileiro de arqueologia, sem o qual esta dissertação não seria possível. Aos marinheiros entrevistados, pela disponibilidade e abertura.

Agradeço a Ruben Stehberg, Maria Ximena Senatore pelas sugestões e pelo acesso digital às coleções arqueológicas do Chile e da Argentina. A Melisa Salerno e Michael Pearson pela indicação de algumas das fontes bibliográficas aqui utilizadas. A equipe de arqueologia brasileira na Antártica, pelo trabalho em conjunto.

Agradeço a Eliane e Paulo, pelo apoio, por vezes, mais que oportuno. Com afeto especial, ao meu pai e a Mara, pelas acolhidas e pelas leituras e comentários ao texto. Também, por preencher de mim as minhas ausências com os meninos. E a esses, pela alegria imensa que sempre me oferecem. À Carolina pelo apoio e carinho diários. À Letícia, pelas certezas e por fazer, das minhas batalhas, as suas próprias. Ao Danilo, pelo companheirismo constante e por ser o pai zeloso que é. Por final, agradeço carinhosamente à minha mãe, que me proporcionou tempo para finalizar esse trabalho.

"Os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem."

Marcel Proust

## Resumo

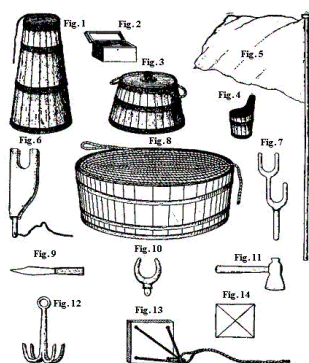
A Antártica é distinta de todas as outras regiões, desde a sua geografia única, passando pela história do seu descobrimento e exploração, até a maneira como a inserimos na nossa compreensão de mundo. É carregada de poesia e mistério, porém, entendida como essencialmente natural e não-humana. Contudo, houve incursões sazonais de *foqueiros e baleeiros do século XIX* até presenças atuais de *marinheiros*, que incorporaram a Antártica em suas experiências pessoais. Entre essas, a experiência, de ambos os grupos, da percepção da passagem de tempo é foco desse estudo. Características específicas da relação humana com a Antártica – sempre da ordem do temporário – e aspectos intrínsecos à percepção temporal – da consciência – são associados para compreensão do *tempo antártico*.

**Palavras-chave:** Antártica, arqueologia, século XIX, foqueiros, baleeiros, marinheiros, experiência, tempo, percepção.

## Abstract

Antarctica differs from other locations, from its unique geography to the history of its discovery and exploration/exploitation, and the way we insert it in our understanding of the world. It is filled with poetry and mystery, yet, understood as essentially natural and not-human. However, there were seasonal incursions of *sealers and whalers in the 19<sup>th</sup> century*, as well as present day *seamen*, who incorporate Antarctica in their personal experiences. Among those, both groups experience of the perception of time passing is particular is the focus of this study. Specific characteristics of human relations with Antarctica – always a temporary presence – and intrinsic aspects of temporal perception – consciousness – are associated to understand *Antarctic time*.

**Key-words:** Antarctica, archaeology, 19<sup>th</sup> century, sealers, whalers, seamen, experience, time, perception.



### Lista de Figuras

## Capítulo 2

Figura 1: Seqüência de fotos. O tempo antártico em momentos. Sarah Hissa, 2010.	48
Figura 2: Seqüência de fotos. Paisagem marítima. Fonte: LEACH.	51
Figura 3: Seqüência de fotos. Espaços dos navios polares brasileiros. Fonte: LEACH.	52
Figura 4: Seqüência de fotos. Trabalho a bordo. Fonte: LEACH.	54
Figura 5: Seqüência de fotos. Trabalho a bordo. Fonte: LEACH.	55
Figura 6: Seqüência de fotos. O navio e o porto. Fonte: LEACH.	57
Figura 7: Seqüência de fotos. O navio e imagens de Antártica. Fonte: LEACH.	60
Figura 8: Seqüência de fotos. Confraternização a bordo. Fonte: LEACH.	61



### Capítulo 3

- Figura 8: Mapa da região austral, incluindo as ilhas Malvinas, ilhas Shetland do Sul e o Cabo de Hornos. Fonte: Stackpole, 1955: 27. 69
- Figura 9: Região austral de caça foqueira, final do século XVIII e início do XIX. Fonte: Boone, 1968: 20. 70
- Figura 10: Gráficos de quantidade de navios x ano. Fonte: Headland, 1989, pgs: 41 e 43. 71
- Figura 11: Espécies de baleias: 1. Sperm whale. 2. California gray whale. 3. Humpback whale. 4. Sulphur-bottom whale. 5. Bowhead. 6. Finback whale. 7. Right whale. Fonte: Verril, 1916. 72
- Figura 12: Exemplo de pinípedes na ilha Livingston: elefantes marinhos (foto à esquerda) e foca (foto à direita). 73
- Figura 13: Objetos que remetem a atividades de trabalho, de defesa e de construção do abrigo. Procedência arqueológica, da esquerda para a direita e de cima para baixo: Prego, Sítio Cuatro Pircas (ilha rei George), fonte: Coleção chilena; Bala, Sítio Cuatro Pircas (ilha rei George), fonte: Coleção chilena; Fragmento de uma panela, Fonte: Coleção argentina; Estacas estruturais do abrigo, Sealer 3 (ilha Livingston), fonte: Coleção brasileira. 76
- Figura 14: À esquerda, fragmento de xícara de chá de louça em *earthenware*, decalque (*transfer print*) azul embaixo do esmalte (*underglaze*) associado a pinturas à mão (na borda da xícara), Procedência arqueológica: Rugged 1, Fonte: coleção chilena; à esquerda, fragmento de louça pintada à mão, em cor azul. Procedência arqueológica: Pinta Varadero, nível 1, Fonte: coleção brasileira. 77
- Figura 15: Fragmentos de recipientes em cerâmica. Procedência arqueológica: À esquerda, topo: Klotz fonte: coleção chilena; à direita, topo: Cuatro pircas, fonte: coleção chilena; À esquerda e abaixo: Pencas 3, fonte: coleção argentina; à direita e abaixo, Klotz, fonte: coleção chilena. 79
- Figura 16: À esquerda, luva de lã, procedência arqueológica: sítio Pencas 3; à direita, botões, procedência arqueológica: sítio Punta Varadero. Fonte: coleção brasileira. 80
- Figura 17: Cachimbos (fornilho, ponta do fornilho e início da haste). À esquerda, fornilho com a superfície descascada, procedência: sítio Cora D (ilha Desolação), nível de 0-5 cm; fonte: Coleção chilena; à direita, fornilho em decoração floral, procedência: sítio Cora D (ilha 82

Desolação), nível de 0-5 cm; fonte: Coleção Chilena.

Figura 18: Tabuleiro de jogo. Procedência Arqueológica: Praia Sul 1, coleta superficial. Fonte: Coleção Argentina. 82

Figura 19: Sapato de couro. Procedência arqueológica: à esquerda, sítio Cerro Negro, à direita, Cueva Lima-Lima. Fonte: coleção argentina. 84

Figura 20: Cera de velas, em colocações distintas. Procedência: Pencas 3. Fonte: coleção brasileira (à esquerda e ao centro) e Punta Lair. Fonte: coleção chilena (à direita). 90

Figura 21: Canção do século XIX: *Saturday Night at Sea* 93

## Anexos

Figura 22: à esquerda, sítio Arqueológico *Punta Varadero – RM*, ilha Livingston, península Byers. Foto: Sarah Hissa (2011); à direita, planta do mesmo sítio. Fonte: Leach. 120

Figura 23: Mapa esquemático do arquipélago Shetland do Sul, Antártica. Mapa: Letícia Hissa. 121

Figura 24: Tipos de materiais x quantidade de fragmentos, para a coleção brasileira, referente às coletas de 2010 e 2011. Fonte: LACICOR, 2012. 122

Figura 25: Quantidade de objetos coletados segundo sua constituição material (para a coleção brasileira, coletas de 2010 e 2011). Fonte: Zarankin ET AL, 2011. 123



## Sumário

Introdução .....	11
Capítulo 1 .....	19
<i>O tempo da modernidade e o fluxo do vivido</i>	
Capítulo 2 .....	47
<i>Experiências antárticas no presente: marinheiros brasileiros na Antártica</i>	
Capítulo 3 .....	66
<i>Experiências de caçadas antárticas: entre atividades, espaços, materiais e percepções</i>	
Capítulo 4 .....	96
<i>Tempo antártico: considerações finais</i>	
Referências Bibliográficas .....	101
Anexos .....	108





## **Introdução**

Tempo e espaço são duas dimensões fundamentais da experiência humana. Talvez por isso, especialmente no domínio das ciências humanas, elas contextualizem fenômenos e processos, permitindo-nos compreendê-los de maneira relacional. Esta dissertação se propõe trabalhar essas duas dimensões no âmbito da arqueologia e disciplinas afins.

Os espaços que serão discutidos aqui são aqueles referentes à Antártica. Trata-se do continente onde as temperaturas mais frias do planeta foram registradas. Sua localização implica uma variedade de obstáculos e de ambientes hostis a serem atravessados. É uma região que não é urbana, não é rural, não possui nativos. A relação que o ser humano trava com aqueles espaços, desde a sua descoberta, é, também, ímpar. Diferentemente da África ou das Américas, incluindo as áreas

relativamente próximas da terra do fogo e da Patagônia (Martinic, 2002), a Antártica não fez parte de um processo de colonização ou de evangelização de nativos, de domesticação de animais e de espaços férteis e habitacionais, ou, ainda, de alocação permanente e ininterrupta de grupos e de hierarquia administrativa. Não foi colônia, como comumente a entendemos.

Após a sua descoberta entre o final do século XVIII e início do XIX, as incursões à Antártica baseavam-se na exploração de recursos. No século XX, outras atividades passaram a ser também desempenhadas: a investigação científica e, nas últimas décadas daquele século, também o turismo. Essas três formas de relacionamento humano com a Antártica são, de maneira geral, *efêmeras* e *sazonais*, visando à realização de objetivos específicos e o retorno bem sucedido, mas nunca o estabelecimento duradouro ou a permanência fixa. Busca-se retirar algo da Antártica (bens, conhecimento ou experiências), ao invés de inserir pessoas permanentemente ou transformar fundamentalmente o espaço, como ocorreu em diferentes ocupações e regiões colonizadas. Essas últimas foram incorporadas completamente à imagem de um mundo moderno, enquanto a Antártica permanece à margem dele.

Outros espaços se ligam ao continente propriamente dito. Sua distante localização requer uma estrutura de transporte especializada, dentro da qual se estabelece uma relação de moradia e estadia temporária. São os navios, verdadeiras extensões de Antártica, no que também são marcados pelo efêmero e transitório e carregando, ainda, elementos do mundo moderno.

As relações que as pessoas travam com os espaços antárticos e entre si são marcadas pelo compasso de um movimento pendular, entre o local de origem (do mundo moderno), que permanece sempre na memória e nos planos futuros, e o local de estadia temporária (mundo Antártico), presente da concretude efetiva. Apesar do seu caráter temporário, a presença mínima nos espaços antárticos não é, contudo, vazia de significados ou de experiências. Carregando consigo o mundo moderno, resignificando os espaços antárticos e procurando uma sobrevivência adequada às poucas semanas gélidas e brancas que experimentam anualmente, os habitantes da Antártica a reconstroem, a partir da imagem de um local congelado,

imóvel e hostil, em um espaço de vivências humanas, de estadia provisória, de algumas modernidades. Trata-se de uma experimentação que se tenciona entre efemeridades e durabilidades.

Nesses breves parágrafos introdutórios sobre a relação humana com os espaços antárticos, a dimensão temporal já se revela: na sazonalidade das ocupações, na historicidade de cada momento da ocupação, na distância temporal/cultural entre os grupos habitantes da Antártica, na durabilidade de associações simbólicas.

O conceito de tempo é alvo recorrente de discussões e de textos, instigando filósofos e cientistas provenientes de várias áreas do conhecimento. Escreve-se muito sobre o tempo. Talvez isso seja assim porque o tempo é dimensão essencial a qualquer vivência humana, mas que mantém tantas dúvidas e incertezas sobre sua natureza, ainda, mesmo com os avanços científicos. Nem mesmo conseguimos uma figura mental para a essência do tempo, a não ser quando recorremos ao fato da sua passagem. O tempo, essa dimensão tão fundamental a toda experiência e, também, tão misteriosa e fugidia, deu início às minhas indagações, que, então, se tornam alvo desta pesquisa: o que é o tempo? Em que medida e de que maneiras ele fundamenta as experiências humanas?

Grupos foqueiros e baleeiros foram os primeiros grupos que efetivamente utilizaram o espaço antártico, após sua descoberta. Esses homens, além de serem caçadores e operários, faziam parte de uma tradição específica, a tradição naval, que cria um ritmo próprio de trabalho e de convivência. Esse ritmo se faz a partir do tempo moderno, capitalista e individual, associadamente ao tempo náutico. Além disso, mesmo nas permanências efêmeras, é necessário replicar parte da estrutura física que remete em algum grau ao ponto de origem. Constrói-se um abrigo, equipa-se o navio e carrega-se consigo todos os objetos necessários para translados, trabalho, segurança e lazer. É assim que as relações travadas com o espaço antártico são marcadas por uma temporalidade sazonal e certa materialidade humana.

Atualmente, novas incursões à Antártica são realizadas. A Antártica, através do Tratado Antártico (1961), se estabeleceu como espaço internacional de pesquisa e proteção ambiental. Estações e refúgios de pesquisa nacionais são estabelecidos no

continente, em clima de cooperação e apoio mútuos. Os programas de pesquisa costumam contar com o suporte logístico das suas marinhas nacionais, como é o caso do PROANTAR, programa brasileiro de pesquisa antártica. A partir desse contexto, além dos pesquisadores, fazem parte dos novos habitantes sazonais antárticos, marinheiros de agora.

Esta pesquisa de mestrado, inclusive, foi realizada a partir de um vínculo com o Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (Leach), da UFMG, um dos poucos núcleos de pesquisa, tanto na América do Sul quanto em nível mundial, que se volta para as ocupações humanas na Antártica. Também se vale de uma associação trinacional, com pesquisadores da Argentina e do Chile (ver Zarankin *et al.*, 2011), com apoio da Marinha Brasileira, do CNPq e da FAPEMIG. O trabalho de pesquisadores do Leach em arqueologia antártica se iniciou com Andrés Zarankin e Maria Ximena Senatore, em 1995, quando se envolveram em escavações na ilha Livingston (Zarankin; Senatore, 2007). A partir de 2010, novas escavações passam a ser realizadas, com apoio do PROANTAR, desde quando, também, estudos antropológicos passam a ser desenvolvidos, estendendo o estudo das ocupações humanas antárticas para o presente. Nesse sentido, a perspectiva do projeto como um todo busca compreender as ocupações da Antártica desde o contexto da construção do mundo moderno até as apropriações recentes daquele espaço. Por sua vez, esta dissertação focaliza especificamente as concepções de tempo intrínsecas a essas ocupações.

Uma vez apresentados os caçadores do século XIX e os marinheiros brasileiros da atualidade, questões essenciais devem ser postas: como é a percepção humana de tempo na Antártica? O que os dois grupos apresentados têm em comum, no que se refere à percepção de tempo, tendo em vista sua tradição naval e a presença sazonal na Antártica? Como compreender a influência do espaço antártico ou da historicidade dos contextos socioeconômicos que levaram esses grupos até o continente gelado? Como a arqueologia pode participar de questões filosóficas e ontológicas sobre o tempo-espaço humano? Essas questões fazem parte desta pesquisa, orientando leituras e escritos.

Considerando-se a unicidade do espaço antártico e as relações entre espaço, materialidade e tempo, esta dissertação trabalha com a confluência destas quatro dimensões: humana, material, espacial e temporal. Ao interrogar sobre as percepções humanas de um espaço, torna-se possível realizar um estudo comparativo entre vários grupos humanos que habitaram esse local, não necessariamente ao mesmo tempo.

Mas o que se escreve sobre o conceito? Como o descrevemos e o representamos? Algumas dicotomias são fundamentais nesse processo de análise sobre o tempo: físico x humano, absoluto x relacional, homogêneo x heterogêneo, regular x irregular, contínuo x descontínuo, mensurável x imensurável, reversível x irreversível, linearidade x ciclicidade, entre outras. A escolha entre essas dicotomias expressa diversas posturas sobre o tempo, como a de Kant, por exemplo, para quem o tempo é humano e homogêneo, ou a de Santo Agostinho, que o entende como não-humano (no que é divino).

Dada a importância dessas dicotomias para o pensamento sobre o tempo, o capítulo 1 dedica-se a estabelecer as duas formas dicotômicas principais, a partir das quais percebemos o tempo: o tempo compreendido como físico, absoluto e não-humano (caro à sociedade moderna capitalista e às ciências), em contraste com o tempo humano, relacional e irregular. Levando em conta que o tempo humano e relacional permite compreender dimensões subjetivas do tempo, o pensamento de Edmund Husserl é apresentado como alternativa de interpretação da percepção humana de tempo, com os conceitos de *fluxo do vivido*, *tempo imanente*, *retenção* e *protensão*.

O capítulo 2 inicia-se com uma série de fotografias, apresentadas em um *flipbook* (página 48). Elas introduzem uma maneira de pensar a Antártica, questionando a imagem de uma Antártica congelada e sem vida, a partir de movimento, temporalidade e de humanidade. A partir disso, a Antártica servirá de baliza para considerar as duas formas de ocupação humana antártica — a dos caçadores do século XIX e a dos marinheiros atuais brasileiros — no que tange a percepção da passagem de tempo. Esse capítulo, contudo, apresenta apenas ainda o grupo do



presente e como a sazonalidade da sua presença antártica marca as suas *retenções* e *protensões*, que constituem seu *fluxo do vivido*.

No capítulo 3, apresento os grupos passados, de caçadores de focas e baleias, a partir de textos historiográficos e objetos arqueológicos. Busco, em relatos transcritos, sugestões de como o tempo era passado na Antártica, entre o tempo absoluto e o tempo relacional, da memória e das esperas. A sazonalidade aparece novamente como determinante nas concepções de tempo, mas, também, concepções modernas de otimização de tempo em atividade econômica. Em seguida, discuto o papel da materialidade arqueológica nas relações de tempo-espço humano antártico: objetos resgatados em escavações arqueológicas antárticas, de sítios de caçadores de mamíferos marinhos do XIX. Concebendo a materialidade como aporte único para a percepção de transformações, movimento e, conseqüentemente, da passagem do tempo, os objetos arqueológicos são inseridos no *fluxo do vivido* dos caçadores. Procuro discutir a especificidade material da antártica, frente à modernidade e a sazonalidade da sua ocupação, com base em noções de durabilidade, degeneração e longevidade da cultura material.

Ao final da dissertação, ofereço quatro anexos, que apresentam e discutem a metodologia utilizada durante do trabalho, expondo algumas escolhas e caminhos interpretativos, tal como informações e dados quantitativos. O Anexo A é uma pequena apresentação de algumas fotografias tiradas na Antártica, enquanto em campo, o já mencionado *flipbook*. O Anexo B detalha como foram realizadas as conversas e entrevistas semi-estruturadas, feitas com os marinheiros brasileiros à bordo do navio Ary Rongel, em 2011 e discutidas no capítulo 2. Busco, também, problematizar, ainda que de maneira breve, algumas questões que podem surgir do trabalho com relatos orais. O Anexo C apresenta as fontes bibliográficas utilizadas nas discussões do capítulo 3. Essas fontes oferecem informações sobre o contexto socioeconômico em que viviam os caçadores do século XIX e também fornecem excertos de diários de bordo, que são analisados frente os conceitos de Husserl. O Anexo D fala sobre o trabalho arqueológico já realizado nas ilhas Shetland do Sul e apresenta brevemente as coleções arqueológicas coletadas pelo Brasil, Chile e Argentina.

Três grupos de conceitos analíticos serão essencialmente úteis na compreensão do tempo. Um primeiro grupo conceitual é uma dicotomia entre tempo absoluto e tempo relacional, que faz parte de como a modernidade compreende o tempo. O segundo grupo conceitual compreende as atividades desempenhadas como estruturantes do tempo percebido. O terceiro grupo, relaciona tempo e materialidade de forma mais estreita, sob categorias acerca da durabilidade material e social dos objetos. Esses três grupos versam sobre as relações entre as dimensões humana, espacial, temporal e material:

**(1) *Ideia do tempo físico, absoluto e mensurável x ideia de tempo relacional e humano.*** Relógios, compassos, metrônomos, ampulhetas ou calendários e moedas não fazem parte das coleções arqueológicas antárticas. Mas o fato de não terem sido encontrados numa escavação, em hipótese alguma significa que não eram utilizados. Pelo contrário, apesar de no início do século XIX serem objetos caros e elitizados, se popularizando ao longo do mesmo século, estiveram presentes na Antártica, dando compasso aos diários de bordo, por exemplo. Certamente, ainda, a estrutura de pensamento que os releva à posição que têm hoje, se faz presente nos diários de bordo e, possivelmente, desempenhou algum papel quando em terra. Contudo, o tempo tal como percebido pelos caçadores se dá na consciência, de modo a subjetivar o conceito de tempo absoluto, sob a forma relacional. Movimentos de memória e expectativa reordenam as experiências.

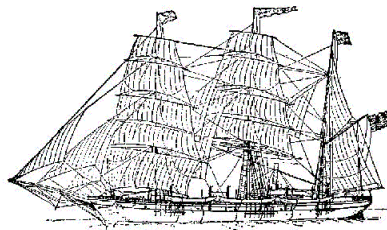
Posteriormente, nas presenças atuais na Antártica, quando não há limitações materiais e tecnológicas para mensuração do tempo absoluto, o compasso relacional do tempo se faz evidente em relatos diretos.

**(2) *As atividades que desempenham*** relacionam-se à maneira como dividem o tempo do qual dispõem. Elas demonstram a existência constante da estruturação moderna das vivências, tanto dos caçadores quanto dos marinheiros atuais. Tomo aqui a modernidade de forma homogênea, sem delinear as nuances e transformações nesses dois

séculos, para que possamos ressaltar sua presença e influência. A modernidade, sob a forma de atividades capitalistas, militares, navais, da familiaridade ou cotidianas em geral, é carregada com os viajantes. Entrelaça-se ao tempo antártico e o preenche de vida humana pré-estruturada. O fluxo antártico de experiências se faz de memória e expectativa (tal como toda experimentação), porém, de maneira enfatizada, dado o caráter temporário das presenças antárticas e das atividades da modernidade que estruturam o tempo.

(3) Finalmente, os materiais encontrados nos sítios dos caçadores podem ser compreendidos por meio de noções de **durabilidade, estilo, status, decadência, longevidade** (Lucas, 2006). Elas são usadas para compreender a relação entre materialidade e temporalidade, essa tida como marcas materiais de momentos específicos no tempo. Assim, os objetos arqueológicos são apresentados como preferencialmente duráveis, em contraposição aos objetos modernos de curta longevidade social e rápida decadência. Nesse sentido, ao passo que evidenciam uma desaceleração da velocidade capitalista metropolitana e urbana, os objetos pessoais dos caçadores demonstram um fluxo onde a durabilidade predomina sobre a rápida degeneração.

Em oposição à ideia de uma Antártica separada do restante do mundo, natural e homogeneizada em um branco regular e inóspito, busco compreendê-la como um espaço também humano, temporal e material. Dadas as ocupações humanas que houveram, o espaço aparece como conector de tempos distintos: o presente dos marinheiros brasileiros na Antártica de hoje e o passado dos caçadores do século XIX. É a sazonalidade e a tensão consequente entre o moderno e o não-moderno que caracterizam as percepções de tempo na Antártica.



## Capítulo 1

### **O tempo da modernidade e o *fluxo do vivido***

Antes de tudo, algumas questões referentes à *natureza e ao significado de tempo* podem ser adiantadas com o objetivo de alimentar reflexões. O que é o tempo e qual é a sua natureza? De que ele é feito: quais são as suas substâncias constitutivas? Existe algo, no tempo, que assumiria a condição de sua essência imutável — frente à diversidade de movimentos que envolvem e que são envolvidos pelo tempo? Existiria alguma concretude referente ao tempo? Ele é uma realidade ou apenas uma unidade de medida? Qual é o lugar e qual é o território do tempo? O tempo é autônomo? É absoluto? Ele é relacional e condicional? Ele existe externamente a nós ou pertence à percepção do espírito? Há apenas um tempo, único, ou existem vários tempos, segundo cada perspectiva

individual ou conhecimento científico? Através de quais critérios compreende-se a extensão do tempo e se pode pensar o tempo? Através de que mediações residem as possibilidades de se ver e de se perceber o tempo? O que poderá significar a experimentação da sua passagem?

Várias das perguntas e questões que envolvem a ideia de tempo não são novas e vêm causando debates que conhecem versões acadêmicas, desde a filosofia antiga, da qual somos tributários, até a filosofia e a ciência contemporâneas. É possível, contudo, distinguir dois grupos — tipos ideais — opostos e dicotômicos nas compreensões de tempo. Ora ressalta-se que o tempo é externo ao ser humano, pertencente ao mundo natural e apreensível por meios da experiência, do intelecto e da representação, ora pretende-se que o tempo é existente apenas através do olhar humano e deve ser apreendido pelas suas sensibilidades subjetivas. Ora é absoluto, linear, mensurável, regular e homogêneo. Ora é relativo, cíclico, irregular, heterogêneo e não pode ser medido.

Com o intuito de sintetizar duas posições dicotômicas em relação à compreensão de tempo, escolhi quatro filósofos: Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Kant. Enquanto Platão e Santo Agostinho lançam bases para pensar um tempo absoluto, não-humano<sup>1</sup> e regular, Aristóteles e Kant possibilitam pensar um tempo relativo, humano e irregular. Sendo assim, cada pensador serve apenas de base inicial para a construção dessa dicotomia, que é apenas um modelo analítico. Quero dizer com isso que, por exemplo, Santo Agostinho permitiria pensar, também, elementos de um tempo relativo, ou há elementos de tempo absoluto no pensamento de Aristóteles. Contudo, é a partir dessa dicotomia que inicia-se a nossa discussão, que pretende compreender até onde irão essas divergências (Pietre, 1995; Reis, 2005; Schöpke, 2009).

A concepção de um tempo absoluto, não-humano e regular, apesar de existir desde tempos remotos, toma proporções admiráveis na modernidade, da sociedade

---

<sup>1</sup> Sobre o tempo compreendido como não-humano e absoluto (concepção esta que encontra expressões máximas no capitalismo moderno e nas ciências duras), faço uma ressalva importante: a noção de um tempo absoluto e *supostamente* não-humano é, também, uma perspectiva humana sobre o tempo. Desse modo, sempre que mencionado o tempo *não-humano*, refiro-me à concepção, hoje extremamente consolidada no pensamento moderno, de que o tempo independe por completo do ser humano, sendo uma dimensão apenas cósmica ou física e em nada individual.

moderna capitalista e da ciência moderna. O tempo assim compreendido organiza inúmeras experiências, ordenando e sincronizando pessoas, acontecimentos e processos. Permite refinar classificações e disposições sequenciais e cronologias. Contudo, o tempo humano, irregular e relativo (do qual também fala a fenomenologia de Husserl), oferece uma possibilidade interpretativa alternativa e complementar, para a qual o tempo é uma forma interna, pessoal e sensória de apreensões da natureza e da realidade.

### ***Alguns apontamentos filosóficos para o tempo não-humano e regular: Platão e Santo Agostinho***

Os pensamentos de Platão (428/427 a 348/347 a C.) e de Santo Agostinho (354-430) foram bastante marcados pela dualidade. Ambos construíram seu pensamento com base em dois planos de existência. Para Platão, havia o mundo físico e o das ideias, os quais eram separados e distintos. Enquanto isso, o mesmo ocorre para Agostinho, no referente ao plano terreno e ao plano divino.

O mundo platônico das ideias seria constituído de imaterialidade e essência, enquanto o mundo físico, apenas de aparência vazia, ainda que material. São *sombras* e formas, cópias do ideal, do real. Essa divisão do mundo se estende para uma série de outros elementos, então dispostos em oposições — a ideia e a imagem, o corpo e a alma, o belo e o feio, o grande e o pequeno, o bom e o ruim, sentidos e reflexão. Essas oposições encontram uma forma pejorativa (imagem, corpo, feio, pequeno, ruim, ilusão, sentidos) e outra nobilitada (ideia, alma, belo, grande, bom, verdade, reflexão). Por isso, o único conhecimento de mundo não se dá pelo olhar ou outros sentidos (que atingem apenas a aparência), mas pela reflexão, que alcança a verdade real. Nesse sentido, a própria ciência, o saber e o conhecimento se encontrariam, em uma comparação hipotética com o mundo

platônico, no plano das ideias, já que se pretendem fundadas em verdade. É apenas desse modo, por meio da reflexão, que a alma imortal do ser pode conhecer a beleza, a grandeza, a essência, a verdade e a bondade nas coisas (Platão, 1979a, p. 106-107).

Platão, como o primeiro filósofo grego a apresentar uma definição específica para o tempo, no *Timeu* (diálogo pertencente a última fase da sua obra), o compreende a partir dessa dualidade. Entre as oposições que o filósofo estabelece, estão também: a vida e a morte, o repouso e o movimento, o tempo e a eternidade. Sua célebre frase *o tempo é a imagem móvel da eternidade* (Schöpke, 2009) revela as associações feitas para os conceitos de tempo e de eternidade. A eternidade, associada à vida, ao repouso e ao mundo das ideias, é o real e o verdadeiro, enquanto o tempo, associado à morte, ao movimento, à transformação e ao mundo físico e corpóreo, traz uma carga negativa, de tudo aquilo que se degenera, que se perde e que nunca foi nada além de ilusório. O tempo, da ordem do efêmero, do transitório e do aparente, é posto em contraponto à eternidade imutável e perfeita, do que *é* e *sempre será*. O *de vir*, no plano do mutável, do imprevisível, do que pode ser variável a cada instante, é oposto ao *ser*, da ordem do imutável e do constante:

*E é pelo corpo, por meio da sensação, que estamos em relação com o devir; mas pela alma, por meio do pensamento, é que estamos em comunhão com o ser verdadeiro, o qual dizeis vós, é sempre idêntico a si mesmo e imutável; enquanto que o devir varia a cada instante (Platão, 1979, p. 169).*

Nesse plano — o do ser e da eternidade — o tempo não atua, as transformações não ocorrem e é impossível a degeneração (Schöpke, 2009).

*Qual é o ser eterno, e que não nasce, e qual é aquele que sempre nasce e jamais existe? O primeiro é apreendido pela inteligência e raciocínio, pois é constantemente idêntico. Quanto ao segundo, é objeto da opinião unida à sensação irracional [...] (Platão, 1981, p. 78).  
[...] é pelo modelo da substância eterna que foi feito [o tempo], tal que se lhe assemelhasse ao máximo, segundo sua capacidade. Pois o Modelo é ser de toda a eternidade, e o Céu, em contrapartida, após o começo e em toda a seqüência da duração, foi é e será (Platão, 1981, p. 93).*

*[...] seu autor [do Mundo] preocupou-se em fabricar uma certa imitação móvel da eternidade, e, organizando todo o Céu, fez, da eternidade uma e imóvel, esta imagem eterna que progride segundo a lei dos números, isso a que chamamos o Tempo (Platão, 1981, p. 92).*

Tudo o que tem corpo, como tudo o que se transforma, nasce ou morre, se encontra na dimensão do tempo. O tempo rege as coisas materiais, sempre no sentido da degeneração. Sobre o ser que nasce, Platão diz:

*Nasceu, porque é visível e tangível e tem um corpo. De fato, tudo que assim é, é sensível, e tudo o que é sensível e apreendido pela opinião e a sensação, é evidentemente submetido ao devir e ao nascimento. Mas tudo o que nasceu, é necessário, como dissemos, que tenha nascido pela ação de uma causa determinada (Platão, 1981, p. 78-79).*

Por fim, Platão, tal como Santo Agostinho e tantos outros filósofos, percebe o tempo a partir da sua transformação, da sua mobilidade, das alterações que gera na materialidade.

Em suma, o tempo existe no plano sensível, sensório, corporal. Também do que é efêmero e transitório, do que é ilusão e representação. O tempo existe apenas para as coisas materiais e corpóreas, degenerativas. Em contraste, a alma eterna, imutável e verdadeira não se transforma e não é sujeita ao tempo. Decerto, o gênero humano é, também, marcado pela dualidade platônica, que o divide em corpo e alma: o primeiro regido pelo tempo, a outra, pela eternidade. O tempo atua sobre o humano e o transforma, porém sempre somente na dimensão corpórea. A alma humana é atemporal, existindo fora do tempo. Nesse sentido, penso que está implícito em Platão que o tempo é distinto e independente da essência do ser humano. Essa separação lança bases para o pensamento cristão, que fundamenta, por sua vez, grande parte do pensamento ocidental moderno. Na tradição religiosa cristã, o plano imaterial, da alma e da verdade, é o plano divino.

Santo Agostinho, como Platão, associa a eternidade ao ser e à imaterialidade; o tempo, ao corpóreo e ao movimento. Contudo, o tempo e a eternidade foram ambos criados por Deus e sua oposição se dá de modo que a eternidade é a



dimensão da presença verdadeira de Deus. A existência de Deus e sua morada são da ordem do eterno. E é a dimensão divina aquela que ordena a relação hierárquica que sobrepõe eternidade ao tempo. A estaticidade ainda é nobilitada, sobrepondo-se ao efêmero.

Por outro lado, Agostinho pensa o tempo também como um contínuo sequencial e indivisível. Mesmo que utilize analiticamente os conceitos de passado, presente e futuro, acredita que: “O tempo não é apenas uma sucessão de instantes separados. É um contínuo, e, como tal, é indivisível” (Agostinho, 1999, p. 325). Essa noção do indivisível e do contínuo, mais importante do que o elemento divino que a origina, sugere compasso e uma concepção de tempo regular e sequencial. Ainda mais: a experiência de tempo pode apenas ser a experiência *no tempo*. Agostinho deixa margem para pensar em um tempo linear e ritmado, construído a partir da costura de instantes seguidos. A experiência é regulada por uma guia externa e unidimensional.

Em ambos os casos, platônico e agostiniano, o tempo é externo ao ser humano. Ele simplesmente existe — como em Platão — ou foi criado por Deus — como para Agostinho — e atua sobre os seres e coisas. Essa concepção se opõe a uma estaticidade imaginada, nunca concreta (eternidade), onde o tempo não atua em coisa alguma, que para Platão é o mundo das idéias e, para Agostinho, a dimensão divina e sublime.

Pensar o tempo a partir do movimento e da transformação, ou perceber sua passagem por meio das evidências que deixa em alterações materiais e corporais, tal como o faz Platão, não nos é estranho. Ou, ainda, é comum concebê-lo como algo distinto do que é humano, como o faz Platão e Agostinho. Também nos é familiar pensar o tempo, tal como o faz Agostinho, como contínuo e sequencial. São formas de classificar o tempo que nos são familiares e confortáveis. De fato, o pensamento ocidental é tributário das dualidades que apresento com base em Platão e Santo Agostinho: alma x corpo; tempo x eternidade; humano x não-humano; movimento x estaticidade. São essas dualidades, verdadeiras dicotomias, que, a meu ver, fundamentam a ideia de tempo absoluto, físico e não-humano, ideia esta que encontra validação especial no pensamento ocidental, em decorrência da

modernidade, com as ciências e com o modelo capitalista de economia e de relações sociais.

### ***Alguns apontamentos filosóficos para o tempo humano e relativo: Aristóteles e Kant***

Para caracterizar o tempo humano e relativo, alguns aspectos dos pensamentos de Aristóteles e de Kant servirão como ponto de partida. Tal como Platão, Aristóteles (384 a 322 a. C.) associa o tempo ao movimento e à matéria. Sua frase mais célebre sobre o tempo é: *o tempo é o número do movimento, conforme o anterior e o posterior* (Piettre, 1994, p. 24). Aristóteles relaciona os dois conceitos, movimento e tempo, condicionando-os, porém distinguindo-os. Não existe tempo onde não existe movimento, mas o tempo não é o mesmo que movimento.

No entanto, Aristóteles não divide o mundo como Platão, compreendendo-o inteiramente como mundo sensível. Quando não há percepção de movimento, não significa que o tempo está paralisado, mas que há um aparente repouso. Nesse contexto, Aristóteles conclui que o tempo não existe sem o espírito, ao contrário do movimento (Piettre, 1994, p. 22). Deve existir um intelecto para numerar o tempo (Puente, 2010). Essa distinção entre tempo e movimento reside no ser, que numera o movimento através do tempo.

É assim que o filósofo numera o tempo em três elementos: passado, presente e futuro, que são indivisíveis em um contínuo. O passado e o futuro fazem parte de cada presente, como antes e como depois. Esses elementos, no entanto, não existem efetivamente, uma vez que “[...] o passado já não existe mais, o futuro

ainda não existe e o próprio presente não ‘é’ propriamente algo, já que — num certo sentido — ele nunca permanece o mesmo” (Schöpke, 2009, p. 103).

O tempo não pode constituir-se em *ser* ou em *substância*. Não possui alma. Em abstração, o tempo pode ser compreendido como composto por instantes — *agoras* — sucessivos, mas que, na verdade, formam um presente em repouso. O presente, representação de permanência no tempo, também representa o instante, o agora e o momentâneo. O presente apenas aparenta passar, mas é a única realidade que experimentamos. O tempo é repouso, mas repouso no presente. E na verdade, é o mundo que se movimenta, não o tempo. O tempo então necessita de uma movimentação da matéria e do mundo para ser realizado e percebido pelo ser. Esse tempo, finalmente, se dá em intervalos contínuos.

Nesse sentido, Aristóteles enuncia o sujeito do tempo, o olhar daquele que experimenta e ordena os eventos na linha de sucessão temporal. A única experimentação é a que se faz do presente, porque é nele onde se insere o ser humano.

Para Immanuel Kant (1724-1804), de modo similar a Aristóteles, todo o conhecimento possível se limita àquele dos fenômenos apreensíveis (excetuando-se, portanto, tudo aquilo que é em si). O mundo existe, porém o compreendemos apenas a partir da experiência sensível e, ainda, nem tudo o que conhecemos tem sua origem nele. Contudo, o conhecimento do espaço e do tempo deve ser distinto do conhecimento do restante do mundo. Isso porque, em essência, não existem. Kant pensa o tempo, tal como o espaço, como distintos de outros elementos da nossa experiência, já que é impossível imaginá-los em sua essência, destituídos de seus elementos. Assim, o tempo é, antes de tudo, uma dimensão apenas sensível (em oposição à inteligível). Nesse sentido, é uma contradição afirmar a realidade do tempo e do espaço, já que apenas é possível experimentá-los. A partir da experiência, portanto, Kant diz que o tempo, tal como o espaço, são formas homogêneas, e suas partes são sempre assim (premissa hoje contrariada pela física quântica).

Tanto Aristóteles quanto Kant lançam bases para pensar um tempo relativo, humano e subjetivo. Alguns desses pontos, em especial a preeminência do sujeito

na determinação do tempo, estão presentes na fenomenologia de Edmund Husserl. Com esse pensador, contudo, também se pode pensar em uma sequência das porções desse tempo — passado, presente e futuro — como não necessariamente regular ou linear.

### ***O conhecimento do tempo, para Edmund Husserl***

Arqueologias pós-processuais têm se valido da fenomenologia, em especial, aproveitando os pensamentos de Martin Heidegger (1889-1976) e de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). A fenomenologia de Heidegger se pauta especialmente na sua ontologia do ser, enquanto Merleau-Ponty enfatiza sua fenomenologia no corpo e na percepção. Esses autores possibilitam discussões que relacionam o indivíduo, o objeto e relações subjetivas, perceptivas e sensórias do mundo corpóreo e concreto. Possibilitam compreender a paisagem como ambiente ativo ao suscitar experiências sensórias e ressaltar a materialidade do corpo como parte da experiência.

Exemplos desses trabalhos na arqueologia decorrem sobre a experimentação sensória da paisagem, inserindo-a não somente no objeto arqueológico, mas também no próprio método de pesquisa — destacando Christopher Tilley, com seu *A Phenomenology of Landscape* (1994), e Julian Thomas, no artigo *Archaeologies of place and landscapes* (2001) — e sobre as relações travadas pelos corpos e a experiência material do mundo, ressaltando o corpo como artefato, a agência dos corpos sociais e traços das práticas corporais — destacando Chris Fowler, com *The Archaeology of Personhood* (2003), e Michael Shanks, em *Experiencing the past* (1992).

Contudo, nesta dissertação, faz-se uma revisão dos conceitos relacionados ao do tempo e sua compreensão, tal como teorizados por Edmund Husserl (1859-1938). Apesar de terem sido negligenciados na arqueologia em prol de outros fenomenólogos mais recentes, acredito que os conceitos que serão apresentados em seguida são, também, úteis à arqueologia, em especial, *fluxo do vivido*, *retenção* e *protensão*. Eles delinearão algumas dimensões do tempo experimentado, sendo utilizados, apesar de não exclusivamente, ao lado dos conceitos até agora construídos (tempo absoluto e não-humano, tempo relacional e humano), em vários pontos no decorrer desta dissertação.

Husserl é tido como fundador da fenomenologia. Para o filósofo, antes de qualquer coisa, a fenomenologia é um método científico de estudo nas humanidades. Esse método inclui a compreensão dos fenômenos a partir da *redução fenomenológica*<sup>2</sup>, processo que resulta na *tomada de consciência*. Apesar de certa ênfase na objetividade do método fenomenológico, Husserl afirma que é na *consciência* que os fenômenos devem ser compreendidos, uma vez em que é onde convergem todas as dimensões da vivência: corpórea, psíquica e espiritual (Bello, 2006). É nesse sentido que Husserl se torna de interesse para o tema aqui em discussão.

Dito isso, a concepção husserliana de tempo apresenta objetividade apenas no método de apreensão. Contudo, em termos da sua essência ou natureza, o tempo que interessa à fenomenologia não é absoluto ou objetivo. Entre as diferenças entre o tempo cósmico (físico, absoluto e não-humano) e o tempo fenomenológico, ressalta-se como o segundo é fragmentado em porções de tamanhos distintos (é heterogêneo e irregular) e não é medido por meios físicos ou pelo tempo cósmico, apesar de apresentarem alguns aspectos em comum, como alguma linearidade ou sequência. É fato que Husserl aceita a existência conceitual do tempo físico,

---

<sup>2</sup> A *redução fenomenológica* é um processo de tratamento de dados, previamente ao estudo em si. A partir da *dúvida*, a redução remove o saber transcendente do fenômeno restando, então, apenas o dado absoluto, daquilo que é imanente, a partir do qual se pode realizar o estudo. Ao processo resultante da redução, Husserl denomina *tomada de consciência*, que possibilita a percepção das outras dimensões e sensibilidades. Esse método se dá na *consciência*, contudo, unindo noções de objetividade e subjetividade. Ainda que Husserl propusesse que os fenômenos aconteceriam no âmbito da consciência, nada disso resulta em anular a objetividade do objeto de estudo. Para Husserl, uma coisa não exclui a outra, a objetividade científica não se opõe à consciência. Isso por que: [...] existem a percepção, a fantasia, a recordação, a predicação, etc., e que as coisas não estão nelas como num invólucro ou num recipiente, mas *constituem* nelas as coisas, as quais não podem de modo algum encontrar-se como ingredientes naquelas vivências (Husserl, 2008, p. 30).

absoluto e externo ao indivíduo. Contudo, o tempo objetivo, relativo ao tempo tido como da natureza, não é objeto de estudo fenomenológico (Husserl, 1973, p. 22), e sim o *tempo imanente*. De modo similar a Aristóteles e Kant, Husserl busca apreender um tempo que é impossível sem o observador. É o tempo da experiência, da consciência. Em outras palavras, se a fenomenologia busca compreender o que é o tempo para a consciência, ela nunca busca alcançar um tempo objetivo, por menor que seja ele (Piettre, 1994).

Os fenômenos intuitivos, das vivências subjetivas — como objeto não somente plausível, mas também necessário — são organizados (ainda que de maneira desorganizada) pelo tempo. Através das recordações, que mantém vivos no *agora* tudo aquilo que em outros estudos poderiam ser considerados como passado, finito e impenetrável: “Cada recordação remete-me para uma cadeia completa de recordações possíveis até ao agora actual, e para co-presencialidades a desvelar em cada lugar do *tempo imanente*” (Husserl, 1992, p. 18).

O tempo de Husserl, de maneira similar ao proposto por Aristóteles, se vale de noções de passado, presente e futuro, através da memória, do *agora* e das expectativas. O *agora*, ponto de referência para os outros objetos temporais, não é simplesmente um divisor de momentos, um imediatamente anterior e outro imediatamente posterior, mas é, também, um momento em si mesmo. Esse *agora* se apresenta sempre pontual e inovador, enquanto os vários *agoras* que o circundam devem ser sempre referenciados entre si, são compreendidos pelo *antes* e *depois*, pelo *simultâneo* ou o *subsequente*. Nesse sentido, “*Every act of memory contains intentions of expectation whose fulfillment lead up to the present*” (Husserl, 1973, p. 76). Trata-se de uma constante coexistência de tempos comumente distanciados no tempo linear. Essa contínua referência multi-temporal da consciência constitui o que Husserl chama de *retenções* e *protensões*, que são apropriações de tempo — respectivamente, anterior e posterior — associados ao tempo pontual original. Esses elementos de como se percebe o tempo, *retenções* e *protensões*, funcionam para construir uma noção de continuidade: “*Through these retentions and protentions, the actual content of the stream is joined together*” (Husserl, 1973, p. 111). É uma *forma necessária de vinculação entre vividos* e é

medido pelo *fluxo do vivido*: uma unidade finita e eterna, onde um *agora* é continuamente substituído e precedido por outros (Husserl, 2006, p. 185).

Essa maneira de compartimentar em fases o que seria apenas um tempo linear — passado, presente e futuro — na verdade, possibilita várias combinações distintas, que fazem do fenômeno uma experiência dinâmica, múltipla e fluida. O registro e a análise temporal efetuados pela consciência das coisas e dos eventos permitem viver as experiências e, também, a memória, de modo que o tempo não é simplesmente linear, mas revolve em torno da experiência e da ordem e do sentido que se dá a ela. Contudo, o elemento mais importante dos conceitos husserlianos é que as *retenções* e *protensões* unem o passado, o presente e o futuro, entre memória e expectativa, não somente numa relação de continuidade, mas também de constante contextualização. O contexto que essa continuidade oferece, permite a sensação de *estar no tempo* (*being-in-time*), como uma *imersão*, o que significa a sensação confluyente das *retenções* e *protensões* que situam o ser e sua noção de realidade.

O exemplo clássico dado por Husserl para esclarecer as noções correlatas de *fluxo do vivido*, duração e imersão, é o da maneira como apreendemos e experimentamos o som. O som é emitido e percebido em dado momento, um *agora* específico na consciência. Com o passar dos *agoras*, o *agora* inicial se torna passado e outro toma seu lugar. Um fluxo é criado, a partir da duração contínua da sensação do som. O som no fluxo da consciência, assim, quanto mais remoto, mais diferente ele se torna (Husserl, 1973, p. 45). Sobre o som que finda, mas que permanece na memória, Husserl (1973, p. 45) diz que “‘*afterward*’ I am ‘*still*’ conscious of it ‘*for a while*’ in ‘*retention*’ as having been. [...] a structure animated by no productive point of the now. This structure, however is continually modified and sinks back into emptiness”. A duração permite às coisas existência, unidade e identidade, que não cessa completamente com seu fim:

*[...] o som dura; temos aí a unidade evidentemente dada do som e da sua distensão temporal com as suas fases temporais, a fase do agora e as fases do passado; por outro lado, se reflectirmos, o fenómeno da duração do som, que é em si algo de temporal, tem a sua respectiva fase do agora e as suas fases*

*do passado. E numa fase seleccionada do agora do fenómeno não só é objecto o agora do próprio som, mas agora o som é apenas um ponto numa duração sonora. [...] as fases passadas da duração do som são agora ainda objecto e, no entanto, não estão inclusamente contidas no ponto do agora do fenómeno (Husserl, 2008, p. 29-30).*

Desse modo, o som é compreendido a partir da experiência da sua duração no *agora*. Ele existe na *aparência* da sua duração na consciência. Nesse sentido, o tempo fenomenológico refere-se à aparência da duração e da temporalidade para a consciência (Husserl, 1973).

Retomando brevemente a relação entre o tempo absoluto e o *tempo imanente* ou fenomenológico, Husserl ressalta que seu objeto de estudo, nos termos anteriormente descritos, é o tempo e a duração aparentes, e não o tempo ou duração concreta e absoluta:

*When we speak of the analysis of time-consciousness, of the temporal character of objects of perception, memory, and expectation, it may seem, to be sure, as if we assume the objective flow of time, and then really study only the subjective conditions of the possibility of an intuition of time and a true knowledge of time. What we accept, however, is not the existence of a world-time, the existence of a concrete duration, and the like, but time and duration appearing as such (Husserl, 1973, p. 23).*

Nesse sentido, a linearidade e a sequência não são absolutas, mas são como se ordenam na consciência. É assim que, “objects of this kind are constituted in a multiplicity of immanent data and apprehensions which themselves run off as a succession” (Husserl, 1973). Os objetos ou ações e acontecimentos estão no tempo, portanto são temporais e, como tal, refletem o caráter temporal de sequência, porém uma sequência própria da percepção, da memória e da expectativa, que são características essencialmente imanentes e internas ao sujeito da experiência.



## ***O tempo não-humano e absoluto da modernidade: da sociedade e das ciências***

O desejo de tornar o tempo administrável, controlado e mensurável faz parte das concepções de mundo desde tempos remotos. Clepsidras (também chamadas de relógios-d'água) de até cerca de 1500 A. C., no Egito Antigo, ou ampulhetas do século VIII, na França, já denotam a necessidade antiga de um parâmetro temporal móvel, de fácil domínio e de duração conhecida, ou seja, regular. Assim, a informação temporal sobre o ritmo das transformações físicas e dos movimentos celestes é mais facilmente apreendida. Esses objetos substituem, no quesito regularidade, a observação astronômica. Mas denotam, também, a certeza da existência de um tempo externo ao ser humano, que pode ser medido e precisado (absoluto) sem a sua presença (não-humano) e, então, utilizado como comparativo.

Séculos depois das clepsidras, os relógios urbanos, montados em torres (*town clock towers*), eram costume na Europa Medieval. Ainda que não tivessem a (hoje) tradicional face redonda para leitura individual, comunicavam, com o soar de baladas, o compasso do tempo, de modo que a apreensão do tempo era coletiva. Eles eram regulados manualmente, o que implicava em baixa precisão da medição. Já na idade moderna, outros relógios eram utilizados, agora na esfera doméstica e individual de vivência. Os relógios de bolso (inventados no século XVI) e os relógios do vovô (*grandfather's clock* ou *longcase clocks*), do século XVII, foram bastante utilizados entre as elites européias e norte-americanas. Até o final do século XVIII esses itens eram bastante caros e, portanto, de uso restrito. Os relógios do vovô decoravam as salas e halls de entrada das casas ocidentais mais abastadas, como uma peça de mobiliário, enquanto os de bolso acompanhavam o trânsito, no geral, dessas pessoas de posse (Andrewes, 2012). No entanto, apesar de incomum, não era impossível a utilização ou o acesso de alguns indivíduos de classes de menor poder econômico a esses objetos. Muito pelo contrário, existem

referências da existência de relógios de bolso no século XVIII nessas classes, apesar do seu alto custo<sup>3</sup>.

---

“TIME IS  
MONEY”

---

Já na segunda metade do século XVIII, relógios compactos artesanais domésticos começaram a ser produzidos. São os relógios de prateleira (*mantel clocks* ou *shelf clocks*), que, tidos como objetos (mais que mobiliário), eram transitáveis pela casa. Sua caixa externa era decorativa e artística, em materiais como bronze, madeira ou mármore. Inicialmente, seus mecanismos eram construídos de latão, material mais caro, que encarecia a peça. Ainda, predominantemente eram os mais ricos e influentes quem possuíam a peça em suas casas. Além disso, também poucas pessoas compreendiam como ele era utilizado ou mesmo aplicavam o conceito nos seus cotidianos (Styles, 2008). A maior parte das pessoas ainda regia seus dias por meio das mudanças astronômicas (nascer e pôr do sol, fases da lua).

---

“TIME IS  
THE STUFF  
OF WHICH  
LIFE IS  
MADE”.

---

BENJAMIN  
FRANKLIN

Foi apenas no século XIX que os relógios baratearam e se popularizaram. No início desse século, os relógios de prateleira passaram a ser construídos também com mecanismos de madeira, principalmente em Connecticut (com a produção especialmente de Eli Terry, que assinou em 1806 um contrato para produzir 4000 exemplares). Esses mecanismos eram mais baratos que os de latão, permitindo uma produção maior e mais acessível para o público em geral. Em meados desse século, os relógios de prateleira com mecanismos de latão (*rolled-brass movements*) também baratearam. Finalmente, em 1868 um mecanismo de baixo custo foi patenteado por Roskopf na França e em outros países da Europa, e, um modelo simplificado do mecanismo de Roskopf passou a ser usado em relógios de prateleira e, principalmente, em relógios de bolso. Roskopf deliberadamente buscava estender o mercado relojoeiro para pessoas de menor poder aquisitivo (Bornheim, 2003; Rossum, 1998; Ruxu e Xie, 2013; Styles, 2008; Vaz, 2003).

Para que os relógios tivessem tal importância, confiabilidade e uso habitual na sociedade moderna, além da sua invenção da técnica de medição temporal, seguida

---

<sup>3</sup> John Styles, historiador inglês, pesquisador da indumentária do homem comum do século XVIII, publicou em matéria de revista *History Today* (2008), um documento relatando um marinheiro que se queixava de haver sido roubado em 1749.

da sua popularização, houve, paralelamente, um processo de transformação das concepções de tempo, de espaço, de matéria, de sociedade e de indivíduo (Thompson, 1967).

No âmbito econômico, a mercantilização das relações, que se utilizava de uma temporalização crescentemente precisa e mecânica, chegou a grandes proporções com a transferência do foco das atenções e investimentos do meio rural para o meio urbano, dos campos para as fábricas. Nesses locais, os acontecimentos tinham que ocorrer agora de modo cada vez mais imediato. Tanto para o industrialista quanto para o operário, tempo passa a se equivaler a um bem finito, que pode ser gasto ou vendido. Quanto mais tempo demorava a conclusão de um produto, menos lucro cada minuto significava.

Esse tempo, como bem individual, pode ser transformado em moeda, em produto e comercializável. O trabalhador, ao se distanciar dos meios de produção, utiliza seu tempo como recurso e moeda negociáveis. O tempo da Igreja, o qual era propriedade única e intransponível de Deus, é substituído pelo tempo do mercador, que o pode negociá-lo e vendê-lo (Le Goff, 2005). O tempo se torna um recurso, que é utilizável (e bem ou mal utilizado ou até mesmo desperdiçado), é negociável (caro ou barato), é medido em blocos e quantidades (farto ou escasso). O tempo de trabalho é escasso, porém parte da produção (Rossum, 1996: 02). O tempo moderno, ao passo que é bem e propriedade, é também individual. Pensa-se que cada um é dono do seu próprio tempo, como que dono do seu próprio destino, cada sociedade ou civilização pode construir seu futuro a partir do presente. É assim que o tempo linear da modernidade é evolução e progresso.

A economia se tornou mais comercial, necessitando sincronização temporal para possibilitar o planejamento de trocas. A produção precisava de escoamento até o consumidor, de modo que os locais tiveram que se aproximar e os meios de transporte se tornar mais rápidos. O desenvolvimento do meio ferroviário veloz de transporte, também necessitava de sincronização entre os seus operários, para que funcionasse em harmonia. Os correios ficaram mais eficientes e velozes, para possibilitar uma comunicação também rápida de transações. O futuro estava nas mãos do próprio homem: era o progresso.

O tempo moderno, cujo passado fora expandido e o presente condensado, experimenta uma aceleração do seu compasso e um futuro cada vez mais próximo, que se adianta e parece sempre buscar o domínio do hoje. Nesse sentido, é possível acelerar o tempo, ou desacelerá-lo, comprimi-lo ou aumentá-lo. Esse tempo do progresso, que promete uma interminável evolução sócio-cultural, econômica e tecnológica, se expressa materialmente, não somente no relógio, mas em inúmeras peças habituais e vulgares do cotidiano, desde vestuário e utensílios até edificações e monumentos. É assim que esse processo requer um novo conceito de tempo e de noções correlatas, como as de velocidade, aceleração e duração, ou as noções de durabilidade, decadência e longevidade, que são associadas também à materialidade (volto a esses conceitos quando discutir a cultura material antártica, no Capítulo 3 desta dissertação).

Por outro lado, o tempo absoluto e não-humano é especialmente caro às ciências, desde seus inícios. Após o distanciamento inicial entre a Igreja e a política, da reforma protestante dos séculos XVI e XVII, o pensamento e a sociedade foram gradualmente se secularizando. As normas da Igreja deixam de ser a única referência para a verdade e o conhecimento. O conhecimento de mundo passa, desde o iluminismo do século XVIII, a contar com a crescente fonte de influência das ciências nos meios cultural e intelectual. Isso significa que a Igreja deixa de ser o único receptáculo do conhecimento acerca do presente e do futuro. O destino passa a ser humanizado e o passado vai se tornando um fenômeno natural, passível de estudo. Como exemplo, até então, a doutrina da Igreja Católica permitia um passado de apenas 6.500 anos aproximados. Com a publicação do “Principles of Geology”, 1830, e do “On the origin of the species”, 1859, por, respectivamente Charles Lyell e Charles Darwin, passa-se a aceitar e imaginar maiores profundidades de tempo passado. Isso, contudo, não significa que o tempo tenha se aproximado da esfera humana, ao se distanciar da esfera do divino. Ao se tornar parte do estudo, o tempo agora se aproxima do âmbito da natureza e do fenômeno natural, e não do sujeito da ciência.

Dito isso, penso que as ciências utilizam-se do tempo de duas maneiras: como *metrônomo* de fenômenos ou como dimensão do *movimento e transformação*, que altera a realidade e possibilita os próprios fenômenos que estuda.

Assim, as várias disciplinas científicas formatam suas questões em torno da passagem do tempo físico para construir seus objetivos e métodos, *organizar* seus problemas e hipóteses. A ciência, de modo geral<sup>4</sup>, concebe uma ordem imutável e atemporal à realidade apreensível. E o tempo é entendido como uma duração infinita. É desse modo que o tempo é tido como separado do seu objeto de pesquisa, uma concretude que abriga os fenômenos e a eles confere ritmo e compasso. Em outras palavras, o tempo é entendido como um intervalo entre dois pontos, uma trama ou tabuleiro (imagem espacial de temporalidade) que dá ordenação para hipóteses, experimentos e explicações. É tido como medida absoluta, no que serve de valor fixo para referências móveis, ponto a partir do qual outras variáveis são calculadas. A pretensão homogênea do tempo e seu caráter incondicional oferecem uma confiabilidade suficiente e consensual ao experimento, que pode ser refeito ou descrito quantas vezes forem necessárias.

No entanto, o tempo físico não somente ordena os objetos de pesquisa, seqüenciando eventos e dividindo fenômenos. A relação entre o tempo físico e o tempo das ciências é ainda mais estreita. Penso que os fenômenos que são objetos científicos são percebidos a *partir das transformações* que sofrem (ou pela ausência de mudanças). A física objetiva, por exemplo, os movimentos de corpos; a química, as transformações moleculares; e a biologia, ciclos biológicos. Com a física, fica evidente o tempo dos fenômenos físicos tanto na mecânica clássica quanto na física quântica; através da química, trabalha-se o tempo de reações entre elementos e moléculas; na biologia, mede-se o tempo biológico dos seres vivos ou o tempo da evolução das espécies; a geologia permite pensar um tempo ainda mais remoto, com o tempo de formação de rochas e veios; com a antropologia podemos trabalhar as diferentes concepções cosmológicas de tempo para os vários grupos nativos ou, ainda, pensar elementos culturais persistentes, permitindo ver culturas de forma atemporal; para a história, é importante ressaltar a temporalidade de processos, de mudanças econômicas ou das alterações de costumes sociais, ou, em um plano mais individual ou micro, em ascensão de camadas sociais e agentes de

---

<sup>4</sup>É certo que a ciência não é homogênea no que tange os desdobramentos e nuances do conceito de tempo. Por exemplo, enquanto que, para Descartes, tempo é duração, para Newton é mais como o meio onde decorrem os eventos, uma seqüencia. Contudo, pretendo construir o conceito da ciência clássica em linhas gerais.

mudança; com a filosofia, analisa-se o tempo ontologicamente ou o tempo por meio da filosofia das ciências.

Dessa forma, apesar de idéias de tempo absoluto e não-humano estarem presentes no pensamento das pessoas, dos filósofos e inventores ao longo dos séculos, é apenas na modernidade que irão adquirir, sob o marco do relógio de ponteiro, novas configurações. A consolidação moderna do tempo físico, absoluto, linear e não-humano culmina de vários processos, entre eles: *desenvolvimentos técnicos* (da invenção do relógio, por exemplo); *transformações sócio-econômicas* (advindas da revolução industrial e do estabelecimento das novas relações sócio-econômicas capitalistas); da *secularização do pensamento* (através da qual o tempo se distancia do âmbito divino e se racionaliza como fenômeno da natureza, passível de compreensão e estudo); e da *cientificização do conhecimento* (de forma que o tempo mensurável e não-humano permite a regularidade e o controle de experimentos).

Como consequência, atualmente é quase incondicional na sociedade ocidental associar o tempo à marcação supostamente absoluta do tempo físico, que se baseia no movimento astronômico. O dia é contado segundo a rotação da Terra, o ano segundo a translação ao redor do sol. A partir desses parâmetros, o tempo físico é pretendido como regular, abstrato, reversível, não-humano, irreflexivo, contínuo, homogêneo e linear. Entende-se que ele, antes de tudo, é externo ao ser humano, portanto independe desse, sendo mensurável e preciso (Reis, 2005). Dessa forma, pode ser traduzido em números e porções iguais, quantificado e feito absoluto. É o tempo dos relógios e dos calendários, que serve como base de referência para os movimentos humanos. Esse tempo é onipresente. Tem o poder de coordenar e referenciar pessoas e eventos em qualquer lugar do mundo. É linear, de modo que é, também, caminho inevitável, em direção específica e imutável. Nessa linha, ele engloba e dá seqüência a acontecimentos, locais, memórias e pessoas. É assim que um intervalo pode ser preenchido e dividido.

A intensa influência do tempo absoluto e não-humano no pensamento ocidental e moderno é particularmente relevante, para esse estudo de caso, de duas maneiras. Em primeiro lugar, veremos que a influência de noções de tempo físico, absoluto e

não-humano na compreensão foqueira e baleeira de tempo se fará presente, ainda que concomitantemente a outras formas de percepção temporal. Em segundo lugar, as concepções da ciência de tempo absoluto e não-humano fazem grande parte de estudos arqueológicos tradicionais. Isso implica, como discuto a seguir, numa restrição das possibilidades interpretativas, que, ao se basear em um tempo absoluto, se concentra em determiná-lo, organizá-lo, classificá-lo e preenchê-lo, em detrimento da compreensão de formas relacionais de percepção de tempo.

### ***A arqueologia e o tempo***

O tempo compreendido como dimensão absoluta e não-humana desempenha um papel importante nas discussões arqueológicas. Conceitos como datação, cronologia, criação de fases e seqüências, entre outros nos quais se baseiam grande parte dos estudos arqueológicos, são construídos a partir de uma idéia de tempo linear, natural e racionalizado.

Tal compreensão linear de temporalidade focaliza grandes profundidades de tempo passado (mais recuada que o tempo histórico), mas é o tempo da existência humana. Pode parecer contraditório que o tempo da existência humana seja também não-humano, mas o é no sentido de que sua contagem independe do olhar e da percepção. É não-humano, na forma em que é compreendido, não nos limites ou no intervalo da sua contagem.

Esse tempo é, então, dividido e classificado em história e pré-história, em antes e depois de Cristo, ou  $n$  anos antes do Presente (1950). Tais cronologias e seqüenciamentos (como paleolítico e neolítico, ou pleistoceno e holoceno, tomando emprestado cronologias também geológicas), tomam referências tanto relativas quanto absolutas (mas ambas lineares).

Esses conceitos contextualizam temporalmente os estudos arqueológicos. Deste modo, ele ordena e seleciona o objeto de estudo arqueológico, criando, também,

especializações dentro da disciplina: como o arqueólogo da arqueologia histórica e o da pré-histórica.

Com base nessa ordenação temporal, que tem início, velocidade e ritmo, são estabelecidos estágios evolucionários ou sucessões de eventos e de coisas materiais. Um exemplo importante de cronologia são os grupos de artefatos formados a partir do conceito clássico de *cultura arqueológica*, consolidado por Vere Gordon Childe. Por meio desse conceito (que se desdobra em outros, mais flexíveis, porém semelhantes, tais como o conceito de tradição, que seqüencia artefatos), elementos culturais materiais são balizados no registro arqueológico e *agrupados* conforme semelhanças morfológicas, espaciais e/ou simbólicas, de acordo com marcos temporais. Os objetos materiais e suas características físicas (morfológicas ou estilísticas, por exemplo) são *evidência* da passagem de tempo.

A partir das culturas arqueológicas, formam-se *blocos de tempo* para os quais se pretende alguma homogeneidade, mesmo que apresentem alguma pequena variação, por exemplo, tecnológica, que pode aparecer como subdivisões. Os objetos arqueológicos são então compreendidos nos termos da permanência e da transformação (conceitos essencialmente marcados por temporalidade). Nesse sentido, a cultura arqueológica *representa* o próprio grupo cultural, uma localidade e um período temporal. São tidas como expressões de momentos culturais no tempo e no espaço.

Esse é um exemplo clássico na arqueologia de como o tempo absoluto e linear se expressa: através da preocupação com a construção de fases ou seqüenciamentos de ocupações, de sítios e de elementos culturais. É como se, dessa forma, o tempo se tornasse mais concreto e palpável, à medida que cada bloco reduz a imensidão do tempo infinito para algumas centenas ou milhares de anos. É um processo de concretização do tempo. Além disso, nesse sentido, o tempo é uma linearidade que deve ser preenchida, ou por elementos culturais materiais, ou por eventos históricos, ou por grupos culturais, ou por pessoas e casos particulares. Atualmente, também fazem parte dessa concepção de tempo, as datações laboratoriais absolutas para sítios, estratos e artefatos específicos. Elas ajudam a seqüenciar os elementos de interesse arqueológico e construir uma imagem



concreta e não humana de tempo. Contudo, essa construção de tempo corre o risco de compreendê-lo como um *contêiner* de eventos (Lucas, 2005), em torno do qual os espaços e acontecimentos são homogeneizados e generalizados.

Por outro lado, para a arqueologia<sup>5</sup>, é a passagem do tempo linear que produz o vestígio, o seu abandono e sua sedimentação: evidência de tais distâncias temporais. Concomitantemente, produz distância entre formas de pensamento (o que implica algo da natureza do estudo arqueológico: o estudo do que é menos familiar devido à passagem do tempo). Trata-se daquilo que se altera fisicamente, na sua integridade material, como também perde conexões contextuais com seus significados sócio-culturais.

A sedimentação dos solos é como uma metáfora da passagem desse tempo, em linguagem física e apreensível. É evidência de que o tempo linear passa e recobre os artefatos. Cada estrato ou camada arqueológica corresponde a um momento no tempo, uma ocupação, um contexto ou um evento deposicional. A passagem do tempo não somente cria supostos obstáculos e dificuldades para a realização da arqueologia, onde as distâncias temporais criam também outras distâncias, mas também, de certa maneira, confere legitimidade à disciplina. É em razão da passagem do tempo linear que a disciplina encontra seu sentido. Esse tempo linear compreende um passado único, parcialmente obscurecido pela passagem do tempo.

É dessa maneira que a concepção de tempo absoluto, linear e não-humano fortemente subjaz os estudos arqueológicos. É um tempo que se divide e corresponde a objetos e culturas arqueológicos. É um tempo que passa, destrói e constrói, em ritmo previsível. Contudo, existem outras concepções de tempo na arqueologia. Aspectos não lineares, humanos, irregulares e relacionais da percepção e compreensão de tempo fazem parte dos conceitos utilizados pela disciplina para trabalhar seus objetos ou simplesmente a imagem que se constrói deles. Um exemplo está na noção de atemporalidade na arqueologia, para a qual vestígios são entendidos como estáticos, inalterados e portais intocados para o passado, como geralmente se compreende a cidade de Pompéia. Como se fosse

---

<sup>5</sup> Esse comentário não inclui as arqueologias da sociedade moderna ou de grupos vivos, como o Garbage Project, que compreendem seu objeto de estudo sem limites temporais.

possível que objetos e materiais fossem protegidos da passagem do tempo, ou que o tempo pudesse passar sem que objetos e espaços (tal como sua percepção) fossem alterados. Penso que as possibilidades interpretativas desse tempo mais interessantes são, no processualismo, a relativa atemporalidade trazida pela comparação etnográfica e a criação de modelos, e, no pós-processualismo, a pluralidade do passado, através das narrativas múltiplas<sup>6</sup>.

As analogias que Binford traça entre o registro arqueológico e dados etnográficos servem como sugestões interpretativas, para preencher lacunas e aproximam dois momentos diferentes através de suas possíveis similaridades culturais: “Os arqueólogos poderiam estar cumprindo um papel análogo ao de um crítico histórico que busque transportar dados do passado ao contexto da experiência relativamente contemporânea ou prescrita culturalmente” (Binford, 2007: 56).

Também conferindo a idéia de atemporalidade ou ciclicidade é o modelo, que implica a possibilidade da sua aplicação em casos além daqueles em que foi baseado inicialmente para sua construção. No caso de um modelo temporal, como os modelos a serem aplicados em sítios, artefatos e grupos arqueológicos, faz-se necessária uma aplicabilidade também temporal. Isso significa uma repetibilidade de eventos ou fenômenos, possibilitando a formulação de leis gerais. A variabilidade é um dos mais importantes aspectos buscados da arqueologia processual, onde, por meio do estudo de extensos períodos de tempo e a partir da materialidade remanescente, se constroem leis ou normas gerais para a atuação de grupos (Hodder e Hutson, 2003). Essas leis dão um tom homogeneizante à passagem do tempo. Essa já não é percebida somente a partir de transformações vistas como fundamentais para a determinação de cronologias de base. Aqui o foco está também nas similaridades, na permanência, na repetibilidade e na predição.

Já ao observar o fato de que *nossos tão queridos artefatos, na verdade, pertencem ao presente*, Johnson (Johnson, 1999: 12) está ressaltando a linearidade da vida do objeto e as distâncias temporais que percorrem. Contudo, esse excerto leva a uma auto-reflexividade epistemológica. Como todo dado ou fato arqueológico é uma construção humana acerca do passado, os acontecimentos, processos e significados

---

<sup>6</sup> Para generalizar a discussão, os termos processualismo e pós-processualismo estão aqui entendidos de forma a abranger várias abordagens distintas.

referentes a grupos arqueológicos são parte do imaginário e da perspectiva do estudo e do pesquisador. Os questionamentos acerca da realidade ou da verdade são aqui imbuídos nas percepções do fato como um *constructo* e das narrativas históricas como parte de contextos sociais e políticos. As arqueologias assim concebidas passaram a questionar a própria realidade absoluta do passado arqueológico. O passado é então percebido como produto de uma série de processos polissêmicos, dando abertura para a compreensão de múltiplos processos subjetivos. Assim, o passado arqueológico se constrói através de tentativas narrativas múltiplas, e, desse modo, se o passado arqueológico é uma construção, podem existir várias interpretações e, no limite, vários passados.

Finalmente, há nessa corrente também uma tendência em perceber a passagem de tempo a partir da ruptura e da descontinuidade. A partir de uma crítica às histórias oficiais, o pós-processualismo congruente com a nova história dos *Annales* (Braudel, 1972, 2007; Burke, 1997) busca uma arqueologia mais atenta aos detalhes cotidianos, à individualidade, ao desviante e às negociações obscurecidas. A aceitação de várias interpretações possíveis, que ladeiam e competem com as interpretações oficiais, advém da noção idealista (em oposição ao materialismo) de múltiplas realidades. Com a busca pelos micro-processos históricos e sociais, pelo cotidiano de minorias e pelos traços culturais de grupos subjugados, surge um contato maior com as possibilidades de vivência individual. O tempo em pequena escala<sup>7</sup>, individual, e em perspectiva subjetiva passa a ser também relevante.

Assim, as seqüências, fases, estágios evolutivos e cronologias demonstram em parte a importância conferida pela arqueologia ao tempo linear e absoluto. Tomam-no como dado, baseiam nele várias interpretações, constroem uma imagem do passado, agrupam aspectos culturais e situam o presente. Apesar de algumas possibilidades interpretativas relacionais, como a comparações etnográficas e a pluralidade do passado, aquelas ainda são predominantes e regulam nossa forma de compreender a própria disciplina e as especializações que dela são criadas. Contudo, penso que, entre todas essas possibilidades, essa última descrita no parágrafo anterior, relativa à multiplicidade interpretativa, permite

---

<sup>7</sup> Não fazendo referências à *longa duração* de Braudel, que busca processos, em oposição à história de pequenos fatos e acontecimentos (sob o conceito de curta duração), intenciono essa mencionada pequena escala como no nível individual.

atingir níveis de realidade possíveis para dimensões particulares dos sujeitos. Essa é especialmente próxima da abordagem desta dissertação. Por exemplo, no caso do tema dessa pesquisa, ao invés de nos atermos apenas ao tempo tido como absoluto, divisível ou econômico, descrevendo os momentos tecnológicos ou datando sítios, seria possível, nessa perspectiva, explorar a subjetivação dessas dimensões ou extrapolar para vivências que se dão na consciência.

### ***Breve relativização do tempo absoluto das ciências duras***

Como já discutido algumas páginas atrás, uma das propriedades mais importantes do tempo físico tal como o concebemos é a sua mensurabilidade. Essa característica subjaz a percepção de um tempo regular, reversível, contínuo e linear. É um dos seus aspectos que lhe garantem tom de objetividade e naturalização. Porém, potencialmente desafiando essas características que se comumente atribui a ele, a medição do tempo físico pauta-se pela comparação dimensional e pela contagem matemática, que relaciona a ele símbolos abstratos e depende, também, de consensos científicos:

*Originally, the metre was defined as one ten millionth of the distance from the pole to the equator, along the meridian passing through Paris; the second as 1/86,400 of an average solar day; and the kilogram as the mass of one thousandth of a cubic metre of pure water. These definitions gave rise to problems as our ability to measure the Earth's dimensions and motion more accurately implied small changes in these standard values (...). The definition of the second was modified in 1960 and expressed in terms of the average length of the year. As atomic measurements became more accurate, the fundamental units were redefined again: the second is now defined as 9,192,631,770 periods of oscillation of the radiation emitted during a transition between particular energy levels of the caesium atom<sup>3</sup> while the meter is defined as the distance travelled by light in a time equal to 1/299,792,458 of a second (Rae, 2005: 9).*

Em outras palavras, o *segundo*, tal como o *metro* ou o *quilograma*, é uma unidade dependente de outra. O *segundo* não é um valor absoluto, como é o caso do valor de  $\pi$ , por exemplo. Trata-se da diferença entre uma constante matemática e uma unidade de medida. Não se trata de uma questão de precisão, que varia de acordo com as diferentes relações feitas entre a unidade e a sua atribuição, com os instrumentos, modelos ou métodos de medição e com erro humano.  $\Pi$  é uma grandeza numérica, absoluta, constante matemática adimensional. As unidades de tempo, parâmetro a partir dos quais as ciências compreendem os fenômenos, são quantidades variáveis e sempre subordinadas. No tempo físico, um *ano* é o mesmo que, aproximadamente, 365 dias, 5 horas, 49 minutos e 12 segundos. A *era* é a divisão do *éon*. O *nanossegundo* é o tempo para que a luz no vácuo percorra 29,9792458 *centímetros*. Quero dizer com isso que o tempo físico, enquanto unidade de medida e compasso da ciência, é, também, uma construção.

Por outro lado, existe espaço para uma concepção flexível ou variável do tempo, mesmo no âmbito da física. Para mencioná-las brevemente, trata-se do tempo na física quântica e na teoria da relatividade. Para a física quântica, espaço e tempo não são indissociáveis e as partículas fundamentais (como o elétron) não estão no espaço e no tempo, mas são tais dimensões que existem em função delas. Os fenômenos apresentam, tal como descritos no formalismo de Heisenberg, uma incerteza inerente. O trecho que se segue aponta como um evento físico pode encontrar sua definição a partir de intervalos de probabilidade de presença no espaço-tempo, ao invés de por pontos específicos no espaço-tempo, como na física newtoniana.

*When, as in the new theory, a point in space has no longer a fixed place, or when this place is still only defined formally and symbolically, then the same is true also of the time-point of an event. But there is always given a rough duration, as also a rough place in space: with our geometric picture we shall still be able to achieve a rough picture of the phenomena (Heisenberg<sup>8</sup>, In: MUGA, J. G. et al, 2008)*

---

<sup>8</sup> Heisenberg é um formalista, dentro da física quântica. Trata-se de uma vertente da teoria quântica. Nesse trecho ele enuncia alguns elementos do seu princípio da incerteza.

Já no caso da teoria da relatividade, o próprio tempo físico passa a ser uma medida variável de acordo com a velocidade do referencial. Isso implica ausência de simultaneidade entre eventos dotados da mesma duração e com mesmo ponto inicial. Com a postulação da natureza dual da luz e da relatividade temporal, a ciência contemporânea abriu espaço para pensar os seus objetos de maneira mais subjetiva (Cardoso, s/d).

Com esses exemplos brevemente apresentados, pretendo descrever o tempo absoluto, regular e não-humano como uma construção da sociedade moderna e das ciências. Essa construção, contudo, apesar da sua grande aceitação, permite outras experimentações do tempo, mesmo sob a égide da ciência. Assim, a ciência – e as próprias ciências exatas – pode compreender o tempo de maneira relativa, irregular e humana, ainda que se valha de elementos absolutos, regulares e não-humanos.



Os conceitos apresentados – *retenção e protensão, fluxo do vivido e tempo imanente* – possibilitam discutir a dimensão essencialmente perceptiva do tempo. Buscam delinear como a duração de fenômenos se parecem para aqueles que os experimentam. Tratam da relação que travam passado, presente e futuro, na consciência humana. Esses momentos temporais se valem de eventos pontuados em cada *agora*, contudo, dotados de duração e seqüência. Essa seqüência diz respeito às significações atribuídas aos *agoras*, à identidade dos acontecimentos, às associações temporais de cada processo.

Tomarei, nesta dissertação, esses conceitos como base inicial para compreender percepções de tempo por parte de grupos humanos na Antártica – os caçadores de mamíferos marinhos no século XIX e os marinheiros brasileiros atuais. O *fluxo do vivido*, tal como o entenderei aqui, seqüencia eventos, espaços, pessoas e

materialidades, de forma irregular, móvel e em constante movimento, conforme a memória individual e as expectativas, como passado e futuro, ou *retenção e protensão*. À medida que cada *agora* se vale de sensações e percepções do passado, como também de desejo e planejamento para o futuro, cada momento se infla de temporalidade. Isso significa uma divisão temporal das atividades e acontecimentos do presente, um retorno a atividades passadas, por meio da memória, e um planejamento e expectativa para futuros. Significa, também, a meu ver, uma relação de subjetivação do tempo absoluto. Nesse sentido, penso que é na consciência que se dão as concepções de tempo físico, absoluto e não-humano. Elas são associadas a outros elementos da vivência, da ordem do subjetivo, do sensório e do relacional. São, de certa forma, como tempo objetivo subjetivado.

Além disso, os espaços do presente, da memória e do futuro podem ser compreendidos como conectores e transformadores do presente. Da mesma forma, os objetos materiais que nos circundam, nos vários momentos das nossas vivências, permanecem na nossa consciência e na nossa experiência de outros objetos no tempo, como a duração de um som.

Para o estudo de caso, como procurarei demonstrar nos capítulos que se seguirão, isso poderá significar que o presente vivido na Antártica, tanto para os marinheiros de hoje quanto para os caçadores de 200 anos atrás (e, na verdade, toda experimentação temporal), se vale de momentos anteriores e posteriores à presença no local. Portanto, a sazonalidade da presença humana na Antártica, associada à conseqüente necessidade de intenso planejamento anterior à viagem, tal como um longo trajeto e lembrança constante do ponto de origem, resulta em recorrentes movimentos de *retenção e protensão* e forte duração de outros *agoras*.

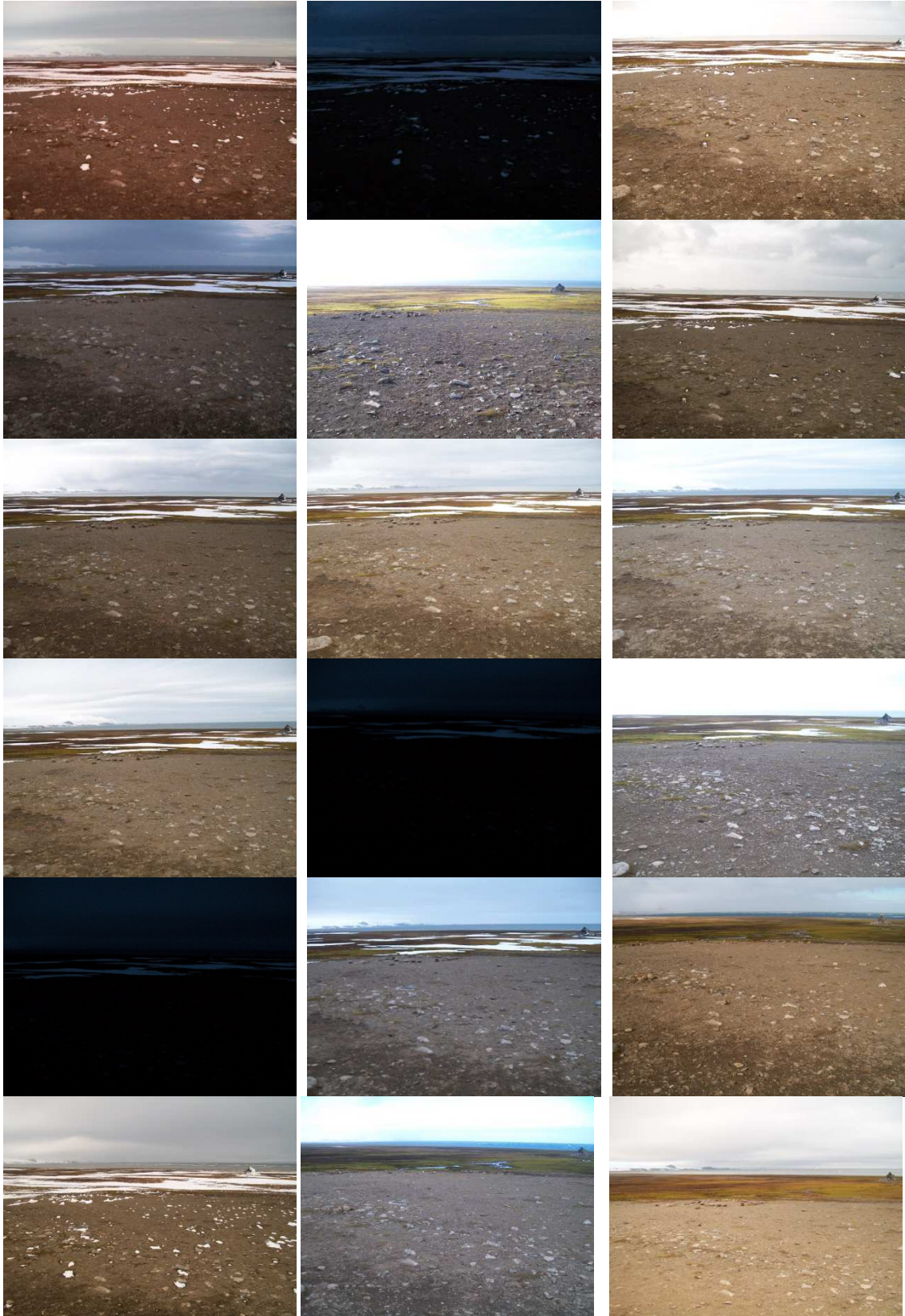


## Capítulo 2

# **Experiências antárticas no presente: marinheiros brasileiros na Antártica**

A imagem que nos vem à mente ao pensar a Antártica é a de um intenso branco, extenso e homogêneo, de montanhas altas e de um mar calmo, onde flutuam grandes blocos de gelo. O céu é feito de um acinzentado inalterável e a luz do sol, sempre coberto por nuvens, chega branca e difusa. Luz de sol que se mistura ao branco intenso. No continente, o chão, onde não há sedimento, vegetação ou vida, é apenas coberto por neve. As reduzidas cores variam pouco e apenas em tons frios. Também poucos elementos compõem essa paisagem que faz a vida em silêncio. E tudo permanece sempre imóvel, pois, aparentemente, não há movimento. Luz e frio, como se este imobilizasse o pouco que há nessa imensidão de tudo e nada. É como se nada acontecesse nesse lugar, praticamente uma fotografia. Porém, apenas uma, repetidamente.





As 36 fotografias no *flipbook*<sup>9</sup> são uma seleção das várias imagens que tirei a partir de um mesmo ponto: na praia sul da península Byers, ilha Livingston, arquipélago Shetland do Sul, Antártica. As fotografias recortam fragmentos distintos de Antártica, porém num mesmo quadro. À direita da foto, na linha do horizonte, há uma rocha pontiaguda, que, diariamente, me servia de referência de enquadramento, já que eu não dispunha de tripé. Enquadram-se: horizonte, céu, chão. Eventualmente, nuvens, pedra, neve, água, ave, musgo. Quem sabe, também, vento, precipitação ainda líquida. O frio e a quietude estão apenas subentendidos. Fotografar o frio, o vento gélido: indiretamente o que é visível produz imagens que complementam o que está no interior do quadro.

As alterações que percebemos na paisagem fotografada são sutis. Eventualmente, aparecem algumas cores vivas: um verde, um azul. O sol, que às vezes nasce amarelo, colore a vegetação, o marrom do sedimento e a cor do céu. São mudanças de iluminação, de cor, de presenças e ausências de corpos (d'água, neve, nuvens e, eventualmente, pessoas e animais). Varia a quantidade de elementos e a distribuição em que aparecem. Muda a sensação que suscitam de temperatura ou de preenchimento do espaço.

Onde se vê inicialmente poucos elementos na paisagem, a partir de um olhar já habituado ao local, percebem-se novas nuances. Ao observar atentamente cada fotografia, é possível perceber a recorrência persistente de uma ou outra pedra, ou a unicidade de certo tom de verde ou de azul. E, na verdade, é assim mesmo que enxergamos nosso próprio habitat. Qualquer ambiente cultural — e veremos que a Antártica também o é — tem um compasso próprio, que dá ritmo também ao nosso conhecimento das coisas. Isso implica uma necessidade de acostumar o nosso olhar, respeitando a máxima do *olhar sempre cultural*, para não tomar, por exemplo, como estaticidade, o que poderá ser relativa menor velocidade.

---

<sup>9</sup> Figura 1: Sequência de fotos. O tempo antártico em momentos. Sarah Hissa, 2010. A versão impressa desta dissertação continha um pequeno flipbook, com as imagens apresentadas na página anterior e outras mais, tiradas do mesmo ponto durante um trabalho de campo na Antártica. Nesta versão online, optei inseri-las em uma mesma página. Para mais informações sobre essa sequência de fotos, ver Anexo A.

E é então que, surpreendentemente, a passagem do dia (e dos dias), expressa nas fotografias, revela transformações, movimento. Mas as imagens não apenas constataam o tempo passado, por meio do registro de alterações, às vezes mínimas, outras mais significativas. Demonstam também qual o movimento captado visualmente nas paisagens antárticas vivenciadas, que vai além de cor e iluminação, para inferir, também, sensações tácteis ou psicológicas.

Contudo, é certo que a Antártica não é como a cidade, o campo, os caminhos. A presença humana, apesar de existente, não se deu intensamente como em outras áreas do planeta. Isso significa não somente que o espaço antártico não foi utilizado ou alterado tanto quanto os outros espaços do mundo. Não falamos aqui somente de demografia ou de exploração econômica. A ideia de Antártica, enquanto parte do mundo humano, mantém conotação de espaço desencaixado do mundo geográfico e isolado das pessoas. Não faz parte do mundo, já que não abriga grupos humanos permanentes. Como se a nossa apropriação mental daquele espaço não fosse por inteiro. Nesse sentido, assemelha-se, portanto, mais ao deserto, ao descampado, à savana, ou até mesmo à floresta e ao mar. Porém, ainda assim, é distinta. Associamos a todos esses locais mencionados, um tipo humano; e esses locais fazem mais parte integral do mundo. A ideia de mundo é incompleta sem eles, é uma totalidade compreensível. No entanto, a Antártica é, para isso, desnecessária. A Antártica é desabitada; é o continente esquecido. A Antártica não é da ordem do humano, mas de uma natureza que nos é oposta. Voltamos àquela imagem de Antártica inerte, estática e homogênea, que, ainda, exclui o ser humano. É como um verbo não conjugado, sem tempo e sem ação. Verbo inerte que fala de uma natureza supostamente imaculada, feita de pedras, rochas, montanhas, nuvens, vento, frio, pinguins, focas, gelo, neve, mar. Não há pessoas, e, sem elas, também não há o movimento, a velocidade, a ação, a vida, o barulho, a convivência, o combate, o caos. É vazia. Natureza, aparentemente, vazia de verbo; mas, nela, estão os meus olhos que se articulam às ideias que construímos acerca de tempo, de espaço, espaço-tempo.

De fato, os próprios recortes de Antártica que apresentei excluíram pessoas quaisquer — exceto a minha própria perspectiva, a do meu olhar através da máquina de fotografia, de impossível cancelamento. Mas evitaram os meus colegas

de trabalho e de acampamento. Eu esperava, sem que o percebesse como um problema, pelo momento em que todos saíssem do enquadramento para que desse, então, o *click*. Mas, quando faço isso, acabo por reafirmar essa imagem que combato, e dizer que nossa presença na Antártica não é natural. E não é esse o meu objetivo.<sup>10</sup>



Figura 2

### ***Trânsito, espaços e imaginação***

*la ser um sofrimento, isso eu já tinha certeza, porque eu já viajei 25 dias. É triste. Ainda mais aqui que tinha quatro ou cinco portos. E tempo, cinco meses e pouco. Horrível. Ficar na água 45 cinco, 50 dias. Aí quando pensei, 'Meu Deus do céu, eu vou ter que agüentar'. Mas está tranquilo.<sup>11</sup>*

Depois de anos em treino, longos períodos em bases navais, em portos, em navios fundeados ou em movimento, surge a oportunidade de servir em navio polar, fazer uma viagem à Antártica que durará de cinco a seis meses. Serão semanas embarcado, sem que o navio atraque em qualquer porto. O natal e a virada do ano serão passados longe das celebrações da família. Por outro lado, a viagem aumentará o ganho mensal. Poderá ser, também, reconhecimento profissional e uma maneira de subir na carreira militar. E será, certamente, uma aventura, experiência de vida. O que significa essa viagem, tendo em vista o planejamento presente e futuro dos marinheiros brasileiros? Quais e como são as vivências temporais dessa Antártica? Essas questões dizem respeito a três momentos distintos. Um deles é o presente a partir do qual se planeja a viagem à Antártica, tendo em vista a carreira profissional e a passagem dos meses seguintes. Esse presente se dá ainda no Brasil, em terra firme, junto à família, amigos e lugares

<sup>10</sup> Ver Figura 2: Sequência de fotos. Paisagem marítima. Fonte: LEACH.

<sup>11</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Como você achou que seria quando planejou vir para a Antártica?* Para mais informações sobre as entrevistas realizadas com os marinheiros brasileiros, ver Anexo B.

familiares. É assim que, ainda no continente Americano, inicia-se a vivência do tempo antártico. Ele é feito de cálculos e da imaginação de várias possibilidades, e, também, de expectativa e esperança (como a *protensão* de Husserl). Imagens do destino final e da travessia dos mares do sul são criadas, usando-se de estereótipos do continente austral (da imensidão branca e gélida), de experiência náutica prévia, de treinamentos e palestras oferecidos pela Marinha Brasileira. O que já é conhecido e aquilo que virá, mas ainda está por conhecer, unem-se em uma experimentação única e preliminar de Antártica. Praticamente um teste do que virá, busca a construção de uma ideia praticável de vivência, a partir de fragmentos de realidade. Na reflexão que se mescla às atividades do cotidiano da realização de etapas do projeto, mas, também em contemplação, também visual, do devir. Esse amálgama resulta em um tempo moderno desacelerado pelo contato com a insinuação de uma imagem estática de tempo antártico. Contudo, esse é um tempo ainda não completamente concretizado, ainda apenas imaginado, e feito principalmente do tempo do mundo moderno.

O segundo momento se dá entre os espaços do mundo moderno e do continente antártico. Os navios polares<sup>12</sup> fazem a fronteira entre esses dois domínios, sem, contudo, perder em identidade e concretude. Alguns marinheiros experimentam a Antártica somente até esse ponto, sem nunca desembarcar no continente austral. Mas o tempo do navio faz parte, concomitantemente, do domínio antártico e do restante do mundo. Tal como no mundo moderno, uma vez que esse espaço é ritmado pelos dias compartimentados em horários de atividades específicas, familiares e estruturadas, além de possibilitar o uso de muitos elementos materiais modernos (banheiros, encanamento, colchão, mesa, copos e enlatados) ou manter-se de sociabilidades controladas em



Figura 3

<sup>12</sup>Ver Figura 3: Sequência de fotos. Espaços dos navios polares brasileiros. Fonte: LEACH.

hierarquias. Enquanto isso, nos navios polares, o imperativo das atividades antárticas frente às liberdades e pressões individuais já está em efeito. Já se sente o frio contemplativo, a distância e a saudade de casa. Há apenas a materialidade que se selecionou previamente e que foi transportada a bordo; nada de novo é inserido. Já nos confinamos em nós mesmos. Frente à vivência dos planos, a realidade se confronta com a imaginação, de modo que se revisa a trajetória e já se espera a nova etapa. É um tempo de espera, onde as atividades são realizadas, porém em tom de obstáculo a outras, que se deseja por completo. Nesse sentido, é tempo interrompido. Vivencia-se uma tensão entre os dois tempos, que, nesse momento, embatem-se com equidade. É tempo que une e desune os tempos (o tempo antártico; o tempo do mundo moderno).

O último momento se dá já na Antártica. Traz um presente mais fechado em si próprio, quando se vive aquilo planejado. É preenchido pelo *agora*, ainda que sempre se servindo de passados e futuros. O *agora* que se estende por grande parte desse presente é aquele da realização do que antes era futuro distante, no tempo e no espaço. É um *agora* do instante, do trabalho que se desempenha, do cansaço. No entanto são instantes que se fundem em percepção fluida da passagem de tempo, em largos intervalos, como quando dias repetidos aparentam apenas um. Ainda, diferentemente do navio, a Antártica fornece um ambiente amplo, espaço e matéria à espera de apropriação. Há liberdade de se integrar materialmente àquele espaço, fazer fisicamente parte dele. Monta-se o acampamento, usa-se água, terreno, vista litorânea. É assim que o tempo antártico é singular, em alterações lentas, transformações sutis, cores e passagens arrastadas, onde, eventualmente, nos integramos. Também, como ainda no navio, o tempo antártico se preenche de saudades e passados, como de expectativa da partida. O tempo antártico se integra a outros tempos e é percebido por meio dele. É assim que o tempo antártico é também tempo do mundo moderno.



### ***O marinheiro brasileiro, entre tempos e lugares antárticos***

A Marinha Brasileira, desde o ano de 1982, oferece apoio à pesquisa científica brasileira na Antártica, através do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR). Isso significa transporte, provimento e segurança dos envolvidos (militares e pesquisadores). São dois navios polares em operação no momento, NP Almirante Maximiano e NP Ary Rongel, ambos contando com o auxílio de helicóptero para o transporte de cargas e pessoal entre o navio e o continente ou ilhas sub-antárticas<sup>13</sup>. Há um apoio integrado da Força Aérea Brasileira, através do suporte de aeronaves Hércules, em sete voos anuais, que transportam cargas e pessoas entre a Antártica e o Brasil. Entre a tripulação, do capitão aos cabos (patente mais baixa a bordo), há também um médico, um dentista e um capelão. Outras atividades são divididas entre os praças: garçom, cozinheiro, eletricista, carpinteiro, encanador, programador de rede, mecânico, operador de máquinas, dentre outras. O espaço dos navios, categorizado por tipo de atividade e por diferenciação de acesso, compreende: camarotes, cozinhas, praça d'armas, rancho<sup>14</sup> dos sargentos, rancho dos praças (esses três últimos, locais de alimentação e lazer, divididos conforme hierarquia militar), academia de ginástica, escritórios e salas de computadores, laboratórios de pesquisa, galpões de armazenagem, casa de máquinas, decks, passadiço (ponte de comando)<sup>15</sup>. Todos esses espaços, de uso coletivo (ainda que categorizado), inspiram a impessoalidade e a oficialidade típicas de um escritório propriamente militar. As refeições são dispostas apenas em horários determinados, quando todos se reúnem para alimentar-se em conjunto. Mesmo os camarotes, espaços supostamente pessoais,



Figura 4

<sup>13</sup>Ver Figura 4: Sequência de fotos. Trabalho a bordo. Fonte: LEACH.

<sup>14</sup> Denomina-se rancho o alimento (almoço e jantar) e o local onde se dá a alimentação coletiva.

<sup>15</sup> Ver Figura 5: Sequência de fotos. Trabalho a bordo. Fonte: LEACH.

devem ser mantidos de forma tal a inspirarem um ideal coletivo de ordem e eficiência.

Os apitos soam em alto volume por todo o navio anunciando, além do despertar da tripulação e os horários de alimentação coletiva, a entrada de cada grupo de serviço, conforme uma escala pré-estabelecida. Há um ritmo do navio, que gira, também, em torno da natureza militar do espaço e da maior parte da formação das pessoas:

*Cumprir horário é só o de serviço e da hora do rancho, que temos que levantar para comer. Só isso. Basicamente é serviço, beliche. Beliche, dorme e serviço. Come e dorme. Beliche e serviço. E sempre tem alguma coisa para fazer. Sempre. Como no dia do último churrasco, eu fiquei no apoio. Eu nem fui porque eu fiquei lá embaixo, na bomba. Porque a bomba que faz o vácuo no sistema deu problema. Tivemos que arrancá-la. Todo o sistema parou. O pessoal achou que tinha queimado as duas bombas, mas tinha queimado uma. Demorou uma hora isso daí. Aí trocamos. Foi mais ou menos uns dois dias. Aí ficamos um dia sem almoçar. Quando acontece temos que dar o sangue. Se eu parar para comer churrasco não faço mais nada. Eu prefiro trabalhar e depois lazer.<sup>16</sup>*



Figura 5

O navio não falha em ser como uma extensão de bases navais da Marinha Brasileira: a constante aspiração à formalidade, a autoridade da hierarquia, o espaço de domínio masculino. Contudo, esse ritmo, que compassa o cotidiano dos marinheiros, é também construído, não somente pela ordem militar, mas também pela própria função da Marinha na Antártica e as obrigações que o navio deve realizar. A presença da Marinha na Antártica é regida, entre outros, pela necessidade de transportar pessoas e cargas, pela procura por pontualidade, eficiência e segurança. Esse ritmo, militar e antártico, atinge a todos.

Evidentemente, as obrigações do navio se desdobram em várias tarefas distintas, distribuídas pela tripulação. Desse modo, as atividades desempenhadas não são as mesmas para todas as pessoas, em função das hierarquias militares, da divisão de

<sup>16</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Como você organiza o seu dia?*



pessoal em grupos de serviço, de aptidões e preferências pessoais e da especialização do trabalho. Para um garçom, o trabalho se repete porque gira em função das horas dos ranchos: *Não tem momento do dia que você se sente de folga, levanta cinco e meia e vai deitar dez e meia*<sup>17</sup>, diz o marinheiro. Para ele, as atividades são organizadas mais em função das horas. E as atividades desempenhadas em águas antárticas ou águas brasileiras são as mesmas, já que trabalha servindo mesas, dentro dos mesmos espaços fechados, nos mesmos horários. O trabalho é interno ao navio e se relaciona a atividade cotidiana básica, a alimentação. Já no grupo da avaria, por exemplo, o ritmo pessoal de trabalho não muda somente de acordo com a escala, que o inclui ou não, mas é sujeita a situações imprevisíveis e emergenciais:

*Aqui é variado. Depende do serviço, porque estou no serviço 2 por 1. Agora, está circulando porque estamos atravessando o Drake e os mergulhões entram. Numa escala de patrulha. Aí, basicamente eu levanto na hora que eu quero, quando não estou de serviço. A menos que haja alguma emergência, me chamarem para algum trabalho, algum problema que der.*<sup>18</sup>

Por outro lado, mesmo dentro do único grupo, no caso, o da avaria, pode haver distintas percepções de tempo em função das atividades de trabalho e lazer, variado ou repetitivo, estimulante ou, talvez, entediante:

*Para mim é repetitivo. Todo dia levanto, tomo café. Entro de serviço. Corro e vejo a temperatura. É difícil ter uma avaria como essa que aconteceu da bomba. Muito difícil, uma vez só até agora. Quase nada novo (...).*<sup>19</sup>

Apesar de ser possível esquecer-nos disso após muitos dias embarcados, talvez dada a sua estrutura sólida interna, o navio é um espaço móvel. Não está fadado às mesmas vizinhanças, mas seu meio circundante é variável. Isso permite variações nas vivências pessoais a bordo. O próprio ritmo do navio acompanha a sua

---

<sup>17</sup> Marinheiro brasileiro (2011), em comentário deslocado de pergunta específica.

<sup>18</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Como você organiza o seu dia?*

<sup>19</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Os dias são mais repetitivos ou todos os dias têm coisas diferentes?*

localidade: no Brasil, em movimento, atracado em algum porto, fundeado em águas antárticas.

*Tudo muda, quando chegamos na Antártica, principalmente na Estação. Mais atenção com limpeza, não deixar cair nada no mar. A gente fica muito mais ativo, mais atento (...). Muito trabalho, corre aqui, corre ali, por causa da carga.*<sup>20</sup>

Quando atracados em algum porto<sup>21</sup>, em serviço ou não, sente-se que o trabalho se repete menos, sente-se o tempo passar mais rápido. As atividades do grupo do rancho, por exemplo, são ampliadas, já que têm que receber a comida comprada. Quando em folga, tem-se liberdade de movimento e de escolher atividade, espaço, companhia, alimentação.

*Aqui [no navio em movimento] o tempo passa rápido. Passa rápido porque eu estou sempre trabalhando. Fazendo alguma coisa, aqui e ali. Filme, trabalho, faxina. Mas no porto passa muito mais rápido. Tinha que ter mais porto. Se tivesse mais porto, a viagem passava mais rápido e seria mais tranqüilo. Mas aqui, passa rápido também. Está passando rápido. Não está demorando não, está tranqüilo.*<sup>22</sup>

*Passa muito mais rápido, estar em Punta Arenas. Passa mais rápido. É muito bom. Ficamos aqui uns 20 dias quando a aeronave quebrou. Passou voando. Muito Kamikase, Maderos.*<sup>23</sup>



Figura 6

Os marinheiros são habituados a esse ambiente e estrutura militares, dado seu treinamento prévio, diferentemente dos pesquisadores. Mesmo assim, a ansiedade pode ficar alta a bordo do navio, com a vontade de chegar a algum destino. Por exemplo, nos momentos fundeados, sem poder atracar e descer em terra: Isso

<sup>20</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Quando o navio está na Antártica o trabalho é diferente?*

<sup>21</sup> Ver Figura 6: Sequência de fotos. O navio e o porto. Fonte: LEACH.

<sup>22</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Como você sente a passagem de tempo nos portos, no navio e no Brasil?*

<sup>23</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Você sente o tempo passar diferente nos portos? Kamikase e Maderos são nomes de bares em Punta Arenas, cidade portuária do Chile, que faz parte do trajeto dos navios polares brasileiros.*

*causa ansiedade e vontade de passear e espaiar*<sup>24</sup>. Ou, ainda, durante a viagem, às vezes os dias se fundem e não se diferenciam, de modo que o único parâmetro é o fim do trajeto e o marco do destino final:

*Nada. Só vejo quando tem trabalho, quando tem serviço, a hora de entrar na internet. Quando tem internet. Fico ali de bobeira no Badoo. E pronto. Mais nada. Nem olho para o dia mais. Às vezes eu me perco, nem sei que dia é. Tem que olhar o calendário. Acho que o pessoal se liga só numa coisa: a cada semana que passa, diminui uma. Faltam 11. 11 semanas.*<sup>25</sup>

Essas duas falas sugerem um desejo por parte dos marinheiros, ainda que não seja único ou mesmo o prevalente, pela conclusão da viagem (em fim temporário ou definitivo). A ansiedade advinda do trânsito constante pode preencher os dias mais que as próprias atividades. Pode também guiar quais atividades são realizadas e como o são. Um marinheiro prefere navegar na internet a interagir diretamente com outros e com o espaço que o circunda. A internet aparece como remoção do sujeito, daquele determinado momento, construindo um novo espaço, que se consolida mentalmente e permite mais liberdades que os espaços físicos. É uma expressão semi-concreta da imaginação. Funciona, também, como um conector de uma Antártica solitária com a família ansiosa. Não somente aproxima espaços, mas une o presente à lembrança e aos planos do devir:

*Por telefone, todos os dias, uns 20 minutos. Agora que nós estamos sem internet e sem telefone, tem três dias que eu não falo com eles. Ela nem sabe onde que eu estou, o que eu estou fazendo. Mas são só três dias. Todo o dia que eu falo com ela; é como se eu recarregasse a minha bateria.*<sup>26</sup>

A queixa da saudade e da dificuldade de estar longe de casa é recorrente. Um marinheiro em particular comemorava o tempo que já havia sido percorrido e que

---

<sup>24</sup> Marinheiro brasileiro (2011), em comentário deslocado de pergunta específica, sobre os momentos em que o navio está fundeado, parado no mar e já descido o ferro, porém ainda não atracado no porto.

<sup>25</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Olha mais as horas, o dia da semana, do dia do mês?*

<sup>26</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Você conversa com sua esposa e filhos com frequência?*

já se encontra mais perto do retorno: *Ainda bem que já está na metade*<sup>27</sup>, disse. Outro fala sempre com a família pelo *skype*, o que faz ele se sentir mais próximo de casa e mais tranquilo porque consegue tranquilizar a esposa sobre questões específicas. Pensa-se muito nos familiares que permanecem em casa, esposa e filhos. O sentimento de isolamento e a sensação da distância são duração temporal e espaço físico a serem percorridos até o ponto de origem. A lembrança constante do que fica para trás é reforçada pelas conversas diárias com as famílias, seja *online* ou por telefone, que ao mesmo tempo em que sacia parcialmente a saudade, também sublinha a distância. Trazer constantemente o passado e o futuro das pessoas ao presente (através da memória da família, da casa, dos filhos, que permanecem como lembrança e como planejamento), reescreve o momento atual.

*Eu mal mal pisei na Estação, pisei uma vez. Achei muito bonita. Escorreguei na neve só. Isso daí tem que fazer, não é? Fiz um coração lá. Para a Dona Maria ficar feliz.*<sup>28</sup>

Para a volta ao Brasil, compram-se presentes. Imagina-se, enquanto a bordo, o reencontro, a mudança de vida:

*Sim, já. Quero viajar para a casa da minha mãe, que tem dois anos que não vejo. Eu, mulher e os filhos. Comprar um carrinho com o dinheiro daqui e pegar estrada e viajar.*<sup>29</sup>

Nesse sentido, as conversas com a família pela internet aparecem também como um modo de se organizar o tempo percebido e as atividades. Há um relógio e um calendário no computador, porém, além disso, há a possibilidade de unir seu próprio tempo aos daqueles que estão distantes, que é o tempo que lhe é habitual e já lhe faz sentido:

---

<sup>27</sup> Marinheiro brasileiro (2011), em comentário deslocado de pergunta específica.

<sup>28</sup> Marinheiro brasileiro (2011), em comentário deslocado de pergunta específica.

<sup>29</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Você já está planejando algo para quando voltar?*

*Cumpro horário, quando toca o sinal. E dá pra ver o dia da semana, é segunda, terça. Mas é automático, é meu jeito. Todo dia eu estou no computador então eu sempre sei que dia é hoje. Eu sei que dia é dia de pagar contas. Hoje é 11. Aí já pagou todas as contas. Eu aviso a esposa, mas ela já sabe. Primeiro as contas, depois pode fazer o que quiser. Não esquece. É porque era eu que gerenciava a casa.<sup>30</sup>*

A viagem à Antártica<sup>31</sup> é, para alguns marinheiros, uma fase; nada mais que um momento passageiro da vida. Nem se fosse permitido pela Marinha, fariam dela um meio ininterrupto de vida<sup>32</sup>. Sentem os cinco a seis meses da Operantar como extensos, em comparação com o serviço a bordo de outros navios. Esse período, sentido como longo, confinado em espaços coletivos, convivendo com as mesmas pessoas, independentemente da afinidade pessoal, pode ser angustiante. No limite, o período passado na Antártica pode ser compreendido como um obstáculo, um tempo perdido, apagado:

*Não. Essa foi a minha primeira e a última. Porque eu não gosto de viajar. Saudade da família, dos filhos. É isso mesmo, não pretendo viajar não. Nunca mais.<sup>33</sup> É muito gratificante ver seu filho crescer. As viagens têm que ser mais curtas. Ou teria que ser bem melhor remunerado do que é agora. Porque se for pelo dinheiro não. Acho que o prazer de conhecer a Antártica é melhor que o dinheiro. Mas eu estou aqui é pelo dinheiro.<sup>34</sup>*

*Tem pessoas que eu acho que nasceram para viajar. Outras não. Mas eu agüento viajar. Não sou estressado, sou calminho. Mas eu não gosto de viajar. Dentro de mim, eu me transformo em outra pessoa quando eu viajo. Não sou aquela pessoa que está lá. Então não serve para mim, viagem. Pra mim não serve. Não é*

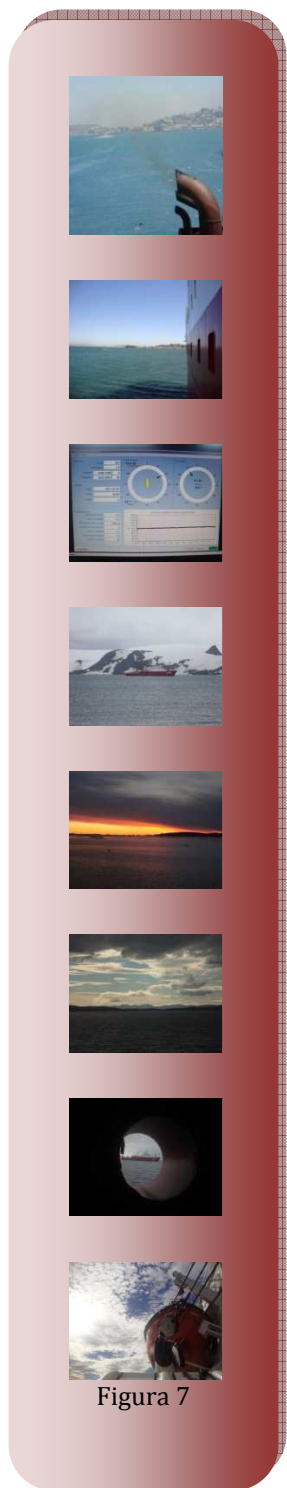


Figura 7

<sup>30</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Como você sente a passagem de tempo nos portos, no navio e no Brasil?*

<sup>31</sup> Ver Figura 7: Sequência de fotos. O navio e imagens de Antártica. Fonte: LEACH.

<sup>32</sup> Conferindo uma rotatividade do pessoal da Marinha Brasileira escolhido a servir na Operação Antártica, há um limite de expedições antárticas que o mesmo marinheiro pode participar.

<sup>33</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Você estava na última Operação Antártica?*

<sup>34</sup> Marinheiro brasileiro (2011), em comentário deslocado de pergunta específica.

*realização profissional na minha vida. Mas é uma honra para a família. Meu primo me mandou aqui no Orkut. Você deve ser o único aqui nessa cidade, ou até nesse estado que deve ter ido na Antártica. (...). Não me sinto realizado. Não era o que eu queria, conhecer a Antártica. Como eu disse, eu vim em parte pelo dinheiro, que é pouco, mas suficiente. Mas não me sinto realizado. Não era um sonho conhecer a Antártica. Desci uma vez só, tive várias chances, mas desci uma vez. Tirei foto, achei legal. Mas não era o que eu queria. Devia ter pensado mais antes de vir pra cá.*<sup>35</sup>



Figura 8

É evidente que esses homens — fato óbvio, porém determinante — têm, como lar, suas casas em terra, não o navio.

*É uma aventura fazer essa viagem. É boa. Até agora está sendo tranquila, está sendo boa. Mas a saudade é o que mais dói. Acho que a família tem que ficar perto. Principalmente para nós homens, é muito complicado.*<sup>36</sup>

Contudo, existem várias ocasiões quando a oficialidade e a formalidade militares são afrouxadas<sup>37</sup>. Outros também em que a interação interpessoal se dá em outro tom, mais intimista e mais presente. Além dos momentos distribuídos ao longo dos dias, em qualquer local, onde se dá uma risada, conta-se um caso, compartilha-se uma dificuldade, ou uma animosidade se expressa em discussão, as atividades deliberadamente de interação parecem ser as festas, os filmes, os jogos (ping pong, totó e playstation), a malhação na academia de ginástica.

*Tem, várias. Filmes, videoteca, biblioteca, livros e o meu maior lazer, a internet. Não tem coisa melhor. O Badoo. É um site de relacionamento, tipo Orkut. Quer arrumar alguma pessoa longe, Badoo. Pra conhecer novas pessoas, novas amizades. Depois Playstation, karaokê.*<sup>38</sup>  
*Quanto mais trabalho eu tiver, melhor para mim. Mais rápido passa o dia. Você ficar a toa, não tem como. Lazer é complicado porque o navio é pequeno. Mas tem um monte. Eu não gosto de ler, assistir filme só se os outros pegarem. Eu nem pego, preguiça. DVD ou videogame. Só quando ninguém está assistindo DVD ou usando a TV. Só jogo quando os outros estiverem*

<sup>35</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Como você se sente sobre o seu tempo na Antártica, tendo em vista o seu planejamento de vida?*

<sup>36</sup> Marinheiro brasileiro (2011), em comentário deslocado de pergunta específica.

<sup>37</sup> Ver Figura 8: Sequência de fotos. Confraternização a bordo. Fonte: LEACH.

<sup>38</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Existe alguma atividade freqüente de lazer?*

*jogando. Computador, aí sim, estou aqui sempre. Já estava aqui, vendo as fotos da nossa viagem.*<sup>39</sup>

*Deve ter [algo de novo] nesses 45 dias. A gente vai passar 45 dias isolado. Esse vai ser o verdadeiro teste. Você não vive entre nós homens, não é? Vai rolar um certo estresse. Vai passar um tempo. Não sei se é muita testosterona. Eu gasto isso malhando. Vou na academia, corro, pedalo. Malho, malho, malho até cansar. Até ficar exausto, umas três horas. Foi aqui que peguei mais essa mania de malhar. Porque eu acho que gasta um pouquinho da energia e o estresse vai embora. Eu não deixo ficar repetitivo. Eu falo que é repetitivo, mas eu não deixo (...). Mas mesmo assim é repetitivo. Porque todo dia durmo, comida, banho, dorme, serviço. É sempre assim.*<sup>40</sup>

As festas de mais ampla participação, festas recorrentes, acontecem nos três espaços designados para relacionamento: praça d'armas (oficiais), rancho dos sargentos e rancho dos praças (sub-oficiais). Nelas, são convidados a tripulação (respeitando-se a hierarquia militar) e, quando a bordo, também os pesquisadores. São oferecidas comida e bebidas alcoólicas, toca-se música em alto volume (tocada às vezes por tripulantes do navio), atravessam a madrugada. Podem comemorar aniversários, a chegada a bordo de alguma pessoa de destaque, o sucesso de alguma atividade do navio. Porém, nem todos os marinheiros participam:

*Eu não participo das festas. Eu não bebo, sou meio anti-social. Não gosto de ficar misturado não. Também é um monte de homem. Não é meu tipo de festa. Eu não misturo muito não. Fico no meu canto. Aqui não rola briga não, muito pelo contrário. É muita amizade. É eu mesmo. Mas a maioria aqui vai. Mas eu tive uma criação diferente, Igreja. Eu não sou de Igreja não.*<sup>41</sup>

Da mesma forma, as reuniões cristãs a bordo do navio podem ou não receber adeptos:

*Não, nunca fui. Não sinto vontade. Sei lá, às vezes... eu estou errado. Quando eu estou errado não gosto de querer ser certinho não. Eu fico mais no meu canto, entendeu? Porque, tipo assim, se você errar... Se eu fico com uma menina, saio com ela, curto, pago amor com uma menina aí fora. Aí vem: mas como é, você não é irmão, e tal? Aí eu não gosto de me envolver muito. Ainda*

---

<sup>39</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *O tempo no navio passa rápido ou devagar para você?*

<sup>40</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Os dias são mais repetitivos ou todos os dias têm coisas diferentes?* Os 45 dias aos quais o marinheiro se refere são dias em alto mar, sem atracar em portos ou fundear.

<sup>41</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Existe alguma atividade freqüente de lazer?*

*mais porque o pessoal aí fala demais. Fico no meu canto. Ouço meu celular, boto para eu dormir. Leio a Bíblia. Fico no meu canto, não sinto vontade. Eu estou errado e vou continuar errado. Não tem jeito. Um dia, se Deus quiser, eu vou me redimir. Com certeza. No momento que eu abraçar minha esposa, não quero mais sair de perto. Porque é ruim demais, porque eu não quero fazer coisa errada.*<sup>42</sup>

Frequentemente citam-se os laços de amizade criados na viagem. As festas e as missas servem para, entre outras decorrências, também conhecer novas pessoas, no caso de pesquisadores embarcados, conversar, trocar experiências, ou simplesmente estar em um coletivo de pares. Esse sentimento de pertencimento e de proximidade com outros pode diminuir a sensação de isolamento e de distância do ponto de origem:

*Viu como é o tratamento aqui, como é que é? Bebê... A gente chama todo mundo de bebê. Trata com carinho as pessoas. Respeita muito ao outro. Aqui tem que ter muito respeito. Não tem havido problemas. Você tem que ceder. Não pode extravasar.*<sup>43</sup>

Através dos laços de pertencimento — ao grupo e ao espaço — é criada uma ideia de como é o grupo como uma unidade, em termos de características e traços humanos, ideia essa ligada ao espaço em que vivem. Isso se expressa na compreensão do navio, que é antropomorfizado. Os marinheiros percebem os navios como dotados de personalidade, e as características humanas, que, então, se refletem de volta para a tripulação. Existe uma leve rivalidade entre os dois navios polares, Almirante Maximiano e Ary Rongel, *Max* e *Ary*, como são chamados entre eles. O *Ary*, mais antigo de Antártica (desde 1994, quando foi incorporado à Marinha Brasileira), é visto como um navio receptivo, amigável. Nele, a formalidade militar é tida como mais amena. Por sua vez, o *Max* é um navio novo na frota, adquirido em 2009. Após algumas renovações, começou a operar na Antártica em 2010. É conhecido pelos tripulantes do *Ary* como um navio mais frio e impessoal.

---

<sup>42</sup> Marinheiro brasileiro (2011), ao responder: *Você assiste à missa aqui no navio?*

<sup>43</sup> Marinheiro brasileiro (2011), em comentário sobre um telefonema recebido.



Foi apontado, como exemplo e prova dessa diferença, o espaço da praça d'armas de cada navio. No Ary, esse espaço de convivência é menor, com mais mesas e mesas menores. É mais aconchegante, como o próprio navio e a tripulação. Enquanto isso, a praça d'armas no navio Max é ampla, *clean*, formal. Possui uma longa mesa, onde se nota rapidamente o assento destinado ao comandante e ao seu primeiro oficial. É um navio de relações mais rígidas e impessoais. Essa personalidade atribuída a cada navio se estende aos tripulantes e à maneira que se relacionam, como, por exemplo, o modo como tratam os pesquisadores. Em todo caso, a antropomorfização dos espaços de convivência torna o navio como um sujeito que guia as relações. Nesse sentido, são como personagens e líderes que unem as pessoas em torno de concepções em comum. Sugiro que onde as pessoas estão mais fortemente conectadas entre si, os sentimentos de pertencimento estão reforçados, elas estão, também, mais fixas no momento. Fazem um presente mais preenchido de *agora* e menos ausente de vivências passadas e futuras.

---

As experiências de Antártica não são simplesmente aquelas vividas diretamente no local. A experimentação de Antártica por parte dos marinheiros entrevistados se dá ainda no Brasil, quando se imagina o que é a Antártica e inicia-se a inserção desse espaço no planejamento de vida; continuando nos portos do extremo sul da América, como Punta Arenas (Chile); no navio, em trajeto para a Antártica; no navio em águas Antárticas. Em todos esses espaços, também os momentos após o retorno ao local de origem aparecem como novas *protensões*, à medida que faz parte das vivências antárticas como planejamento. Nesse sentido, podemos dizer que a realidade da experimentação de Antártica é também imaginação. Sendo assim, o caráter imanente da experiência temporal antártica é reforçado. Por outro lado, ainda, o maior número dessas pessoas trabalha nos navios, em águas antárticas, em atividades de transporte e abastecimento daqueles que se encontram em terra. Com exceção dos marinheiros alocados na estação brasileira, alguns outros também chegam a descer ao continente, porém poucos e sem que suas atividades incluíssem efetivamente as terras Antárticas. Mesmo assim, as

experiências dessas pessoas são marcadas pelo local, o que contradiz a ideia de que uma experiência propriamente Antártica deva se dar em terra. Desse modo, seja por presenças efetivas em terra, em águas antárticas, nos navios ou, ainda, em imaginação e experiências imanentes, a Antártica é, sem dúvida, lugar de presenças humanas.

Desse modo, conectando todos os espaços antárticos, a temporalidade dos marinheiros atuais na Antártica é construída a partir das atividades que desempenham, dos espaços utilizados, das relações que travam com outras pessoas e das expectativas que eles construíram pré-Antártica e que fazem do futuro pós-antártico. As estruturas de ordenação do tempo são sociais (militar) e pessoais (do tempo de lazer). Ladeando as atividades familiares (como simplesmente comer, banhar-se, dormir, cozinhar, limpar os cômodos), existem atividades que são próprias de estar em um navio, longe de casa e na Antártica (por exemplo, atividades de transporte de carga, manutenção do navio, estar de plantão, falar com a família à distância, interagir com a tripulação). O familiar e o peculiar formam um fluxo dinâmico, preenchendo um tempo que ora é cíclico, ora repetitivo e ora é linear. Também, pode ser mais rápido, ora mais devagar; de maior ou menor imersão no presente.

Nessa multiplicidade de experimentações distintas de tempo e de espaço, penso haver uma importante recorrência: o caráter sazonal da presença humana parece marcar de modo fundamental as percepções temporais, que intensificam o *fluxo do vivido*, de modo que as *protensões* e *retenções* se fazem mais vivas e ativas no presente. Como se a Antártica, enquanto conector de temporalidades distintas, estivesse reclamando por outros espaços e outras vivências, que correspondem àquilo que é familiar e metropolitano, e que preenchessem suas paisagens vazias de modernidade.



### Capítulo 3

## **Experiências de caçadas antárticas: entre atividades, espaços, materiais e percepções**

Os espaços antárticos são não apenas os lugares onde se dão acontecimentos e processos, mas personagens centrais em torno dos quais — e com os quais — se dão as interações entre pessoas e dessas com objetos. São, ainda, uma força centrípeta, que conecta tempos distintos e as várias experiências que não somente se dão *naqueles* espaços, mas são próprias *daqueles* espaços.

A história da ocupação da Antártica é distinta de ocupações modernas em outras regiões do mundo, dado que não foi urbana, rural ou colonial, não teve grupos abastados nos assentamentos fixos, não apresentou cultura material de distinção social, e, principalmente, a presença humana não foi permanente. As experiências de tempo dos caçadores e dos marinheiros se dão, nesse sentido, vinculadas a um espaço específico.

As experiências antárticas são marcadas pelo caráter temporário da presença humana, pela sazonalidade, pelas atividades econômicas dos caçadores (ou científicas, para o caso dos marinheiros em apoio aos pesquisadores) de extração de recursos ou informação, pelos constantes movimentos de retenção e protensão acarretados pela distância frente ao familiar.

A Antártica, entre outras características, era fortemente um local de sobrevivência e de trabalho intenso. Mas juntamente ao tempo capitalista, que rege o ritmo intenso laboral, os altos números de matança e carcaças coletadas, há outros ritmos e temporalidades que negociam com esse: a velocidade do tempo antártico. Desse modo, fizeram também parte do tempo antártico, entre outros: o tempo do mar e da natureza, que possibilitam ou impossibilitam atividades e passagens; o tempo do navio, que inclui as atividades econômicas, também atividades de navegação e manutenção do navio; o tempo de autossuficiência dos navios e assentamentos fixos (refúgios), que implica uma limitação material relativa; o tempo da durabilidade dos materiais, uma vez que era mais necessário que os objetos fossem duráveis e resistentes, do que ostentassem um ideal de tempo novo e moderno.

É assim que percepções subjetivas dos caçadores acerca da passagem de tempo na Antártica se valem do imperativo do lucro e da ordem temporal imposta pelos supervisores (por meio de sinos, apitos ou relógios), do movimento pendular e temporário da presença humana na Antártica, do compasso do mar, da necessidade de autossuficiência do navio e dos refúgios e consequente imperativo da durabilidade material. Nesse sentido, entre memória e planejamento, deve haver momentos de fortes conexões entre as pessoas e de imersão no presente. É nesses momentos que o tempo antártico se sobrepõe ao tempo da modernidade

que é carregado pelos caçadores. Portanto, se valem também do caráter contemplativo de marcadores temporais relativos, como da queima de velas, ou são os cantos coletivos, ou a sensação de autossuficiência proveniente do uso de materiais de mais alta durabilidade, culminando em um tempo que deve se bastar, até que se retorne à metrópole.

### ***Caçadores históricos de focas e de baleias, uma breve contextualização socioeconômica***

No século XVIII, um comércio propriamente capitalista já havia sido instalado em várias áreas do mundo, no Atlântico, no Índico, no Pacífico, comercializando uma variedade de itens, incluindo óleo e pele de vários mamíferos marinhos. Após a descoberta do continente antártico por caçadores-exploradores<sup>44</sup>, na virada do século XVIII para o XIX, as caças foqueira e baleeira se voltaram para a região, gradualmente incorporando uma ideia de mundo cada vez mais comercial.

---

<sup>44</sup> *I Think This Southern Land to Be a Continent*: Capitão John Davis, do navio Huron, escreveu essas palavras em seu diário, na data de 07 de fevereiro de 1821. Foi então citado por Stackpole (1955) como a primeira menção documentada conhecida de avistamento do continente Antártico, após o descobrimento das ilhas Shetland do Sul, por caçadores de mamíferos marinhos. Contudo, há hipóteses para incursões anteriores, como a do navio argentino San Telmo, ou mesmo navios de caça anteriores, mas que mantinham segredo a nova região de exploração.

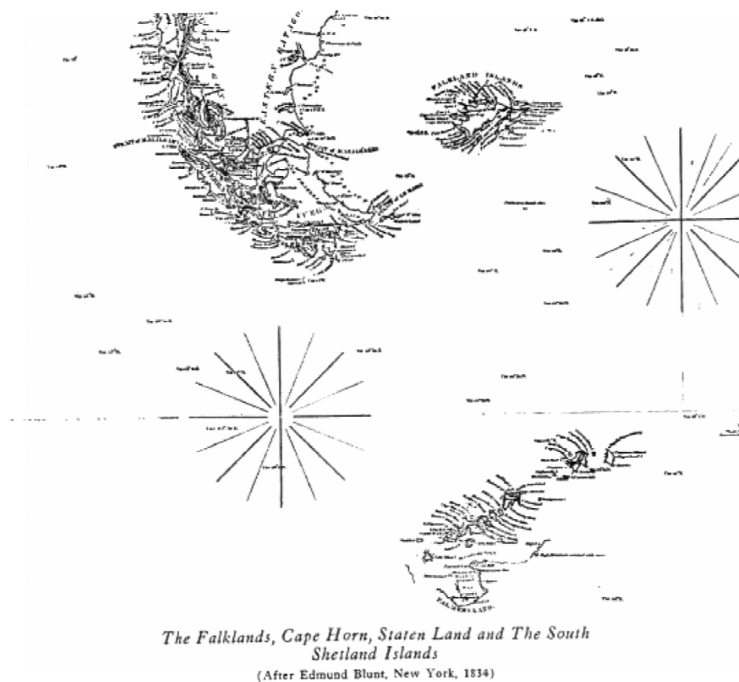


Figura 8: Mapa da região austral, incluindo as ilhas Malvinas, ilhas Shetland do Sul e o Cabo de Hornos. Fonte: Stackpole, 1955, p. 27.

As caças de baleias e de focas muitas vezes se sobrepunham, com navios baleeiros ou foqueiros coletando os dois tipos de presa. Contudo, é possível observar que se deram especialmente em momentos distintos do século XIX, com picos de intensidade e de lucro diferentes, conectando a Antártica a alguns pontos (portos) distintos (Salerno, 2006; Senatore, Zarankin, Salerno, Valladares, 2008; Senatore e Zarankin, 1999; Smith e Simpson, 1987; Zarankin e Senatore, 1997, 2000, 2005, 2007; Zarankin, Senatore e Salerno, 2009).

A caça foqueira (em particular focas e elefantes marinhos) certamente não se inicia no continente Antártico. Ela começa a ser praticada nos oceanos austrais, entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do XIX, nas ilhas Juan Fernandez, Kerguelen, Tasmânia e Nova Zelândia, às Malvinas (Falklands), as ilhas Sandwich, as Orkney do Sul e às Shetland do Sul<sup>45</sup> (ver a figura 9).

---

<sup>45</sup> A data de descoberta das ilhas Shetland do Sul pelo capitão britânico Williams Smith em 18 de fevereiro de 1819 é questionável (Zarankin e Senatore, 2005, 2007), uma vez que a caça foqueira era uma indústria competitiva, em que o conhecimento das localidades mais favoráveis e a exclusividade da sua exploração oferecem maior possibilidade de lucro.

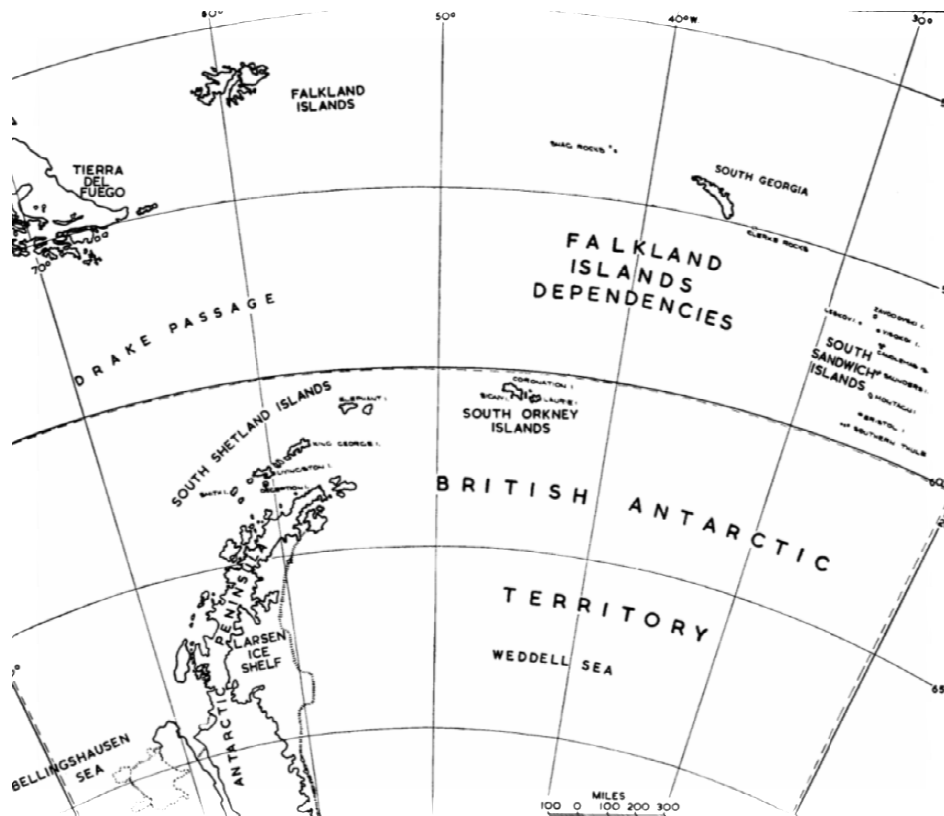


Figura 9: Região austral de caça foqueira, final do século XVIII e início do XIX. Fonte: Boone, 1968, p. 20.

Após a incorporação do continente Antártico no itinerário de caça, houve várias incursões à região para busca de peles e óleo. Os navios foqueiros (ou *sealers*, no inglês) antárticos comercializavam principalmente nos portos de Londres, Nova York e Canton (Basberg e Headland, 2008; Boone, 1968; Smith e Simpson, 1987; Zarankin e Senatore, 2007) e provinham dos Estados Unidos, Reino Unido, Gales, África do Sul, Nova Zelândia, França, Tasmânia, Canadá, Chile, Noruega, Portugal, Alemanha, entre outros (Headland, 1989). Os produtos da exploração eram comercializados globalmente, sendo a pele para vestimentas, como chapéus, casacos, coletes e botas, e o óleo para lubrificação, manufatura e iluminação.

Essa primeira indústria antártica (Basberg e Headland, 2008: 3) foi de curta duração, focalizada especialmente no início da década de 1820., com um grande pico de intensidade entre os anos de 1820-25 e um retorno brando na década de 1870 (ver gráficos da figura 10):

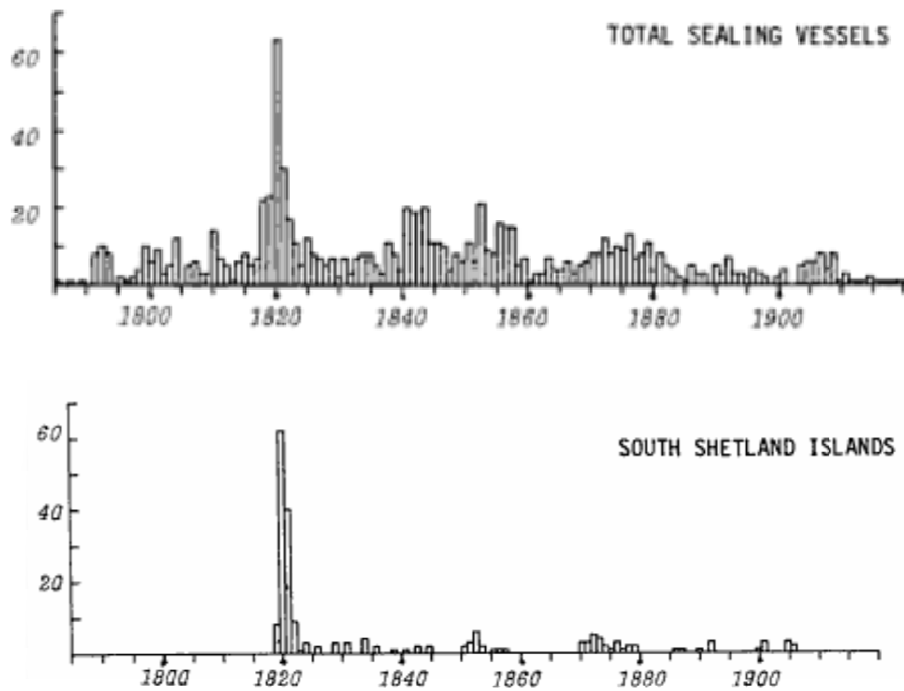


Figura 10: Gráficos de quantidade de navios x ano. Fonte: Headland, 1989, p. 41 e 43.<sup>46</sup>

A caça baleeira, por sua vez, foi uma atividade econômica extremamente determinante para o nordeste dos EUA, especialmente para a região da Nova Inglaterra, durante o século XIX. Nessa época, a caça já havia se desenvolvido, com a utilização de arpões mais sofisticados, o que conferia mais autonomia ao navio (Verril, 1916).

Apesar de não se ater somente à caça de baleias, caçando, muitas vezes, também elefantes marinhos e outros, os navios baleeiros não precisavam chegar tão próximos da costa como os navios foqueiros, já que a maior parte das suas presas se encontrava em alto mar (Basberg e Headland, 2008). Na Antártica, apesar da existente sobreposição entre as duas, a caça baleeira foi, em geral, posterior à caça foqueira, chegando ao arquipélago Shetland do Sul a partir da década de 1850 (Senatore, Salerno e Zarankin, 2010)<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> Os dados utilizados pelo autor para a produção desses gráficos incluiu não somente fontes primárias, mas fontes também secundárias, desde que acessíveis, incluindo desde diários de bordo até lápides (Headland, 1989, p. 46).

<sup>47</sup> Senatore, Salerno e Zarankin, 2010. Trata-se de informações apresentadas pelos autores, em encontro do SCAR, 2010, em processo de produção de publicação textual de resultados.



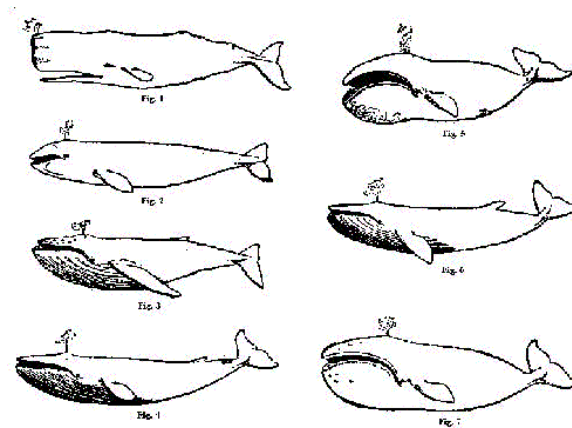


Figura 11: Espécies de baleias: 1. Sperm whale. 2. California gray whale. 3. Humpback whale. 4. Sulphur-bottom whale. 5. Bowhead. 6. Finback whale. 7. Right whale. Fonte: Verril, 1916.

Tal como a caça foqueira, a caça baleeira ocorreu em várias partes do mundo. A atividade mundial exclusivamente baleeira empregou mais pessoas que as empresas que visavam mais a presa de focas e elefantes marinhos. Foi, também, uma atividade mais duradoura, perdurando por décadas e atingindo, ainda vivamente, também o século XX (Basberg e Headland, 2008). Os produtos retirados das baleias eram, especialmente, óleo comum (*blubber*) — para lubrificação e iluminação —, óleo do tipo spermacete, dentes e barbatanas de baleia (*baleen*) (que já foram designadas como o plástico dos anos 1800s).

### ***Os caçadores e a experimentação do tempo, entre o navio e a Antártica***

Tendo em vista que a razão principal da presença humana na Antártica do século XIX é a atividade extrativista, em ritmo capitalista, as atividades de caça são bastante intensas e requerem um tempo bem aproveitado, otimizado em ritmo intenso de trabalho. Trata-se da mentalidade moderna de que o tempo se iguala ao lucro obtido.

Nos poucos anos de pico da caça foqueira, colônias de animais foram dizimadas, fragilizando seu equilíbrio e ameaçando sua existência. As tarefas relacionadas ao trabalho da caça (tanto de pinípedes, quanto de cetáceos) eram extremamente físicas e violentas. Essas incluíam não somente a morte dos animais, mas também o processamento desses (remoção e salga das peles, remoção e fervura da gordura) e sua embalagem e armazenamento<sup>48</sup>. A caça animal, embora seja hoje polêmica e malvista, não impedia que os viajantes fossem vistos como grandes homens e heróis (Basberg e Headland, 2008). Os animais eram mortos tão rapidamente e em tão larga escala, além de sem planejamento de sustentabilidade por gênero ou idade do animal, que quase levou as espécies que sustentavam a atividade à sua extinção na região. À medida que os animais já não eram tão abundantes, devido à caça intensa, as viagens se tornaram menos lucrativas. Desse modo, a frequência das expedições, que acompanhava as flutuações do mercado das peles e do lucro em potencial, teve que diminuir (Zarankin e Senatore, 1999, 2007).



Figura 12: Exemplo de pinípedes na ilha Livingston: elefantes marinhos (foto à esquerda) e foca (foto à direita).

Sabe-se, especialmente através dos diários de bordo disponíveis, que o ritmo de trabalho dos foqueiros era intenso, respeitando os limites e as possibilidades oferecidos pelo mar e pela presença da caça. Quando em terra, eles trabalhavam muito como os operários de uma fábrica, no mesmo ritmo intenso. Alocavam-se nas praias em pequenos grupos, construindo refúgios em pedra e madeira para se protegerem do frio e do vento. As estruturas desses refúgios periódicos, durante o verão austral, serviam não somente como morada (recintos maiores), mas também

---

<sup>48</sup> Para uma descrição detalhada da caça às focas, da morte e do processamento desses animais em produtos comercializáveis, ver Fanning, 1924, p. 255-264.

era onde armazenavam os produtos da estadia (anexos) (Zarankin e Senatore, 2007). Os grupos de até algumas 10 pessoas<sup>49</sup> eram enviados em botes para vários pontos da costa. Fazem parte dos grupos oficiais hierarquicamente mais graduados (*shipmates*), encarregados do conjunto e de garantir a sua alta produção (Stackpole, 1955, p. 34, 48).

Números altíssimos de peles de focas foram coletados e lucros elevados foram produzidos, mobilizando dezenas de navios e vários capitães e tripulações, provenientes de nações diferentes. Nas Shetland do Sul<sup>50</sup>:

*The 1820–21 Antarctic summer season was a grim one for fur seals hauling out on the shores of the South Shetland Islands. At least fifty British and American ships vied for prime seal territories on a first-come, first-served basis. Even William Smith, the discoverer of the South Shetland Islands, was horrified at the congestion. “To your Memorialist’s surprise, there arrived from 15 to 20 British Ships with about 30 sail of Americans,” he lamented. The situation was volatile, and gangs of sealers strictly enforced their own version of property rights (Landis, 2001, p. 43-44).*

A alta quantidade de focas abatidas de 10.000 em 12 dias pelo navio *Hero* em 1820 (Stackpole, 1955, p. 33) demonstra a grande intensidade do trabalho foqueiro nos seus anos iniciais. O número citado se refere a peles e não focas inteiras, de modo que o processamento da foca também fora feito nesse curto período. Há referência de uma pessoa que chega a descourar 60 focas por hora (Stackpole, 1955, p. 34). Um cálculo breve para esse caso apresenta uma média de abatimento e processamento de 830 focas/dia ou 34 focas/hora, isso se o trabalho nunca cessasse para sono, descanso, trajetos, alimentação, eventuais reparos do navio, do abrigo ou roupas, e outras tarefas. Outro número, um pouco mais modesto, porém ainda impressionante, é o de 9.000 peles em três semanas, pela *Hersília* em 1819, totalizando, na mesma lógica do cálculo acima, em torno de 18 focas/hora, ou o San

---

<sup>49</sup> O número de 10 pessoas por acampamento é sugerido por Stackpole (1955), enquanto números menores, de 4 a 8 pessoas são sugeridos por Zarankin e Senatore (2007), tendo em vista os tamanhos dos abrigos de pedra construídos nas ilhas Shetland do Sul.

<sup>50</sup> Apesar da alta intensidade da caça foqueira no arquipélago Shetland do Sul, especialmente no curto período mencionado, não é frutífero considerá-las como ilhas isoladas, como em alguns exemplos da chamada *Island Archaeology* (Spriggs, 2008). Os foqueiros eram chamados ‘nomades do mar’ e visitavam várias ilhas em apenas uma viagem, cujos navios aproximavam-se das costas, deixando grupos em diversas praias esvaziando as ilhas sucessivamente (Basberg e Headland, 2008).

Juan Nepomuceno, que coletou 14.000 focas em 1820, em 5 semanas, totalizando em torno de 17 focas/hora (Stackpole, 1955, p. 11).

Os altos números da produção e da utilização do tempo do operário apontam para uma lógica capitalista de pensamento, que ameaçou até mesmo a própria sustentabilidade da atividade de caça (Zarankin e Senatore, 2000, 2005, 2007). Compreende-se o tempo por meio da velocidade como premissa do lucro da empresa, o que ordena as atividades diárias e a presença na Antártica. Esse *tempo capitalista*, cujo compasso é ordenado pela lógica de mercado, é personificado, nos acampamentos foqueiros, pela pessoa do *shipmate*. Era o indivíduo que potencialmente teria empunhado um relógio em terra e se certificado que o tempo capitalista teria um intenso ritmo absoluto.

Grande parte da coleção arqueológica antártica<sup>51</sup> expressa a fundamentalidade da extração de recursos marinhos na vivência local. Ela é composta por grandes quantidades de fragmentos relativos à segurança e estruturas dos abrigos (como tábuas, pregos ou tecido para revestimento das paredes) ou de instrumentos de trabalho (ver figura 13 e gráficos no Anexo D), de modo que indicam uma preeminência material relativa à sobrevivência e ao trabalho dos caçadores sobre outros aspectos da vivência.

---

<sup>51</sup> As coleções arqueológicas históricas recuperadas em sítios de caçadores antárticos pelos três países latino-americanos, Argentina, Brasil e Chile, são compostas de muitos fragmentos, de várias composições materiais (ver o Anexo D desta dissertação). Os artefatos foram escavados em sítios, em geral, pequenos assentamentos, refúgios temporários, onde os caçadores de mamíferos antárticos do século XIX moravam e trabalhavam por algumas poucas semanas do verão austral.



Figura 13: Objetos que remetem a atividades de trabalho, de defesa e de construção do abrigo. Procedência arqueológica, da esquerda para a direita e de cima para baixo: Prego, Sítio Cuatro Pircas (ilha rei George), fonte: Coleção chilena; Bala, Sítio Cuatro Pircas (ilha rei George), fonte: Coleção chilena; Fragmento de uma panela, Fonte: Coleção argentina; Estacas estruturais do abrigo, Sealer 3 (ilha Livingston), fonte: Coleção brasileira.

Desse modo, há relativa primazia material de certos aspectos da vida na Antártica sobre outros, priorizando a sobrevivência e o trabalho. O tempo é, em grande parte, preenchido pelo tempo capitalista. Nesse sentido, as coleções arqueológicas antárticas são coleções mais similares à materialidade proveniente de sítios industriais e laboriais, ou a coleções de ocupações domésticas, referentes a grupos de menos posses. É evidente que seria assim, já que se trata de acampamentos de operários e são, ao mesmo tempo, destinados à função essencial do trabalho e sobrevivência.

Assim, essas coleções são distintas de ocupações domésticas urbanas e modernas do mesmo século XIX. Geralmente, ocupações domésticas abastadas incluiriam objetos que refletem ostentação de modernidade e *status*, como louças de mesa em porcelana, *ironstone* ou *whiteware* inglesa, nos mais variados decalques (*transfer print*), garrafas de perfume em vidros com decoração relevo e marca de fabricante, bonecos e estatuetas de porcelana, moedas, dobradiças de porta e afins, botões

ornamentados, broches, fivelas de cinto, dedais, pentes e escovas de dente em osso entalhado, para mencionar algumas possibilidades. Esses itens existiriam em altíssimo número, já que, por exemplo, louças de mesa eram símbolos de status e distinção (e também devido ao seu alto grau de preservação). Essa relação capitalista entre noções de status social, as elites econômicas e sociais, e sua expressão na cultura material, busca deliberadamente o novo, em últimas opções de estilo e inovação. É o tempo capitalista, materializado nos objetos do cotidiano, da construção e afirmação da noção de progresso através do material. Acelera-se as preferências, os gostos, os descartes, as necessidades. Privilegia-se o inédito, que se renova constantemente em detrimento do antigo e do durável.

Os objetos desse tipo existem na coleção antártica, porém são raros e desviantes. E, de fato, nada soa mais estranho que esses objetos estarem presentes na Antártica, onde as condições extremas e hostis, que suscitam preocupações severas acerca de segurança e sobrevivência, são alheias à imagem de uma coleção material em grande número de objetos, de distinção social ou luxo, alto custo, grandes ou desajeitadas, ou, ainda, frágeis. Os muitíssimo poucos fragmentos de louças históricas encontradas arqueologicamente na Antártica revelam, menos possivelmente, um extremo cuidado com essas peças durante seu uso em terra, ou, mais provavelmente, o seu uso mínimo nos acampamentos / refúgios de caçadores.

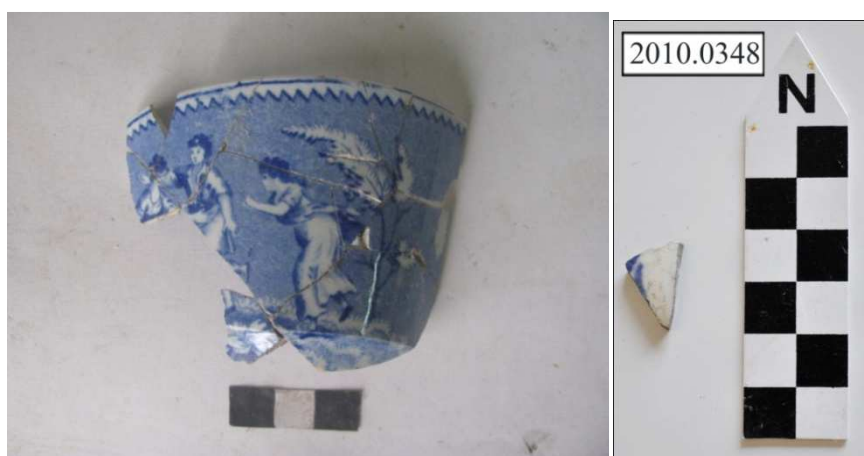


Figura 14: À esquerda, fragmento de xícara de chá de louça em *earthenware*, decalque (*transfer print*) azul embaixo do esmalte (*underglaze*) associado a pinturas à mão (na borda da xícara), Procedência arqueológica: Rugged 1, Fonte: coleção chilena; à esquerda, fragmento de louça pintada à mão, em cor azul. Procedência arqueológica: Pinta Varadero, nível 1, Fonte: coleção brasileira.

Contudo, não somente o caráter operário dos assentamentos marca a materialidade, mas também o caráter temporário dos assentamentos e da presença humana antártica. Ao invés da presença marcada dos achados históricos mais recorrentes, por exemplo, em porcelana e *earthenware*, temos objetos de consumo em grés, de mais baixo custo que as faianças finas e, adicione, maior durabilidade.

Algo da temporalidade dos objetos é revelado nos conceitos de decadência, longevidade e durabilidade — conceitos que podem ser entendidos como desdobramentos da idéia platônica de tempo referente à sua passagem, ao seu movimento e efemeridade. Alguns objetos eram feitos para durar, como garrafas de grés, instrumentos de metal. De outros, por outro lado, buscava-se retirar o máximo de tempo de uso, como os cachimbos, as peças de roupa e calçado, ora aceitando seu fim, ora prolongando-o.

Voltando a Husserl, uma durabilidade alta dos itens materiais remete à sua inserção recorrente nos movimentos de *retenção* e *protensão*. Em outras palavras, sugiro que o *fluxo do vivido*, ao se valer da permanência de objetos, pode assemelhar pontos distintos do tempo e contribuir para uma percepção lenta de temporalidade, quando objetos não se perdem ou são trocados com rapidez.



Figura 15: Fragmentos de recipientes em cerâmica. Procedência arqueológica: À esquerda, topo: Klotz. Fonte: coleção chilena; à direita, topo: Cuatro pircas. Fonte: coleção chilena; À esquerda e abaixo: Pencas 3. Fonte: coleção argentina; à direita e abaixo, Klotz. Fonte: coleção chilena.

Os objetos cerâmicos acima são mais duráveis que as louças. Suas paredes são mais espessas e mais resistentes. Mesmo a decoração que ostentam, agora também incluindo as garrafas de vidro ilustradas nas fotografias, é mais simples e menos suscetível a flutuações temporais de gosto, estilo e moda (marcas materiais da flutuação do tempo histórico moderno). Outros exemplos de objetos de mais alta durabilidade relativa são as vestimentas. Elas não são tão marcadas por estilos específicos, que é uma marca temporal do tempo capitalista e elitista.





Figura 16: À esquerda, luva de lã, procedência arqueológica: sítio Pencas 3; à direita, botões, procedência arqueológica: sítio Punta Varadero. Fonte: coleção brasileira.

Dadas as características genéricas desses materiais, é mais difícil precisar a data de cada sítio a partir dos seus objetos. Por outro lado, a utilização de objetos vulgares permite pensar as ocupações antárticas como deslocadas da noção capitalista de consumo de objetos crescentemente diversificados e hierarquizados (Zarankin e Senatore, 2007). Na Antártica, troca-se o efêmero pelo durável.

Ressalto novamente que as peças especificadas aqui como itens de consumo mais duráveis e menos suscetíveis às flutuações das preferências de estilo são também as mais baratas e condizentes com os grupos sociais que se estabeleceram nas praias antárticas. Seu baixo custo pode muito provavelmente ter desempenhado uma razão mais forte para sua utilização na Antártica. Contudo, sua durabilidade material e social faz parte da sua constituição e da sua utilização efetiva. Assim, busco fazer um exercício de reflexão, para que possa inferir, além dos aspectos econômicos referentes ao seu baixo custo, possíveis aspectos da temporalidade atribuída ao objeto.

Além dos números do trabalho intenso e do tempo capitalista, ou de possíveis brechas da materialidade da modernidade, que teriam permitido o durável na Antártica, as atividades desempenhadas também estruturam o tempo experimentado. A organização da passagem do tempo, no sentido da atribuição de atividades e determinação do uso do tempo individual, se vale, por exemplo, da ordenação capitalista e das oscilações do mar e das necessidades, limitações ou

possibilidades apresentadas pelo navio. Mas essas ordenações sociais, de acordo com Husserl, se dão, também, na consciência. Um exemplo possível do tempo capitalista subjetivado poderiam ser possíveis tensões entre o tempo capitalista e o tempo individual do caçador. Sugerindo certa ruptura entre o tempo capitalista e o tempo pessoal dos baleeiros, os tripulantes comuns eram mal remunerados, tal como os foqueiros. O tempo gasto, o esforço intenso, o ritmo de trabalho e as distâncias percorridas se traduziriam em lucros da empresa, não do caçador<sup>52</sup>. Novamente falamos do tempo capitalista, que pode ter significado, para o caçador, um alheamento frente às atividades desempenhadas e um tempo tomado de si, trabalhado contra a vontade. Nesse sentido, o caçador pode não encontrar sentido completo no presente, tendo em vista suas expectativas para o futuro. Nesse ponto, o lazer do operário pode ter sido compreendido como propriedade individual e cada uma dessas pessoas poderia ainda ter uma maneira de organizar o tempo livre que lhes cabiam, de acordo com as suas atividades ou necessidades pessoais. Seria um *tempo de pausa* das atividades econômicas principais, relativas à caça e à presença na Antártica. Podem ter sido desenvolvidas dentro desses parâmetros, várias atividades dos baleeiros, comumente relacionadas a momentos livres, com o entalhe de marfim, dentes e ossos (*scrimshaw*), costura de roupas rasgadas (Salerno, 2006) e o consumo de tabaco.

As ocupações antárticas eram espaços de trabalho e domésticos. Além dos objetos de sobrevivência e trabalho, exemplificados na figura 13, há materialidades arqueológicas que corroboram a função doméstica, eventualmente de repouso ou lúdica, da ocupação dos sítios antárticos, como cachimbos e jogos.

---

<sup>52</sup> Verril (1916) sugere que os baleeiros, após o retorno das expedições, raramente participavam de uma outra, devido à intensidade e negatividade da experiência.



Figura 17: Cachimbos (fornilho, ponta do fornilho e início da haste). À esquerda, fornilho com a superfície descascada, procedência: sítio Cora D (ilha Desolação), nível de 0-5 cm; fonte: Coleção chilena; à direita, fornilho em decoração floral, procedência: sítio Cora D (ilha Desolação), nível de 0-5 cm; fonte: Coleção Chilena.



Figura 18: Tabuleiro de jogo. Procedência Arqueológica: Praia Sul 1, coleta superficial. Fonte: Coleção Argentina.

No entanto, além da estruturação capitalista do tempo, da expressão de brechas do tempo capitalista em expressões materiais, ou de divisões entre trabalho e lazer, que organiza grande parte das atividades desempenhadas, outros fatores

desempenham papel importante nas experiências antárticas. Um determinante da organização do tempo é o *tempo do mar*, que, por vezes, deve negociar influência com o tempo do capitalismo.

O que chamo de *tempo do mar* refere-se às longas distâncias que os caçadores deveriam cruzar a bordo do navio, sujeitos às limitações materiais da carga carregada, às demoras em se aportar em alguma cidade, ao mau tempo e más condições de navegação, às atividades de manutenção do navio e atividades portuárias, aos momentos de espera e de entretenimento.

Os navios baleeiros poderiam atravessar grandes distâncias e estender suas viagens por maiores períodos. A maior parte do tempo era passada nos navios, no mar. E os navios utilizavam possivelmente rotas irregulares e duração de um ano ou mais. Tratava-se de uma vida bastante inconstante, de relativa localização futura incerta ou sem um fim pré-determinado. Os diários podiam se estender durante toda a viagem, embora não necessariamente em entradas diárias ou mesmo freqüentes. Mas sua presença intermitente ao acompanhar os eventos do navio (, talvez os eventos mais marcantes, assinalando a lembrança da posteridade sempre que possível, remete a um constante autoexame. Pergunta-se a si mesmo onde está, o que faz e para onde irá em seguida.

Nesse sentido, a lista de itens com os quais usualmente os navios já partiam do porto incluía equipamentos de navegação, para o processamento da caça e para a cozinha, além de peças para reparo de maquinário, alimentos, itens de lazer e uso pessoal como cachimbos, tabaco, sabonetes, sapatos, roupas, etc. (Verril, 1916). Esses itens eram destinados, em sua maioria, para uso interno (havia também algum comércio ou trocas eventuais). A cultura material transportada até a Antártica, em bagagens individuais ou nos navios, é, em grande medida, o universo material antártico. É certo que se utilizava muito dos materiais locais quando se acampava. Por exemplo, no caso dos foqueiros, utilizavam-se os afloramentos rochosos nas praias para compor as paredes dos abrigos e os animais locais que serviam de alimento, concomitantemente a outros artigos vindos da metrópole. É certo também que são materialidades o próprio espaço e paisagem: mar, céu, terra e rocha. Contudo, carregava-se um limite de objetos modernos.



Figura 19: Sapato de couro. Procedência arqueológica: à esquerda, sítio Cerro Negro, à direita, Cueva Lima-Lima. Fonte: coleção argentina.

Sapatos de couro (ver figura 19) eram reparados pelos usuários na própria Antártica (Salerno, 2007). A reutilização e reparo de itens, como roupas e calçados, ou como o próprio refúgio, demonstram não somente uma potencial pequena quantidade de matéria-prima ou produtos armazenados, ou também uma noção de durabilidade estendida pela natureza isolada do local, mas também sugere uma relativa autossuficiência do navio. Esse era o mundo em que viviam e todo o universo que lhes cabiam. Não fossem as paradas em portos ou a utilização de animais locais para alimentação, os navios seriam quase ilhas móveis. Nesse sentido, o tempo do navio, baleeiro ou foqueiro, que atravessará grandes distâncias, busca ser auto-contido, da auto-suficiência do navio e do tempo que se passa nele.

Nessa ilha, o número de pessoas, tal como o universo material, é limitado. A tripulação era constituída por pessoas de origens muito variadas, entre as quais se incluíam também fugitivos e foras-da-lei (Delano, 1833). Nesse universo pessoal limitado, com cerca de 40 pessoas, cada indivíduo possuía sua tarefa específica e pré-determinada, ainda que pudesse desempenhar alguma outra eventualmente. Parte da tripulação que trabalhava diretamente na caça e na manutenção e operação do navio (excetuando-se, portanto, os capitães e auxiliares diretos) não era necessariamente composta de pessoas que já conheciam previamente a função

do marinheiro (Verril, 1916, p. 50). Se assim for, e os baleeiros não eram de antemão marujos ou marinheiros como nos navios comerciais, isso alude, também, a uma possível relação diferente com o mar: de novidade, talvez encanto ou medo, ao invés de uma relação de suposto domínio ou conhecimento<sup>53</sup>. Esse encanto e novidade da presença no mar podem ter sido associados a uma vivência de tempo em que o passado se insere no presente não através de informação, mas de imaginação, de memória fantasiada, de sonhos e expectativas prévias. Isso apoiaria, ainda, uma idéia diferente daquela de alheamento capitalista. Seria, em algum grau, referente ao aprendizado de uma nova atividade, portanto, a um tempo de construção de memórias no presente, para utilização essencial futura.

Ainda nessa ilha móvel que é o navio, a autossuficiência deve se dar, também, frente ao mar, por meses, onde tudo que se conhece é o navio, o oceano, as baleias e as pessoas do navio. E o produto que eles então buscavam era obtido no exterior dessa ilha, apresentando algo como um parêntese temporal, onde se entrava no tempo do mar e da natureza, determinado pelas condições climáticas e pela baleia: o tempo do navio era suspenso até que a caça fosse segura. E então a partir desse momento, a caça era trazida para o navio e para o tempo do navio. Esse tempo transformava o compasso do navio:

*Aboard the ship, when cruising, the crew or seamen had little to do, once they were on the grounds, save to swing the yards, trim sail or perform other work necessary in navigating the vessel; for every ounce of strength and every spark of vitality was conserved to be brought into instant use when a whale was sighted and the chase commenced (Verril, 1916, p. 49).*

Após a caçada e o processamento da baleia, os marinheiros voltavam ao ritmo anterior do navio, à espera de nova presa. O tempo do devir, das *protensões*, era planejado, mas, em vários graus, era, também, impreciso e mutável. Isso tanto no nível pessoal quanto coletivo, da expedição e do empreendimento industrial.

---

<sup>53</sup> Os diários de bordo parecem refletir essa diferença e apoiar esse argumento. Enquanto os diários de bordo de navios comerciais, escritos por uma tripulação de marinheiros profissionais, eram mais secos, dotados de listas de itens, de valores e de pessoas, revelando uma atividade mais capitalizada e objetivada, os diários de bordo dos baleeiros integram elementos mais subjetivos, narrativos ou pessoais da viagem, incluindo desenhos e versos, sentimentos, interpretações, expectativas, impressões da viagem ou dos outros tripulantes, entre outros (Verril, 1916).

O navio era sua casa, os membros da tripulação eram suas próprias convivências (não necessariamente pacíficas ou aprazíveis) e, desse modo, seria por algum tempo. Isso requer uma necessária imersão na vida do navio. Aqueles acontecimentos, aquelas pessoas e aquele objetivo eram os seus próprios. Tratava-se, possivelmente, de uma fusão, em algum grau, entre a vida pessoal e a vida do navio ou da missão — um tempo simultaneamente coletivo e pessoal:

*Every available niche and corner is full, the ship is as deeply laden as though a freighter with full cargo, and when at last the final bale and bag is on board, and the full complement of men has been shipped, the whaleship is ready for her long cruise to the uttermost parts of the globe; perhaps to return fully laden in a few months, perhaps to cruise under tropic suns and through fields of ice for year after year, perchance never to return -- sunk, no one knows when or where -- one of that great fleet of "missing ships" whose fate is never learned (Verril, 1916, p. 46).*

Por outro lado, quando no mar, esses homens, baleeiros e foqueiros, não eram operários comuns. Os foqueiros já foram referenciados como *nômades do mar* (Basberg e Headland, 2008). Não somente os capitães e oficiais, mas também os trabalhadores, antes de serem caçadores, eram marinheiros, homens do mar (*seamen*), com ritmo de labuta, conhecimento e relações próprios dessa profissão:

*The season succeeding the sailing of the brig Union from New York, the ship Catharine, a fast sailing vessel and excellent sea boat, was purchased, armed, and provisioned, with everything requisite for a two and a half years' voyage; her company was well selected, and were all able officers and seamen, the whole under the command of Captain Henry Fanning, brother to the author (Fanning, 1924, p. 242).*

Dito de outra forma, a atividade de caça, realizada especialmente a bordo, trazia ao cotidiano não somente um tempo capitalista, voltado para a intensidade do trabalho e para o lucro do empreendedor, mas era ladeada também pelo tempo do navio. Este último pode ter implicado um tempo organizado de acordo com o ritmo da função de cada marinheiro/caçador no navio: do gajeiro (*topman*), aquele que vigia o mar de cima do mastro; do faxineiro, que limpa o convés; do cozinheiro e do copeiro; do mecânico; navegador etc. Cada um desses papéis é desempenhado em

períodos distintos do dia (ou da noite), com a frequência que demanda a função, associando-se a uma distinta responsabilidade, conhecimento prévio ou consequência das ações individuais, de modo a criar vivências do tempo distintas: de claridade, de tédio, de cansaço, de preocupação, de imediatismo, de planejamento, de tranquilidade, de velocidade, de convivência humana ou de solidão, e assim por diante. É a uma diferenciação da vivência temporal muito similar àquela vivida pelos marinheiros brasileiros, sob a égide das atividades profissionais desempenhadas a bordo.

Por outro lado, o marinheiro embarcado vê seu dia-a-dia também atrelado ao tempo do mar, da natureza que acomoda (ou, às vezes, determina) as suas atividades. As boas condições do mar, que permitem o tráfego, e as más, que o dificultam ou o impossibilitam, determinam o tráfego. São elementos que posicionam o navio no mundo, definem sua aceleração, sua velocidade, sua previsão de chegada e a duração da viagem como um todo.

O tempo do mar e o tempo do navio estão estreitamente associados. Se a navegação marítima permite um trânsito rápido, sem eventos inesperados, as funções internas do navio se dão com certa homogeneidade, sem imprevistos e surpresas. Caso contrário, uma tempestade e mar bravo podem suspender uma série de atividades, demandando prontidão e a interrupção do decorrer cotidiano. E, quando acampados, os marinheiros/caçadores, findo o seu ritmo capitalista, estavam sujeitos à disponibilidade do navio, e a permissão do mar, para recolhê-los. Os foqueiros aguardavam sua coleta, nos refúgios que construíam: um tempo de espera.

*When the day's work was done, the men cooked thick slices of elephant seal tongue. Then they crawled underneath their overturned boats, wrapping stiff sealskins around their bodies for warmth. Boots made from king penguin skins with the feathers turned inside protected bare feet from the cold. For longer stays on the islands, the sealers constructed mud and tussock-grass huts, lining the walls with elephant seal hides. In the middle of the single room, chunks of blubber crackled in an iron pot that rested on a grate of seal bones. Oil from blubber fueled hand crafted lamps, and penguin feathers functioned as wicks. Seal bladders, stretched over holes in the walls for light, soon blackened from the oily smoke. Hardship, disease, and loneliness broke bodies and minds. Joints and knuckles ached with rheumatism from the cold and damp climate; sores on hands from knife cuts continually festered. Only*



*the ingenious and industrious survived. When the men tired of seal meat, they lit fires at the foot of sheer cliffs to entice returning night petrels to crash into the gray stones. Albatross and penguin eggs were snatched from nests in the tussock grass. The sealers fished with hooks whittled from bones and boiled bitter-tasting plants to disguise the pungent flavor of seal and blubber soups. Blood, they discovered, was a good solvent for dissolving the layers of soot and grease from clothes and bodies. When no more seals hauled out on the beaches, the men scanned the horizon, waiting for their ships to return for the piles of sealskins and casks of oil. Sometimes the sealers waited for years. But sooner or later, either their ship or another rescued them and their bounty. Only the iron try-pots, dilapidated huts, and wind-scoured seal bones remained on the silent shores (Landis, 2001, p. 30-31).*

O longo trecho acima, apesar de ser uma reconstituição e não um relato direto, narra uma série de possibilidades talvez mais que plausíveis. Remete a uma presença em terra permeada pelas *retenções* e *protensões* de Husserl. O horizonte é um *agora* presente, como também é lembrança constante do presente por vir. Uma vez terminada a tarefa principal — esgotada a caça — era preciso entretenimento e talvez se percebesse mais as tarefas secundárias, os desconfortos e a espera. Havia que se preencher o tempo com atividades circundantes, mais que somente sobreviver: comer, beber e se proteger do frio.

Por outro lado, além de pensar o tempo dos caçadores a partir da sua divisão em atividades, podemos pensá-lo a partir da sua mesurabilidade. O compasso do tempo é marcado, nos diários de bordo, por meio de marcadores absolutos e relacionais. Eles fazem constante referência tanto ao tempo físico, quanto também se utilizam de referências subjetivas, contendo relatos de experimentação do local, das atividades lá realizadas e da distância em relação ao ponto de origem. Inúmeras vezes, as entradas em *diário de bordo* se iniciam com a data do dia do mês, por vezes uma indicação da hora do dia. Essas entradas frequentemente relatam condições climáticas, localização e acontecimentos principais de maneira sucinta. O tempo aparece de forma linear e descritiva: o tempo como contêiner sequencial de eventos. A data precisa para nós vem bem vinda, nos situa precisamente no amplo século XIX. Para os caçadores, do mesmo modo, poderia significar uma necessidade de ordenação linear dos acontecimentos principais, ou ao menos a necessidade de uma linearidade no formato dos relatos, para fins de registro.

Nas coleções arqueológicas recuperadas da Antártica não foram encontrados relógios individuais de bolso ou mesmo ampulhetas. Esses, contudo, certamente não foram ausentes na Antártica (ou a bordo dos navios), dada, por exemplo, as marcações de tempo absoluto feitas nos diários. Um relógio de bolso, digamos, pode ter existido na Antártica, com o capitão, a bordo do navio, ou mesmo na praia, carregado pelo *shipmate* encarregado do grupo desembarcado e da sua produção. A ausência dos mesmos no registro arqueológico, até o presente momento, pode se explicar pelo simples fato de que os relógios, no início do século XIX ou mesmo no final daquele século, quando se popularizaram, eram artigos especiais. Isso significaria também que não foram inutilizados ou facilmente esquecidos.

Contudo, ainda que o relógio não tenha sido encontrado arqueologicamente na Antártica, é certo que a noção de tempo mecânico, absoluto, progressista e capitalista, que estava sendo construída mundialmente, foi carregada pelos caçadores e desempenhou um papel importante na vivência daqueles locais. Os já mencionados horários absolutos marcados registros de bordo, as intensas horas trabalhadas e os altos lucros obtidos atestam para isso.

No entanto, é possível que esse marcador de tempo linear tenha sido pouco usado, especialmente quando em terra, entre os grupos acampados mais subalternos. A provável pequena presença do relógio (que marcaria não somente horas, mas porções ainda menores de tempo, os minutos) permite a utilização de blocos de tempo maiores — manhã, tarde e noite, por exemplo —, em que as pequenas unidades de tempo se fundem. Outros marcadores, ainda, podem ter prevalecido, mesmo de tempo linear, porém relacional, como o canto dos marinheiros ou o sequenciamento das atividades. Outros objetos permitem a medição de um tempo linear, não mecânicos e não absolutos, por exemplo, o tempo marcado pela queima de velas:

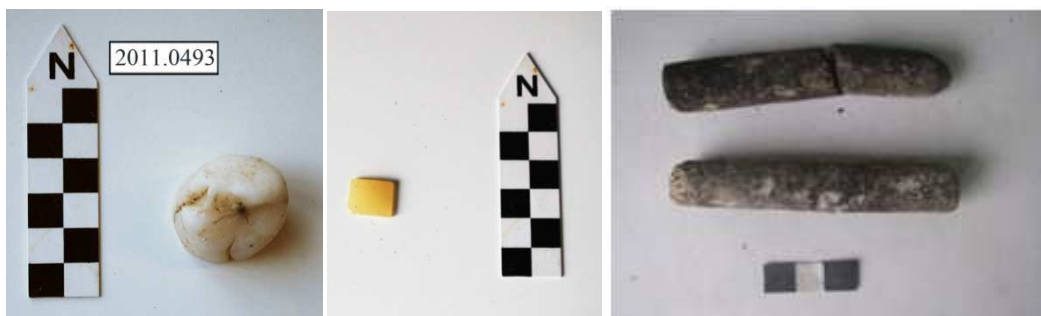


Figura 20: Cera de velas, em colocações distintas. Procedência: Pencas 3. Fonte: coleção brasileira (à esquerda e ao centro) e Punta Lair. Fonte: coleção chilena (à direita).

Ainda que o verão no extremo pólo sul não ofereça noites, o verão nas ilhas Shetland do Sul apresenta algumas poucas horas de escuridão. Contudo, as velas, além de desempenhar a função de iluminação e até mesmo de oferecer algum calor ao ambiente fechado, marcam a passagem de tempo. Há uma constância na queima da vela, que permite a sua utilização como marco temporal. Talvez não diretamente como as velas-relógio<sup>54</sup>, contudo as velas que encontramos podem ter marcado indiretamente a duração de um evento, de momentos, de conversas e ilustrado a passagem de tempo. Mas a queima da vela é mais que uma marcação do tempo físico, pois apresenta outras conotações, de contemplação, e, no caso do seu uso na Antártica, também de reunião. O ambiente Antártico das ilhas Shetland do Sul é marcado por ventos fortes, o que dificulta o uso das velas em ambientes abertos. Essas velas foram, portanto, utilizadas provavelmente dentro dos recintos construídos pelos caçadores. E esses recintos eram pequenos, alguns poucos metros quadrados (para detalhes dos recintos, ver Anexo D). Nesse contexto, a vela apresenta conotação introspectiva, luz baixa, em local pequeno e cheio de pessoas. Onde já se está isolado. Esse pode ter sido um momento onde o tempo antártico se preenche de proximidade entre as pessoas. O tempo linear mecânico e sucinto do relógio se opõe ao tempo linear impreciso, amplo e introspectivo da vela.

Assim, a vela é compreendida como medidor de passagem de tempo. Na medida do seu consumo, apresenta ritmo e compasso. Nesse sentido, ela parece existir em um ritmo do tempo, ou mesmo medir sua passagem, ao invés de estar dentro do tempo, dominada.

<sup>54</sup> Usadas no século XVIII, e por séculos antes, as velas-relógio (*candle-clocks*) apresentam marcações de horas e, ao passo que são queimadas, revelam a duração já consumida.

Outro modo de se referir ao tempo nos diários de bordo é utilizando-se de marcos divisórios do dia, como manhã, tarde e noite. É associativa, menos absoluta que a anteriormente descrita, que se vale do tempo do relógio. A escolha desse marco revela o relato de acontecimentos ocorridos no curso de apenas um ou poucos dias. Essa contagem do tempo é associada a eventos pontuais e a um ou mais sujeitos (ainda que o sujeito seja o próprio navio). De maneira mais fluida, a contagem associativa de tempo comporta descrições de outra natureza que a climática ou a geográfica, mas uma natureza mais pessoal, relacional e psicológica. Também se refere às pessoas que ao navio:

*Remarks on board the Ship Morea, Sat. June 3d. 1854. Strong winds from WNW and some fog. The first part ship head SE. Saw five ships. This afternoon Captain Peabody retired for a while and on bring Called and at the tea table he made some very unusual remarks from him to make, askin the officers if they thought a man would be punished in the other world for making away with himself if he had nothing to hope for or could see no prospect of happiness before him. At night he went to bed as usual and was up during the night givin directions how to stear. At breakfast he seemed rather melancolly, eat but little and after breakfast came on deck but soon went below again. At 10 A. M. he sent the Steward after mee to come below. I went into the cabbin. Hee was in his bearth. Hee told mee hee had sent for mee to tell mee that hee was goin to meet his god and gave mee his reasons for so doing, and some little directions about his things. After conversing with him for some twenty minutes or more I went on deck and communicated that hee had told mee to the other officers ([s.a.] In: Verril, 1916, p. 94).*

Outra diferença entre o tempo no baleeiro e o tempo em outros navios comerciais, no que tange à guarda: o sinal somente soava nas horas completas (não nas meias-horas):

*Unlike the merchant sailors to whom eight-bell watches are almost sacred, the whalermen commenced them watches at six bells, and in this respect they differed from all other seamen. Thus the first watch was from 7 until 11 P.M.; the middle watch was from 11 until 3, and the last watch was from 3 until 7 A.M. Moreover, half-hours were never struck on a whaling vessel's bell, only the even hours being sounded, and one, three, five or seven strokes never rang across the waters from a whaleship (Verril, 1916, p. 49-50).*

No caso acima apresentado pelo historiador, as marcações sonoras dos navios baleeiros implicavam menos balizamentos de horário contado, do horário rígido e

numeral, talvez abrindo mais espaço para uma organização mais evidentemente subjetiva do tempo ou um arrefecimento na contagem capitalizada do tempo. Entre os vários tipos de comentários feitos nos diários, havia a possibilidade de auto-expressão, de entradas feitas por outros senão o capitão, como demonstrado no trecho transcrito. São possíveis e presentes menções a nível pessoal e relacional, tanto quanto em nível de precisão temporal e geográfica, detalhando fatos e acontecimentos navais e comerciais.

As entradas nos diários de bordo eram feitas quando possível; quando o ambiente ou o trabalho permitiam:

*Saturday on board. Lying at anchor, Bedford Harbor below Palmer's Is. 5 fathoms of Water. First part of these 24 hours strong Breezes from the NW, the weather fine. Most of the crew on Board employed in Ship's Duty. Mid part (of the day) light airs from the N.W. Latt. part a fine Breeze from the N. At 5 o'clock Broke ground and Bid a Due to the Land, We all so much admire. But with the hopes of a Short Voyage, We set all sail. At 9 o'clock the pilot left us. Steered out SW. At 11 o'clock the wind shifted to the East from that time to the SE, we steering to the SW. At 12 o'clock to Gay Head light House. Bore E 1-2 N. Dist. 8 miles. The No Mans Land Bore ESE. Saw number of vessels steering different courses. So Ends this day with Sweet Feelings of Home ([s.a.]; In: Verril, 1916, p. 92)<sup>55</sup>.*

---

<sup>55</sup> Esse trecho foi transcrito e citado por Verrill, 1916, escrito pelo navio *Barclay*, que navegou entre 13 de setembro de 1834 e 27 de setembro de 1837.

Em meio à descrição numeral, sequencial e linear de eventos e impressões, aparecem subjetivações de concepções lineares de tempo, como em *But with the hopes of a Short Voyage, We set all sail: Com esperança de uma viagem curta, içamos velas*. Ou ainda, *So Ends this day with Sweet Feelings of Home: O dia se finda em doce saudade de casa*. Os fragmentos do relato, que apontam para esperanças de uma viagem curta e saudades de casa, iluminam uma análise do *agora* e a projeção futura das preferências construídas no presente (que não necessariamente implica uma rejeição da viagem como um todo), como, também, sentimentos saudosos do que fica para trás. A descrição linear de tempo é interrompida por uma reflexão sobre a condição do momento atual, por uma *protensão* dos *agoras* que virão e *retenção* de momentos passados.

Entre a marcação supostamente absoluta dos relógios e calendários, das marcações sonoras regulares das divisões de trabalho, há outra forma recorrente de ritmar e coordenar as atividades, além de alegrá-las. É célebre a imagem de marinheiros envolvidos em canções, enquanto realizando alguma tarefa coletiva a bordo (*sea shanty*). Entre formas alternativas de se dar ritmo às atividades coletivas, ao pensamento ou ao trabalho, é o caso do canto em grupo (para exemplo de canção de marinheiro, ver Figura 21).

*Saturday Night at Sea*

*A sailor loves a gallant ship  
And shipmates bold and free,  
And ever welcomes, with  
delight,  
Saturday night at sea.*

*Saturday night at sea, my  
boys,  
Saturday night at sea,  
Let every gal and sailor sing,  
"Saturday night at sea."*

*One hour each week was  
snatched from care,  
As through the world we roam,  
To think of dear friends far  
away  
And all the joys at home.*

*Saturday night at sea, my  
boys,  
Saturday night at sea,  
Let winds blow high or low  
we'll sing,  
"Saturday night at sea."*

*We'll think of those bright  
beings  
Who bedeck with joys our lives.  
And raise to heaven a prayer to  
bless  
Our sweethearts and our wives.*

*Saturday night at sea, my  
boys,  
Saturday night at sea,  
In storm or calm through life  
we'll sing,  
"Saturday night at sea"*

Figura 21: Canção do século  
XIX

---

Neste capítulo, a passagem do curto período de tempo que se transpunha na Antártica desdobra-se em compreensões absolutas do *tempo físico*, mas também do *tempo relacional*. Ambas as marcações temporais fazem parte de como se internaliza e divide-se o tempo ou organizam-se as atividades.

Havia relógios e marcações absolutas nos diários de bordo. Está presente, no cotidiano dos caçadores, uma idéia de tempo físico. Como mencionado anteriormente, pretende-se o tempo físico como regular, abstrato, reversível, não-humano, irreflexivo, contínuo, homogêneo e linear. Resulta na imagem de uma linha do tempo, que dá suporte a sequenciamentos e divisórias criadas de acordo com um compasso regular. Utiliza-se de elementos de medição temporal, hoje tidos como absolutos, como o relógio e o calendário. Esse tempo linear é parte concreta do cotidiano expresso nos diários de bordo. Com os relógios a bordo do navio, é possível referenciar e registrar eventos nos diários de bordo, marcando a hora dos acontecimentos mais importantes do dia e o dia do mês em que houve algo inesperado, ou, com o auxílio de sinos ou apitos de alerta, também marcar o início de atividades. Cada dia, por outro lado, se divide em manhã, tarde e noite, um compasso também linear, porém menos rígido. Atividades são realizadas e grupos de serviço se dividem para concluir tudo o que deve ser feito.

Enquanto o exemplo clássico da contagem absoluta do tempo é aquela do relógio e do calendário, na Antártica, o tempo relacional, subjetivo e humano parte de compassos não-absolutos, como as velas, o canto dos marinheiros, a imprevisibilidade do mar, o lazer e a contemplação individual. Todos esses elementos dão ritmo à vida antártica, em velocidades e ordenação de ações.

A experimentação do tempo, que se dá entre o tempo relativo e o tempo absoluto, marca-se também pelas *atividades* intensas e capitalistas relativas à caça e balizadas pela *sazonalidade*, relativas, também, à sobrevivência e ao transporte.

Essas atividades versam sobre um tempo de modernidade, trazido à Antártica. Assim, percebemos uma Antártica estática e vazia, que deve ser preenchida com categorias referentes à modernidade. Ao preencher o tempo imóvel ou arrastado da Antártica com a nossa modernidade, tornamos aquele um tempo mais reconhecível, mais humano e mais veloz.

Por outro lado, enquanto a Antártica é um espaço que engloba, com a presença humana, inúmeras características da modernidade, permite, concomitantemente, escapes e versões alternativas da modernidade. A durabilidade material é um exemplo, onde a necessidade pela alta longevidade de itens de consumo supera outras características modernas, socialmente construídas. Como se a Antártica transformasse a modernidade metropolitana, numa modernidade mais antártica, mais vagarosa.

Nesse mesmo sentido, entre momentos de intenso trabalho, havia também momentos de lazer, de contemplação e de repouso, que podem ter suscitado imersão e alternativa à modernidade metropolitana. O tempo das atividades pessoais e de lazer é quase um tempo marginal, à espreita de lacunas no tempo capitalista, porém presente e necessário.





## Capítulo 4

### **Tempo antártico: considerações finais**

Iniciei o primeiro capítulo com uma série de questões acerca do que é a natureza do tempo e de como se dá a percepção humana dessa dimensão. Nesta dissertação construí uma tentativa de resposta, a partir de alguns conceitos tecidos por Husserl e, também, de noções sobre tempo físico e tempo subjetivo. Outras questões foram formuladas ao longo do texto, dando continuidade à discussão. Ao estudar os grupos de caçadores do passado, surge a seguinte: Como compreender as percepções de tempo a partir de objetos arqueológicos? Ao estudar dois grupos distintos, nos perguntamos: Em que podem se assemelhar as percepções de tempo de grupos de caçadores do passado e de marinheiros atuais? Para finalizar a discussão e dar sentido à relação entre os dois grupos, Em que medida o espaço antártico conforma essas percepções?

O *tempo antártico* une os dois grupos: os caçadores do século XIX e os marinheiros atuais. Esses grupos são distintos no que se refere a dois momentos históricos. A diferença de aproximados 200 anos traz uma série de outras, de escala micro-sociológica ou estrutural. Por exemplo, as suas motivações estruturais para estarem na Antártica são distintas: atividades econômicas x atividades de suporte naval a pesquisa, sendo que essas ordenam aspectos coletivos das atividades e relações humanas. Elas estruturam algo da percepção de tempo, através da sazonalidade da presença antártica e do teor das atividades desempenhadas.

Além da sazonalidade da presença humana na Antártica, esse espaço é compreendido como não-humano, como espaço a ser explorado. Constrói-se gradualmente a imagem de uma Antártica aparentemente congelada, estática e monocromática. As experiências do lugar, contudo, evidenciam uma outra imagem de Antártica, associada a idéias de movimento, de temporalidade e de humano, mesmo tendo um ritmo próprio, devagar, mínimo, detalhista, geológico. Para perceber o espaço antártico dessa forma, para detectar as nuances da sua passagem de tempo, expressa em alterações materiais e espaciais, ou nas alterações nas atividades do cotidiano, o habitante do mundo moderno deva ajustar seu olhar.<sup>56</sup>

Espaço e tempo são, portanto, dimensões indissociáveis. Ao falar sobre percepções de tempo, essas serão intrínsecas à percepção de espaço. Essa Antártica temporal e habitável propicia vivências sensíveis, devendo carregar o elemento humano, nas suas temporalidades, passado, presente e futuro. Ela se transforma no seu próprio ritmo, mas, nas relações humanas, se constrói, também, a partir de várias subjetividades. É espaço que se inicia na metrópole, no navio e tem continuidade durante o trânsito do retorno. Que, através do nosso olhar e experimentação, não pode ser outra coisa a não ser humana.

---

<sup>56</sup> Nesse sentido, a arqueologia que se dá nele, de rasas estratigrafias, resultantes de leve erosão e pequeno transporte de depósitos, denota os passos lentos do processo de sedimentação e a pequena profundidade de camadas arqueológicas. Quase como se os caçadores estivessem mais próximos de nós, uma vez que o tempo lá não passa tão rapidamente, construindo mais suaves as distâncias.

Se essas experiências são conformadas também pelo espaço-tempo que as envolve, pelo tempo lento de uma Antártica despovoada e distante (que é assim, mesmo com as nossas presenças), é essa mesma Antártica que une experiências de tempos distintos: o presente do marinheiro brasileiro e o passado (que já se fez como presente) dos caçadores. Marcam a experiência antártica – passada e presente – a sazonalidade das ocupações, a unicidade das relações humanas com aquele espaço, nunca de apropriação completa, e a distância física ou destacamento daqueles espaços em relação ao restante do mundo.

Por outro lado, o tempo do mundo moderno, que é carregado conosco, pois que faz parte de nós, negocia com os momentos nos quais emerge e as experiências que se dão no espaço antártico, são ora surpreendentemente próximas, ora extremamente distantes do mundo moderno que conhecemos. Dito isso, esse é um segundo ponto que une os caçadores passados e os marinheiros atuais. Nesse sentido, a modernidade e a concepção de tempo que ela constrói, fazem parte desses dois momentos<sup>57</sup>. Nesse sentido, caçadores e marinheiros, separados em 200 anos podem ser aproximados: ambos concebem o tempo, também, a partir do arcabouço conceitual da modernidade.

As experimentações do espaço-tempo e a maneira pela qual o tempo é preenchido guiam as sensibilidades e a percepção da passagem do tempo, ora veloz, ora estático, ora vinculado ao passado, ora ao futuro. Em uns momentos, é repleto de tempo (presente, futuro e passado se concentram), enquanto, em outros, uma intensa imersão no presente é necessária.

Mesmo sem resultar em conclusões objetivas, uma vez que este se trata de um trabalho essencialmente reflexivo, como pequenos arremates à discussão, penso que a sazonalidade da presença humana marca o tempo antártico percebido, tanto pelos caçadores quanto pelos marinheiros atuais, ou mesmo a percepção das minhas fotografias tiradas a partir do mesmo ponto. Além disso, o tempo, a meu ver sempre percebido de forma relacional, na Antártica é percebido como parte de um fluxo que une espaços distintos. Como parte de uma viagem, o ponto de origem e os destinos seguintes fazem parte do presente. É assim que o tempo moderno

---

<sup>57</sup> Tomei-os aqui ambos simplesmente como modernidade capitalista, muito embora tenham havido transformações entre os séculos XIX ao XX.

constitui em parte o tempo antártico. Porém, de modo comparativo, entre ausências e presenças de elementos capitalistas. A breve análise que fiz de alguns itens das coleções antárticas sugere uma predominância dos caçadores antárticos pelo durável, em detrimento ao inovador, próprio do tempo moderno. Isso não significa que concepções modernas não tenham existido na Antártica, mas que existiram apenas em parte.

Nesse sentido, a Antártica apresenta uma temporalidade única. A partir de um primeiro contato com a Antártica percebe-se um vazio a ser preenchido, um tempo lento e um espaço inalterado. De fato isso acontece, preenchemos a Antártica com aspectos da modernidade. Nossas moradias, nossos objetos, nossas premissas, nossas atividades. Contudo, ao se estabelecer na Antártica, uma nova temporalidade é possível. Nesse sentido, tempo é cotidiano, é divisão do dia, ordenação das atividades. É memória, lembrança, planejamento. Essas experiências de Antártica relatadas pelos marinheiros, apesar de certamente não serem as únicas que vivenciam, sugerem uma multiplicidade de momentos. Sua experimentação inclui memória e planejamento, em constante tensão com as atividades a serem desempenhadas e os acontecimentos a bordo do navio polar ou desembarcados na Antártica. Referem-se a uma Antártica que se realiza não só fisicamente, mas que também existe no pensamento e na memória, e, nesse âmbito, se une a várias outras experiências.

---

We're homeward bound, oh, happy sound!  
    Good-bye, fare ye well,  
    Good-bye, fare ye well!

Come, rally the crew and run quick around,  
    Hurrah, my bullies, we're homeward bound!  
Our yards we'll swing and our sails we'll set,  
    Good-bye, fare ye well,  
    Good-bye, fare ye well:

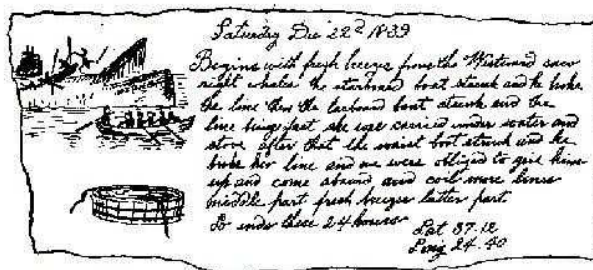
The whales we are leaving, we leave with regret,  
    Hurrah, my bullies, we're homeward bound!  
Oh, heave with a will and heave long and strong,  
    Good-bye, fare ye well,  
    Good-bye, fare ye well!

Oh, sing a good chorus, for 'tis a good song,  
    Hurrah, my bullies, we're homeward bound!  
We're homeward bound at last, they say,  
    Good-bye, fare ye well,  
    Good-bye, fare ye well!

Then tail on the braces and run her away:  
    Hurrah, my bullies, we're homeward bound!  
We're homeward bound, may the winds blow fair;  
    Good-bye, fare ye well  
    Good-bye, fare ye well!

Wafting us true to the friends waiting there,  
    Hurrah, my bullies, we're homeward bound!

---



58

## Referências Bibliográficas

ANDREWES, William. "A brief History of Clocks". In: Scientific American. 2012

Disponível em: <<<http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=a-chronicle-of-timekeeping>>>

AGOSTINHO. "Livro XI: O homem e o tempo." In: *Confissões*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

ARISTÓTELES. *Física I e II*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1999.

BASBERG, Bjorn L. e HEADLAND, Robert K.. "The 19th Century Antarctic Sealing Industry: Sources, Data and Economic Significance". Artigo apresentado em *SCAR/IASC IPY Open Science Conference - Polar Research - Arctic and Antarctic Perspectives in the International Polar Year*, 2008.

Disponível em:

<< [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1553751](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1553751)>>

BELLO, Ângela Alves. *Introdução à fenomenologia*. Bauru: EDUSC, 2006.

BERGUÑO, J. "Las Shetland del Sur: el ciclo lobero" - Primera parte. *Boletín Antártico Chileno*. Abril, 1993.

<sup>58</sup> Fragmento do diário de bordo do navio William Baker, 28 de dezembro de 1839. In: Verril, 1906.

BERGUÑO, J. "Las Shetland del Sur: el ciclo lobero" – Segunda parte. *Boletín Antártico Chileno*. Outubro, 1993.

BINFORD, Lewis. "Los pozos ahumadores y el ahumamiento de cueros: el uso de la analogía en el razonamiento arqueológico". In: HORWITZ, Victoria D. *Clasicos de teoria arqueologica contemporánea*. Buenos Aires: SAA, 2007. Pp. 41-59.

BOONE, James e SMITH, Eric. "Sigue siendo evolución? Una crítica a la arqueología evolucionista". In: HORWITZ, Victoria D. *Clasicos de teoria arqueologica contemporánea*. Buenos Aires: SAA, 2007. Pp. 147-212.

BONNER, W. N. "The Fur Seal of South Georgia", In: *British Antarctic Survey*. Londres, Nº 56, 1968.

Disponível em:

<<[http://www.antarctica.ac.uk/about\\_bas/publications/scientific\\_reports/index.php](http://www.antarctica.ac.uk/about_bas/publications/scientific_reports/index.php)>>

BORNHEIM, Gerd. "A concepção do tempo: os prenúncios. In: DOCTORS, Marc (org.). *Tempo dos tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales, 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CARDOSO, Ciro.Flamarion. *Tempo e História*. s/d.

Disponível em:<< [http://www.historia.uff.br/artigos/cardoso\\_tempo.pdf](http://www.historia.uff.br/artigos/cardoso_tempo.pdf)>>

CHILDE, Vere Gordon. *Aula inaugural*. s/d.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no séc. XX*. Rio de Janeiro: Ed, UFRJ, 1998.

DELANO, Amasa. A. *A narrative of voyages and travels in the northern and southern hemispheres: comprising three voyages round the world together with a voyage of survey and discovery, in the Pacific Ocean and Oriental Islands*. Boston: E.G. House, 1833.

Disponível em:

<<[http://www.archive.org/stream/anarrativevoyag00delagoog/anarrativevoyag00delagoog\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/anarrativevoyag00delagoog/anarrativevoyag00delagoog_djvu.txt)>>

DEETZ, James. *In small things forgotten: an archaeology of early american life*. Nova York: Anchor books, 1996.

DRUETT, Joan. *Petticoats Whalers: whaling wives at sea 1820-1920*. Hanover: University Press of New England, 2001.

DU, Ruxu e XIE, Longhan. *The Mechanics of Mechanical Watches and Clocks*. 2013.

Disponível em: << <http://www.springer.com/978-3-642-29307-8>>>

FANNING, E. *Voyages and Discoveries in the South Seas 1792-1832*. Salem: Marine Research Society, 1924.

Disponível em:

<<<http://ia700408.us.archive.org/3/items/voyagesdiscoveri00fann/voyagesdiscoveri00fann.pdf>>>

GAMBLE, Clive. "Time and Space". In: GAMBLE, Clive. *Archaeology: the basics*. Londres: Routledge. 2001. Pp-123-153.

GOODRIDGE, C.M. *Narrative of a voyage to the South Seas and the shipwreck of the Princess of Wales cutter, with an account of a two years' residence on an uninhabited island*. Exeter: W.C. Featherstone, 1839.

Disponível em:

<<[http://www.archive.org/stream/narrativeavoyag01goodgoog/narrativeavoyag01goodgoog\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/narrativeavoyag01goodgoog/narrativeavoyag01goodgoog_djvu.txt)>>

GUBER, Rosana. *El salvaje metropolitano: a la vuelta de la Antropología Postmoderna, reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo*. Buenos Aires: Editorial Legasa, 1991.

HALL, Eduard. *A dança da vida: a outra dimensão do tempo*. Lisboa: Antigos, 1996.

HARROWFIELD, David. "Archaeology on ice: a review of Historical Archaeology in Antarctica". *New Zealand Journal of Archaeology*, 2005. Vol. 26 (2004), PP. 5-28.

HARTOG, François. 2006. *Tempo e Patrimônio*. In: *Varia História*, vol. 22, nº 36. Belo Horizonte. Pp.261-273.

HEADLAND, Robert. *Chronological list of Antarctic expeditions and related historical events*. Nova York: Press syndicate of the University of Cambridge, 1989.

HODDER, Ian e HUTSON, Scott. *Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge: University Press, 2003.

HUGGES, Henry. *Seeing Unseeing: the Historical Amasa Delano and his Voyages*. 2010.

Disponível em:

<<http://drewarchives.files.wordpress.com/2010/03/henryhughespaper.pdf>>

HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.

HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. *Investigaciones lógicas*. V.3. Madrid: Revista de Occidente, 1929.



HUSSERL, Edmund. *Conferências de Paris*. LusoSofia Press. 1992.

Disponível em: << [www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)>>

HUSSERL, Edmund. *The phenomenology of internal time-consciousness*. Londres: Indiana University Press, 1973.

JAGUARIBE, Hélio. "Tempo e história". In: DOCTORS, Marcio (orgs.). *Tempo dos tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. Pp. 156-165.

JOHNSON, Mathew. *Archaeological theory*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

JOHNSON, Mathew. "Thinking about objects" IN: *Archaeology of capitalism*. 1996.

KARLSON, H. "Time for an archaeological 'time out'?. In: Karlsson, H. (ed.). *It's About Time. The Concept of Time in Archaeology*. Goteborg: Bricoleur Press, 2001.

LACICOR. *Relatório de Atividades de Conservação Preventiva*. Manuscrito digital. Belo Horizonte. 2012.

LANDIS, Marilyn J. *Antarctica: Exploring the extreme*. Illinois, Chicago Review Press: 2001.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LYMAN, e O'BRIEN, Michael. "Los objetivos de la arqueología evolucionista: su historia y explicación". IN: HORWITZ, Victoria D. *Clasicos de teoria arqueologica contemporánea*. Buenos Aires: SAA, 2007. Pp. 213-288.

LUCAS, Gavin. *The archaeology of time*. Abingdon: Routledge, 2005.

LUCAS, Gavin. "Historical archaeology and time" IN: HICKS, Dan e BEAUDRY, Mary. *The Cambridge Companion to Historical Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Pp. 34-47.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. *Tempo arqueológico*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

MARTINIC, Mateo. *Brief History of the land of Magellan*. Punta Arenas: La Prensa Austral Ltda, 2002.

MCGALE, Iain. *The Industrial History of Antarctica*. s/d.

Disponível em:

<<[http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Zxst\\_e0X0sJ:www.kma-web.com/PolarTourism/PDFs/IndustrialHistoryAnt.pdf+Iain+McGale+the+industrial+history+of+the+antarctic](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Zxst_e0X0sJ:www.kma-web.com/PolarTourism/PDFs/IndustrialHistoryAnt.pdf+Iain+McGale+the+industrial+history+of+the+antarctic)>>

MORRELL, B. *A Narrative Of Four Voyages, To The South Sea, North and South Pacific Ocean, Chinese Sea, Ethiopic and Southern Atlantic Ocean, Indian and Antarctic Ocean*. Nova York: J. & J. Harper, 1832.

Disponível em:

<<[http://www.archive.org/stream/anarrativefourv01morrgoog/anarrativefourv01morrgoog\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/anarrativefourv01morrgoog/anarrativefourv01morrgoog_djvu.txt)>>

MUGA, J. G. et al. *Time in Quantum mechanics*. Berlim: Springer, 2008.

MURDOCH, W. Burn. *From Edinburgh to the Antarctic: An Artist's Notes and Sketches During the Dundee Antarctic Expedition of 1892-93*. Edimburgo: The Paradigm Press, 1984.

Disponível em:

<<[http://www.archive.org/stream/fromedinburghto00murgooog/fromedinburghto00murgooog\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/fromedinburghto00murgooog/fromedinburghto00murgooog_djvu.txt)>>

MURRAY, Tim. *Time and archaeology*. Londres: Routledge, 1999.

PEARSON, Michael. *Conservation challenges in the South Shetland Islands, Antarctica*. Artigo apresentado na conferência do ICOMOS, *Extreme Heritage*, 2007.

Disponível em:

<<http://www.aicomos.com/wp-content/uploads/michaelpearsonpolarheritagepaper.pdf>>

PIETTRE, Bernard. *Filosofia e ciência do tempo*. Bauru: EDUSC, 1997.

PLATÃO. *Fédon*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979a.

PLATÃO. *Sofista*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979b.

PLATÃO. *Timeu e Crítias*. São Paulo: Hemus-Livraria Editora Ltda, 1981.

RAE, Alastair I. M. *Quantum Physics*. Oxford: One World, 2005.

REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ROSSUM, Gerhard Dohrn-van. *History of the hour: Clocks and modern temporal orders*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

SALERNO, Melisa. *Arqueología de la indumentaria: Prácticas e Identidad en los confines Del Mundo Moderno (Antártida, Siglo XIX)*. Buenos Aires: Del Tridente, 2006.

SCHÖPKE, Regina. *Matéria em movimento: a ilusão do tempo e o eterno retorno*. São Paulo, Martins Fontes: 2009.

SENATORE, M. Ximena; SALERNO, Melisa e ZARANKIN, Andrés. "Pré-industrial whaling in the south shetland islands, Antarctica". Apresentação no encontro do *Scientific Committee on Antarctic Research - Scar*. Buenos Aires, 2010.

SENATORE, M.X., A. ZARANKIN, M. SALERNO, I. y. VALLADARES, M.J, CRUZ. "Historias bajo cero. Arqueología de las primeras ocupaciones humanas en Antártida" In: BORRERO. L. e FRANCO, N. (eds) *Arqueología del Extremo Sur del*

*Continente Sudamericano*, Buenos Aires: Editorial Dunken DIPA-IMHICIHU-CONICET, 2008. pp. 117-130.

SENATORE , M.X. e A. ZARANKIN. "Arqueología Histórica y Expansión Capitalista. Prácticas cotidianas y grupos operarios en Península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur". IN: ZARANKIN, A. e ACUTO, F. (eds). *Sed Non Satiata*. Buenos Aires: Ed. Tridente, 1999. pp. 171-188.

SHANKS, Michael e HODDER, Ian. "Processual, postprocessual and interpretive archaeologies". In: HODDER, Ian, SHANKS, Michael, et al. *Interpreting archaeology: finding meaning in the past*. Londres: Routledge, 1995. Pp. 3-33.

SMITH, R. I. Lewis e SIMPSON, H. W. "Early nineteenth century sealers' refuges on Livingston Island, South Shetland Islands". *British Antarctic Survey Bulletin*, 74-06. 1987. Pp: 49-72.

Disponível em:

<<[http://www.antarctica.ac.uk/documents/bas\\_bulletins/bulletin74\\_06.pdf](http://www.antarctica.ac.uk/documents/bas_bulletins/bulletin74_06.pdf)>>

SOUZA, José et al. *Brasil na Antártica: 25 anos de história*. São Carlos: Vento Verde editora, 2008.

SPRIGGS, Mathew. "Are islands islands? Some thoughts on the history of chalk and cheese". In: CLARK, Geoffrey; LEACH, Foss e O'CONNOR, Sue (Eds) *Islands of Inquiry: Colonisation, seafaring and the archaeology of maritime landscapes*. Canberra: ANU E Press, 2008.

STACKPOLE, Edouard. *The voyage of the Huron and the Huntress: the American sealers and the discovery of the continent of Antarctica*. Connecticut: Connecticut Printers Incorporated, 1955.

Disponível em:

<<<http://www.biodiversitylibrary.org/ia/voyageofhuronhun00stac#page/1/mode/1up>>>

STYLES, John. "Time Piece: Working Men and Watches" In: *History Today*. Vol: 58/1, janeiro, 2008.

Disponível em: << <http://www.historytoday.com/john-styles/time-piece-working-men-and-watches>>>

THOMAS, Julian. "The politics of vision and the archaeologies of landscape". In: Barbara Bender (ed). *Landscape: Politics and Perspectives*. Oxford / Providence: Berg Publishers, 1993.

Thompson, E. *Time, Work-Discipline, and Industrial Capitalism*. 1967.

Disponível em: << <http://tems.umn.edu/pdf/EPTThompson-PastPresent.pdf>>>

TILLEY, Christopher. *A phenomenology of landscape: Places, paths and monuments*. Oxford: Berg publishers, 1994.

VAZ, Paulo. "Tempo e tecnologia". In: DOCTORS, Marc (org.). *Tempo dos tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VERRILL, A. H. *The real story of the whaler: whaling, past and present*. Nova Iorque / Londres: D. Appleton and Company, 1916.

Disponível em:

<< <http://mysite.du.edu/~ttyler/ploughboy/Verrill.htm#introduction>>>

WEBER, Florence. "A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?". In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

Disponível em:

<< <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a07.pdf>>>

ZARANKIN, Andrés e SENATORE, M. Ximena. 'Arqueología Histórica y expansión capitalista: practicas cotidianas y grupos operarios en la península Byers, isla Livingston, Shetland del Sur.' In: Zarankin, Andrés e Acuto, Félix A. (Eds). *Sed non satiata*. Teoria social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporanea. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, Colección Científica, 1999.

ZARANKIN, Andrés e SENATORE, M. Ximena. *Historias de un pasado en Blanco: Blanco: arqueologia historica antártica*. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

ZARANKIN Andrés. SENATORE M. Ximena e SALERNO, Melisa. "No man's land. Landscape Archaeology in South Shetland Islands, Antarctica". In: *Landscape Archaeology*. Andrés Troncoso & F. Acuto (eds). Oxford: British Archaeological Reports, International Series, 2009.

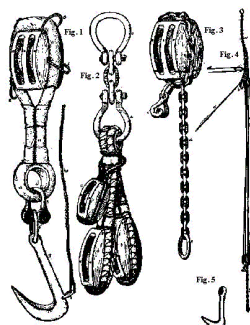
ZARANKIN Andrés e SENATORE, M. Ximena. "Archaeology in Antarctica, 19th century capitalism expansion strategies". *International Journal of Historical Archaeology*, V.9 (1):43-56. Nova York: Plenum-Kluwer. 2005.

ZARANKIN, Andrés e SENATORE, M. Ximena. "Hasta el fin del Mundo: Arqueología en las Islas Shetland del Sur. El caso de Península Byers, Isla Livingston". *Praehistoria* 3: 111- 123. Buenos Aires: PREP-CONICET, 2000.

s/autor. *Antarctic mariner's song*. In: James Croxall Palmer.

Disponível em:

<[http://www.archive.org/stream/antarcticmariner00palm#page/82/mod  
e/2up](http://www.archive.org/stream/antarcticmariner00palm#page/82/mod/e/2up)>



## ANEXOS

A arqueologia – talvez motivada pela natureza fragmentária do seu objeto (que se encontra, em última instância, no passado), ou talvez em decorrência da sua origem múltipla, ainda no século XVIII, a partir de conhecimentos desenvolvidos por outras áreas (estratigrafia geológica, evolucionismo biológico, etc.) – tem um histórico de proximidade com outras disciplinas. Uma vantagem epistemológica de tal proximidade interdisciplinar é o uso habitual de fontes de informação normalmente utilizadas e consolidadas por outras áreas de pesquisa. As fontes que utilizamos podem, facilmente, provir de várias *origens epistemológicas*<sup>59</sup>. É certo que a relação na arqueologia entre essas fontes não é desprovida de tensões e hierarquias, de denotações e de preferências. Há quem prefira se associar a uma ou

---

<sup>59</sup> Por exemplo, biológica (estudo das espécies de fragmentos ósseos arqueológicos tendo em vista fonte de alimentação, ou de micro-artefatos considerando sua sazonalidade, tais como pólen), geológica e química (análises de tipos de sedimento e seus componentes químicos derivados da presença humana em dado local), matemática (análises estatísticas de padrões de distribuição de artefatos em um sítio, ou de padrões de tipos de artefatos ao longo de determinado período de tempo), histórica (iconografia, fotografias históricas e documentos escritos, como diários, inventários, escrituras e plantas de imóveis), e assim por diante

outra disciplina. Há quem diga que análises químicas são meras técnicas, ou, por outro lado, técnicas fundamentais e absolutas. Enquanto isso, outros preferem que padrões generalistas se afastem de estudos micro-sociais.

Nesta dissertação reuni associações epistemológicas distintas, na esperança de tirar proveito da relação que travam entre si. Trabalhei com algumas fontes documentais e com entrevistas, firmando associação com a história e com a antropologia.

As informações textuais são primárias e secundárias, sendo que as secundárias servirão mais para estabelecer um contexto histórico-econômico das viagens de caça à Antártica. Os escritos feitos pelos próprios envolvidos nos eventos do século XIX, especialmente os diários de bordo, aqui tidos como documentação primária, apresentam algumas informações mais diretas e presenciais sobre os acontecimentos e sensações de estar naquela Antártica. Enquanto isso, as entrevistas com as quais trabalho aqui são alguns relatos de marinheiros brasileiros, a serviço em navio polar antártico do Brasil, em forma de conversa informal e entrevista semi-estruturada.

Essas duas fontes – histórica e antropológica – são compreendidas por meio de conceitos emprestados da filosofia, através da ontologia do tempo por parte dos filósofos clássicos e de Husserl. Em especial, tempo absoluto e tempo relacional, *fluxo do vivido*, *retenção* e *protensão*, *tempo imanente*, são utilizados como instrumentos para compreender o que seria o tempo antártico. Como expressões materiais do *fluxo do vivido* e, também, da experiência de tempo dos caçadores, os objetos recuperados arqueologicamente na Antártica, a serem apresentados mais a frente nesse capítulo, serão discutidos com base em alguns conceitos referentes à expressão material da temporalidade: durabilidade, longevidade e decadência.

Minha experiência de Antártica e impressões do tempo antártico são apenas sugeridas por algumas fotografias que apresentam o espaço como dotado de uma temporalidade única. Penso que o espaço antártico une essas experiências entre si tão distintas e, também, semelhantes – a dos marinheiros caçadores, a dos marinheiros brasileiros atuais e a minha própria.

É assim que, em grande parte, essa pesquisa foi, também, um breve exercício metodológico de associação de fontes de informação, de utilização de conceitos advindos de disciplinas afins à arqueologia, de ensaio e de especulação subjetiva. Os anexos, deixados em separado do corpo principal da dissertação visando maior fluidez da discussão, substituem a seguir o tradicional capítulo de apresentação de método, ou oferecendo algumas informações adicionais ou dados quantitativos relacionados à pesquisa.

## Anexo A

### **Diário fotográfico**

A seqüência de fotografias que inicia o Capítulo 2 desta dissertação foi feita enquanto a equipe de Arqueologia Brasileira na Antártica (UFMG) estava em campo. As fotos foram tiradas com uma câmera comum digital, aproximadamente de um mesmo ponto já que eu não dispunha de um tripé, ao longo dos 20 dias da nossa estadia na ilha Livingston e em vários horários distintos do dia. Busco demonstrar que a cada nova fotografia vê-se uma paisagem modificada, ainda que as alterações sejam sutis, o que diverge da noção de uma Antártica estática e congelada no tempo. Nesse sentido, a Antártica é, também, um espaço humano, transformado pelo teor e profundidade do nosso olhar.

Pretendo essa seqüência de fotos como um pequeno diário imagético. Um diário é uma narrativa que se faz a si mesmo, acerca de eventos considerados importantes o suficiente para merecerem a contradição entre o segredo e a história. Revela-se apenas para si mesmo, mas para um si que é também outro: o da memória futura. Mas há um momento em que ele se torna de interesse para outras pessoas, que se dá de acordo com o tema que aborda e segundo sua autenticidade e integridade. Assim, o diário, quando se trata de um diário de campo em suas três dimensões (diário de entrevista, de pesquisa ou íntimo), tem qualidade de “fora do texto” (Weber, 2009: 05). É uma reflexão crítica daquilo que foi visto. Esse diário, ao invés de uma crítica póstuma, é oferecido aqui como um prelúdio à compreensão do capítulo, da dissertação e da própria Antártica.



## Anexo B

### **Os marinheiros brasileiros na Antártica: breves entrevistas semi-estruturadas**

Desde 1982, pesquisadores e militares são enviados para a região da Antártica, em associação entre a Marinha Brasileira, responsável pelo trajeto e segurança dos pesquisadores, e várias universidades, que conduzem as pesquisas especialmente nos campos da geologia e biologia (Souza, 2008). O Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR) operava, além da Estação Antártica Comandante Ferraz (em funcionamento entre 1984 e 2011), dois navios polares tripulados com praças e oficiais, NP Ary Rongel e NP Almirante Maximiano.

Minha presença no navio nas operações antárticas XXIX e XXX (inícios dos anos de 2010 e 2011) e as impressões que tirei dela passam algo pela observação livre, para usar um termo da antropologia<sup>60</sup>. Os dias que passo no navio são poucos, apenas algo como duas semanas, porém algumas conversas informais foram anotadas em diário de campo. Além disso, foram realizadas algumas entrevistas semi-estruturadas, a partir de um roteiro (ver listagem de perguntas abaixo), e gravadas.

---

<sup>60</sup> É evidente, contudo, que a intensidade das relações não chegam ao nível da observação participante, como no caso de uma pesquisa propriamente antropológica.

Há quanto tempo serve a bordo do navio Ary Rongel? Você fica mais tempo no navio ou em terra?

Qual é a atividade que você desempenha?

Você sente que as atividades são organizadas mais em função das horas, dos dias da semana ou dos dias do mês?

Existe frequência de alguma atividade de lazer?

Quando o navio está em águas antárticas, as atividades são diferentes? Sua percepção de como o tempo passa é diferente de quando o navio está em águas brasileiras?

Enquanto você está a bordo do navio, você sente vontade de chegar logo ao destino?

Você pensa muito na sua família e na sua casa ou acaba se envolvendo nas atividades aqui?

Como se sente sobre seu tempo aqui, tendo em vista o que você planeja para sua vida?

Como você percebe a maneira que o tempo passa no navio, em comparação com a maneira que o tempo passa nos portos e no Brasil?

O roteiro balizou especialmente o início das entrevistas, de modo que não seguiu necessariamente a mesma seqüência e novas perguntas surgiram durante as conversas. Essas novas questões foram postas, sem temer perda de objetividade oriunda de uma falta de padrão nas perguntas. Todas as conversas e afirmações foram consideradas de mesmo valor informativo. Foram feitas entrevistas com apenas 5 pessoas<sup>61</sup> da tripulação do navio polar Ary Rongel, das quais todos eram praças (grupo de patentes inferior aos oficiais na hierarquia da Marinha Brasileira). Tiveram duração variada, oscilando de 18' até 50'. Alguns trechos transcritos foram utilizados na redação desta dissertação, adequando a linguagem falada a algumas normas da escrita, e optei não citar os nomes dos entrevistados, tanto por questões de sigilo, mas também para denotar universalidade. Penso que cada marinheiro é algo como uma síntese única do grupo do qual faz parte.

---

<sup>61</sup> Trata-se de um número baixo, caso me interessasse aqui uma análise quantitativa estatística ou uma representatividade por sub-grupo da tripulação. Apesar de que esse seria um estudo válido e interessante, não é o objetivo aqui. As conclusões que tiro das conversas que tive servem para indicar possíveis caminhos interpretativos do tempo antártico.

Busquei incorporar algumas categorias dos marinheiros nas minhas perguntas<sup>62</sup>. Ao conviver – ainda que minimamente – com os marinheiros durante duas expedições antárticas anteriormente às conversas semi-estruturadas, feitas em 2011, tive uma noção prévia, ainda que superficial, do universo dessas pessoas. Com isso, pude pensar na possibilidade do seu cotidiano a partir de alguns elementos. Antecipo, portanto, que as atividades desempenhadas no dia-a-dia, se relacionam com o modo de percepção temporal. Antecipo, também, que é possível que o passado faça parte do presente, nos termos da *retenção* de Husserl. Além disso, antecipo que exista um planejamento de vida subjacente à presença dos marinheiros na Antártica. Como não subjazer respostas às perguntas a serem feitas?

Minhas perguntas buscaram pautar-se no conceito de tempo e presume que o que quero dizer com *tempo* é compreendido pelos informantes como a mesma coisa. Quando penso em *tempo*, nas entrevistas, quero dizer tanto o tempo físico quanto o tempo percebido. Acredito que os marinheiros, no início da conversa pensam no tempo físico. No entanto, ao longo da conversa, percebem que falo também de outra coisa, que não é estranha a eles. A percepção variável da passagem do tempo não é uma idéia absurda, mas faz parte do cotidiano das pessoas. Conto com esse ponto de encontro.

Busquei, por outro lado, iniciar as conversas com perguntas mais descritivas, para entrar no tema do tempo gradualmente. Busquei também abordar o tema principal a partir da idéia do tempo cotidiano, das tarefas típicas realizadas e como elas são sentidas. Meu objetivo maior era construir alguma idéia preliminar de como se dá o tempo que os marinheiros passam na Antártica, tanto em termos de percepção da passagem de tempo, em termos de atividades diárias, quanto no que se refere aos seus planejamentos de vida. Acredito, após as entrevistas, que falar de trabalho, da repetição das atividades, foram tarefas talvez mais fáceis para os marinheiros. Talvez por estarem inseridas mais no presente que no passado ou no

---

<sup>62</sup> Reconheço que o universo cultural do qual pertencem e pertencem os marinheiros entrevistados não é o mesmo. Não é tão distante quanto em uma conversa entre um ocidental e um não-ocidental. Ou entre indivíduos de nacionalidades distintas. No entanto, não pretendo que seja idêntico, pelo contrário, pode ser uma vantagem na obtenção de respostas explicativas, por exemplo.

futuro, ainda que coexistam com *retenções* e *protensões*. Por outro lado, falar de lazer, de planos, de família, de memória e de saudade, pode trazer embaraço e hesitação. Em todo caso, tratam-se de questões que eles vivem cotidianamente, ainda que não reflitam sobre o assunto. Fazem, também, parte do seu dia-a-dia.

Ao todo não foi um estudo sistemático, visando a verificação de hipóteses, como também não houve um planejamento prévio intenso acerca de questões como local e momento de realização de entrevistas, ou outros recursos que podem ser relevantes. Além disso, tendo em vista as limitações que entrevistas semi-estruturadas, levadas a cabo em curto período de tempo, ter entrevistado uma pequena parcela do grupo e apenas pessoas desse grupo que pretendo conhecer um pouco melhor, associadas às minhas próprias limitações de entrevistadora inexperiente, reconheço ter coletado não mais que fragmentos de informação. Porém, para o objetivo aqui proposto, do levantamento de possibilidades de leitura da vida antártica, acredito que o resultado dessas conversas tenha sido positivo como uma investigação de caminhos de reflexão. Agora, após esse trabalho essencialmente preliminar, estaria bem preparada para iniciar uma série de novas conversas, para compreender as categorias e talvez, saber quais perguntas são relevantes para os marinheiros.

Finalmente, a consideração dessas percepções atuais do espaço antártico, em comparação com os relatos dos caçadores, permite compreender o espaço como conector de tempos distintos: o presente, o passado e o futuro. Acredito que essa distância entre eu e os marinheiros brasileiros e os caçadores/marinheiros do passado (distância essa que não é somente temporal, mas, também, social, cultural e de gênero, entre outras) permite o levantamento de hipóteses e sugestões acerca das vivências antárticas de tempo, duração e temporalidade. É, ainda sim, uma aproximação de momentos distintos permite discutir o espaço como ponto de convergência de percepções, imagens, sensações.

## Anexo C

### Informação textual

Vários trabalhos historiográficos foram realizados tematizando a descoberta da Antártica. No entanto, se ocuparam mais em determinar uma datação para o primeiro avistamento das terras austrais ou mapear cronologicamente o roteiro dos grandes exploradores (Pearson, 2007, 2011; Zarankin e Senatore, 2007). Tendo em vista essa situação, existem lacunas no conhecimento de vários aspectos da exploração e incorporação do continente branco à idéia de mundo.

Além disso, a documentação histórica primária sobre a caça foqueira e a caça baleeira na Antártica é escassa, fragmentária e distribuída ao redor do globo. Conseqüentemente, o que se sabe ao certo sobre essas atividades, principalmente a nível micro-social, não é substancial. Pouco se sabe sobre o cotidiano dessas pessoas, especialmente quando estiveram acampados nas praias<sup>63</sup>.

Os *textos* lidos aqui incluem bibliografia primária e secundária. A bibliografia secundária serve especialmente para contextualizar a conjuntura histórico-social da caça na Antártica. São estudos principalmente de historiadores e arqueólogos (Basberg e Headland, 2008; Boone, 1968; Delano, 1833; Fanning, 1924; Headland, 1989; Landis, 2001; Salerno, 2006; Senatore, Zarankin, Salerno, Valladares, 2008; Senatore e Zarankin, 1999; Smith e Simpson, 1987; Zarankin e Senatore, 1997, 2000, 2005, 2007; Zarankin, Senatore e Salerno, 2009), mapeando o descobrimento e a exploração do continente antártico. As informações que compilam se referem ao contexto econômico e político da época, delineando

---

<sup>63</sup> Os eventos que acontecem nos navios ou mesmo previamente às viagens podem ser encontrados nos – ainda que poucos – diários de bordo sobreviventes, como é o caso dos diários de bordo dos navios foqueiros *Huntress* e *Hero*.

momentos de pico da caça antártica, números de lucratividade e sua importância no mercado global, assim como sua localização geográfica e os métodos utilizados na atividade. Alguns desses textos focalizam a caça foqueira enquanto outros focalizam a caça baleeira. Outros, ainda, trabalham-nas em conjunto, dada a proximidade e eventual convergência de atividades. Aqui essas dimensões serão trabalhadas ora em conjunto, ora em separado, respeitando a fonte da informação textual referenciada.

A bibliografia primária utilizada aqui é muito menos numerosa. Trata-se de textos transcritos ou escaneados, na maior parte das vezes disponíveis na internet, visto que os documentos originais se encontram fora do Brasil – em grande parte, em arquivos na Inglaterra e nos Estados Unidos (especialmente em cidades portuárias, como Southampton/Inglaterra ou Boston/EUA). Os textos disponíveis para esse estudo contam com trechos de diários de bordo (*logbooks*) de caçadores de focas e de baleias, transcritos em textos de comentadores (Stackpole, 1955; Verrill, 1916). A maior parte desses trechos são citações em publicações posteriores ou compilações de trechos mais longos. Selecciono e transcrevo aqui alguns excertos importantes para essa discussão. São fragmentos de relevância aqui, já que os diários davam voz não somente ao capitão e oficiais, mas também aos praças e aos marinheiros sub-oficiais que dominavam a escrita. Em alguns desses documentos, qualquer tripulante poderia registrar os acontecimentos do dia. Não são necessariamente relatos diretos de como as pessoas experimentam o tempo na Antártica, mas são, em sua maior parte, comentários que permitem alguma inferência dessa natureza. Foi dada uma prioridade aos excertos diretos (não parafraseados) de diários de bordo, datados ou com referência explícita do navio ao qual se refere. O resultado dessa análise é culminado em discussões sobre as concepções dos caçadores de tempo físico, absoluto e linear, do tempo relacional, da influência do pensamento moderno nas experiências vividas na Antártica e da forte natureza temporária da presença dos caçadores naqueles espaços.

## Anexo D

### **Artefatos arqueológicos: antecedentes**

Os objetos arqueológicos provenientes das ocupações e das presenças na Antártica têm recebido alguma atenção (embora oscilante) desde a década de 1950. Naquele momento, se voltavam para a preservação e o restauro de sítios arqueológicos de destaque, especialmente das choupanas (*huts*) dos grandes exploradores antárticos do início do século XX, como Scott e Shackleton (Zarankin e Senatore, 2007; Pearson, 2007) e relacionados à era heróica (1895-1917) (Harrowfield, 2005).

A primeira vez que os sítios arqueológicos formados pelos caçadores de mamíferos marinhos desembarcados na Antártica receberam alguma atenção foi por meio de estudos não-sistemáticos, por ingleses nas décadas de 1950 e 1960, na ilha Livingston. Esses trabalhos revelaram um grande número de sítios, suas estruturas de refúgio (paredes em pedra e madeira) e objetos que utilizavam.

Esses trabalhos trataram de recolher objetos em superfície, fizeram algumas sondagens não sistemáticas e sem registro arqueológico. Não produziram relatórios, croquis, inventário ou mesmo se preocuparam com a salvaguarda dos objetos recuperados (Smith e Simpson, 1986). O trabalho que fizeram incluiu alguma datação. Alguns exemplares de garrafas de vidro feitas por máquinas foram enviados pelo Colonial Williamsburg Museum, Virgínia, datados de entre 1780 e 1820. Outro achado, uma vértebra de baleia inscrita 'B. S. Cutler SCH', também permitiu especular uma datação para o sítio. Presumindo que a inscrição se referia a Benjamin S. Cutler, que comandou o navio americano *Free Gift*, que passou pelas Shetland do Sul, em 1821-22, e que 'SCH' se refere à palavra *schooner*, os autores

sugerem que o sítio fez parte do primeiro ciclo foqueiro no arquipélago (1820-25). Foram também encontrados fragmentos ósseos de porco, vértebras com marcas de corte, faca com cabo de madeira, sapatos de couro, seta de ferro, estacas de metal e de madeira, tecido, garrafas, pregos e cravos de metal, lâminas, ossos de pingüins e focas, forninho de cachimbo, vela, forno.

Nas décadas de 1980 e 1990, trabalhos arqueológicos foram realizados nas ilhas Shetlands do Sul, em duas frentes nacionais de pesquisa: chilena e argentina. O arqueólogo chileno Ruben Steheberg (Stehberg, 2003) e sua equipe escavaram sítios em várias ilhas do arquipélago Shetland do Sul, tendo produzido relatórios e artigos e analisado os materiais. Os arqueólogos argentinos Andrés Zarankin e Maria Ximena Senatore (Zarankin e Senatore, 2007) trabalharam especialmente na identificação e mapeamento dos sítios na ilha Livingston, península Byers, catalogando informações propriamente georreferenciadas sobre artefatos e estrutura dos sítios (identificando áreas distintas, conforme atividades desempenhadas pelos caçadores). Sua preocupação, além da compilação de informações compreensíveis dos sítios, é, também, produzir uma narrativa histórico-arqueológica, inserindo-os no contexto capitalista mundial.

Os objetos encontrados, em superfície ou em escavações arqueológicas, incluem instrumentos relacionados ao trabalho (como foice, pederneiras e munição), vestimentas (sapatos, botões, luvas, fragmentos de tecido), vestígios relacionados à alimentação (garrafas de vidro e de grés, painéis em metal, fragmentos ósseos), objetos relacionados ao lazer (cachimbos, peças de jogo) e peças interpretadas como proveniente de indígenas americanos (levados à ilha Livingston pelos foqueiros), tais como instrumentos líticos e um crânio feminino ameríndio (Stehberg, 2003; Zarankin e Senatore, 2007).

Desde 2010, o grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (Leach / UFMG), em continuidade e consonância à pesquisa argentina, sob a coordenação de Andrés Zarankin, realizou três viagens de campo sazonais (no verão) à Antártica. Esse projeto, circunscrito pelo Programa Antártico Brasileiro, o PROANTAR, com financiamento do CNPq e FAPEMIG, tem escavados, desde então, oito sítios arqueológicos e fez prospecções de reconhecimento e



monitoramento. Esse trabalho resultou em uma coleção substancial de materiais arqueológicos.

Abaixo ilustro um sítio de refúgio típico na ilha Livingston, península Byers (figura 21), onde se vêem as paredes externas do recinto maior do refúgio em colapso, costelas de baleia na parte interna do mesmo e um afloramento natural adjacente ao sítio.



Figura 22: à esquerda, sítio Arqueológico *Punta Varadero* – RM, ilha Livingston, península Byers. Foto: Sarah Hissa (2011); à direita, planta do mesmo sítio. Fonte: Leach.

Hoje, os materiais coletados nas ilhas Shetland do Sul estão localizados em três locais diferentes: Conicet (Buenos Aires, Argentina), Leach – UFMG (Belo Horizonte, Brasil) e Museo Nacional de Historia Natural (Santiago, Chile). As peças e fragmentos arqueológicos da coleção são bastante numerosos, em condições variadas de preservação, são constituídas de diferentes materiais, são de procedência específica diversa e de níveis de profundidades diferentes. Potencialmente, referem-se a momentos distintos, a grupos de navios diferentes e nacionalidades diferentes. Sua coleta também foi distinta: em expedições diferentes, com diferentes arqueólogos dotados de formação acadêmica distinta, em projetos operando sob objetivos diferentes, técnicas distintas, pressões de tempo e financiamento diferentes. No entanto, na tentativa de reunir e disseminar

informações sobre esses objetos, uma Base de Dados Unificada foi criada, utilizando o *software Access* (Zarankin et al, 2011). A base contém informações de procedência, dimensões, material constitutivo, função provável, grau de conservação da peça e, na maior parte dos casos, uma fotografia, sendo todos os dados organizados em tabelas classificatórias e em fichas individuais para cada peça. As peças serão referenciadas aqui de acordo com o país que efetuou a coleta: Argentina, Brasil ou Chile, no arquipélago Shetland do Sul (para mapa esquemático da região, ver figura 22).

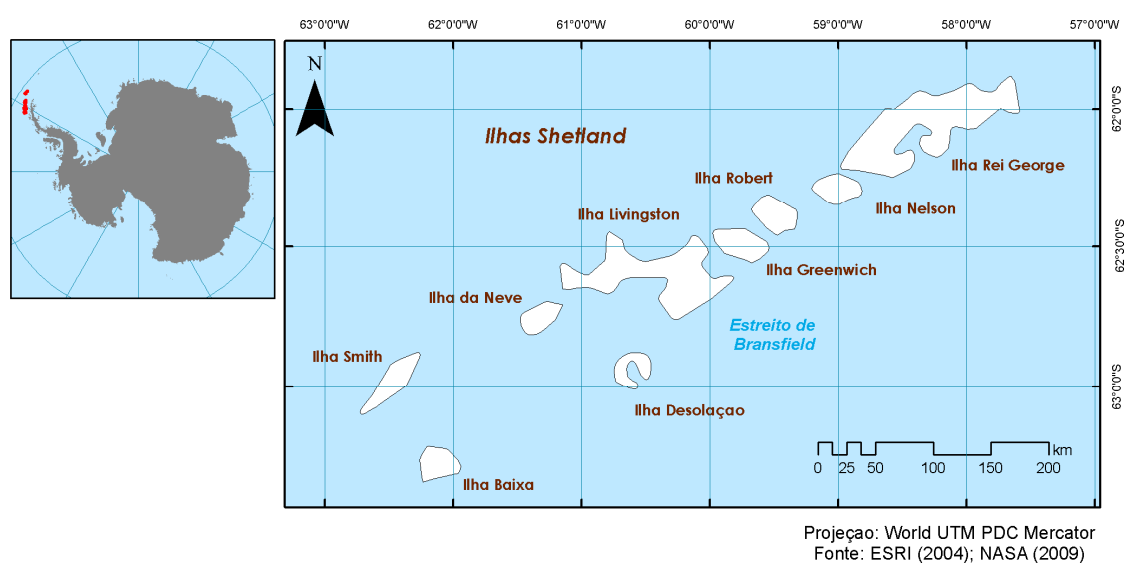


Figura 23: mapa esquemático do arquipélago Shetland do Sul, Antártica. Mapa: Letícia Hissa.

A coleção catalogada pela Argentina, contém 242 registros para fragmentos em couro, 69 em cerâmica, 143 em madeira (conjunto) e 90 em madeira (individuais), 332 em metal e 247 fichas para vidro. Os 1123 registros são referentes a coletas nas ilhas Livingston, Medialuna, Greenwich. A coleção chilena apresenta 189 registros. A coleta desses itens foi iniciada desde a década de em toda a Shetland do Sul, nas ilhas Medialuna, Greenwich, Rei George, Desolação, Livingston e Rugged. São vários os sítios arqueológicos de onde procedem esse material: Cora A, Cora B, Cora D, Cora F (ilha Desolação), Praia Maderas, Praia Yámana (Cabo Shirreff, Ilha Livingston), Punta Diablo 1 (Península Byers, Ilha Livingston), Klotz,

Refúgio Ruso, Praia Fontoura, Fuschloger 1, Tombolo 1, Cuatro Pircas e Itsmo Pinguinrera Bahía (Ilha Rei George), Rugged 1 e Rugged 2 (ilha Rugosa), e alguns itens de coleta superficial: Península Byers, ilha Livingston, e ilha Rei George. A coleção brasileira, atualmente em construção (já que os trabalhos de campo estão ainda vigentes), tem catalogadas as expedições realizadas em 2010 e 2011, em 598 registros, todos referentes a sítios escavados ou prospectados na ilha Livingston, península Byers (ver figuras 23 e 24).

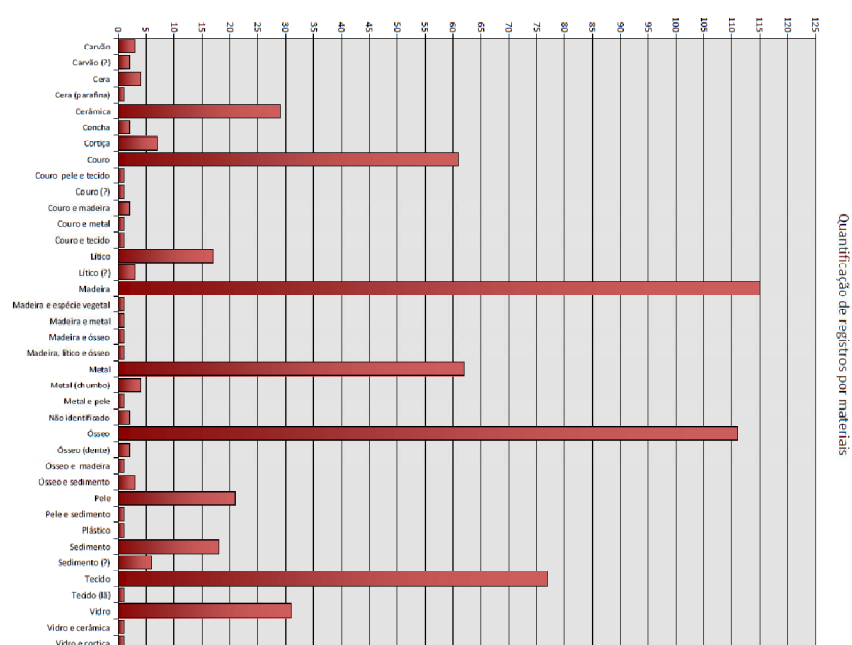


Figura 24: Tipos de materiais x quantidade de fragmentos, para a coleção brasileira, referente às coletas de 2010 e 2011. Fonte: LACICOR, 2012.

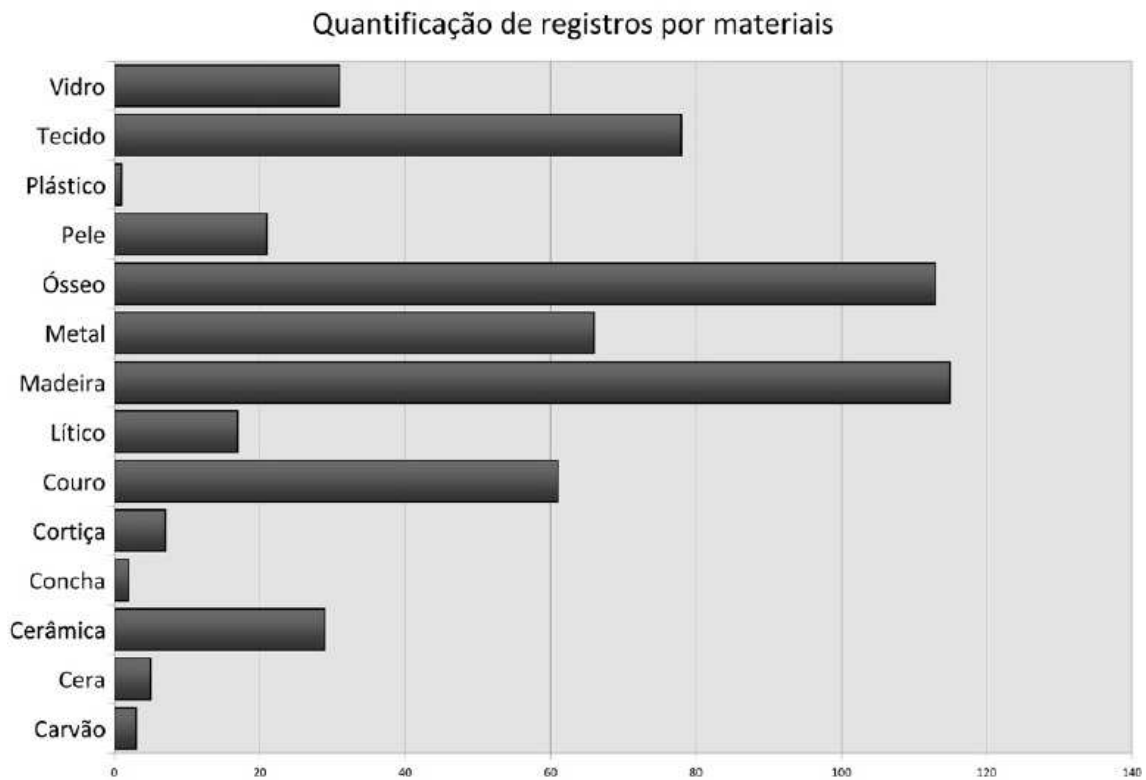


Figura 25: Quantidade de objetos coletados segundo sua constituição material (para a coleção brasileira, coletas de 2010 e 2011). Fonte: Zarankin et al, 2011.

Apesar de apresentar nesse anexo alguns poucos dados crus, esta dissertação não tem a pretensão de realizar como uma análise quantitativa de artefatos, da escavação ou dos sítios, mas de discutir alguns conceitos sobre tempo, espaço, materialidade e percepção.